

*Camilo*

Maria da Fonte



v. 114 X

0 114 Y Pia Baptismal do Mosteiro  
de Leça do Balio



54

*Benjamin Franklin*  
90



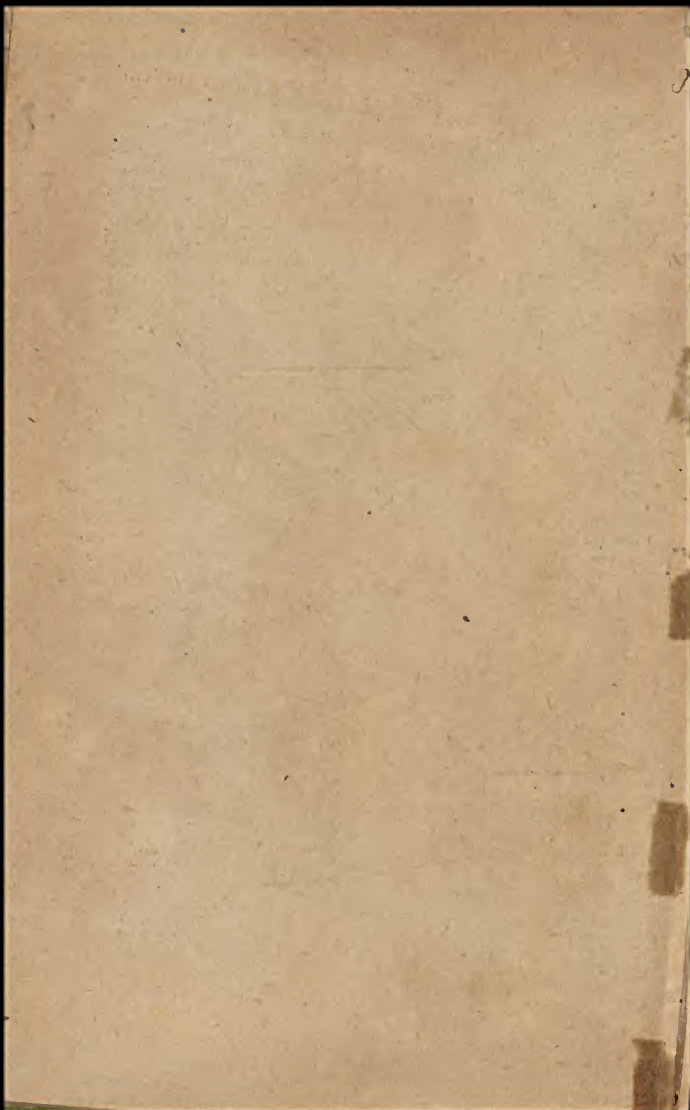
Porta da igreja do Convento de Cristo



MAZAR AMERICANO  
SANTOS  
R. Gen. Câmara, 12



unesp



cm

1

2

3

4

unesp

7

8

9

10

**COLECCÃO LUSITÂNIA**

**CAMILO CASTELO BRANCO**

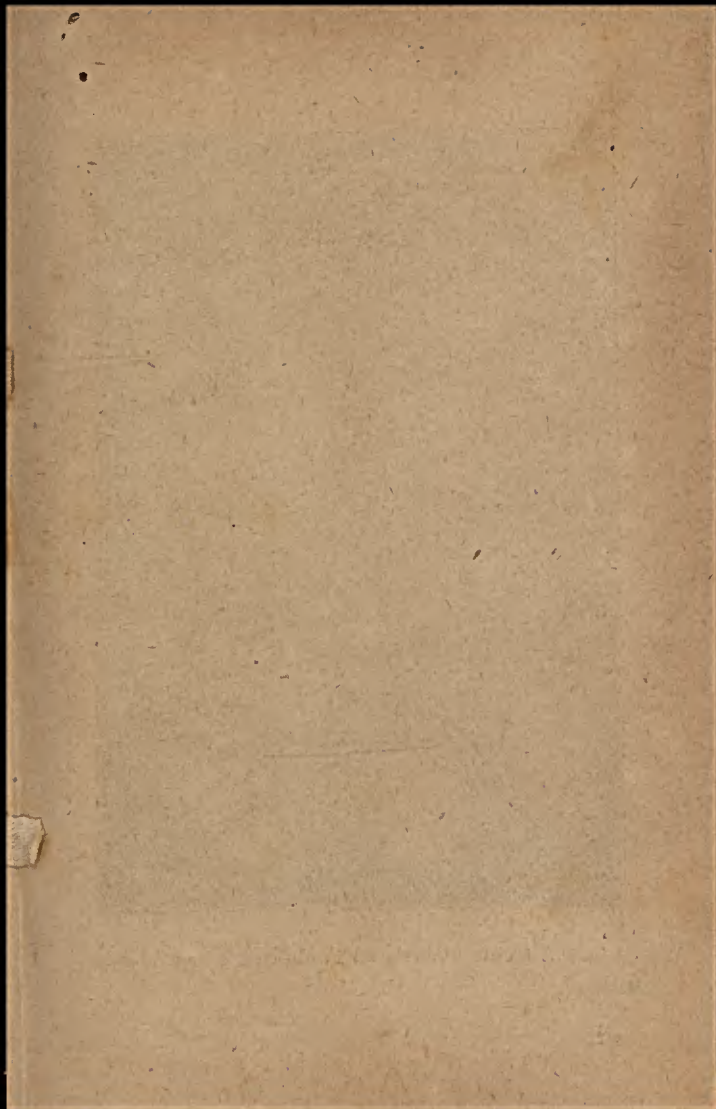
**MARIA DA FONTE**

—≡≡≡ EDIÇÃO ILUSTRADA ≡≡≡—



## COLECÇÃO LUSITÂNIA

- 1 — *Amor de Solroção*, por C. C. Branco.
  - 2 — *Riquezas do Pobre*, por C. C. Branco.
  - 3 — *Eusébio Macário*, por C. C. Branco.
  - 4 — *Corio*, por C. C. Branco.
  - 5 — *Cartas de Amor*, por Sôror Mariana e *Carta de Guia de Casados*, por D. Francisco Manuel de Melo.
  - 6 e 7 — *Nosso Senhor de Paris*, por V. Hugo.
  - 8 — *Amores do Diabo*, por C. C. Branco.
  - 9 — *Frei Luis de Sousa e Um Auto de Gil Vicente*, por Almelda Garrett.
  - 10 — *José Balsamo*, por C. C. Branco.
  - 11 e 12 — *Madame Bovary*, por Flaubert.
  - 13 — *Menina e Mão*, por Bernardim Ribeiro.
  - 14 — *Brasileiro de Prazins*, por C. C. Branco.
  - 15 — *Camões*, por Almelda Garrett.
  - 16 — *Romance dum homem rico*, por C. C. Branco.
  - 17 — *Cortos do meu molinho*, por A. Daudet.
  - 18 — *Frei-ro no subterrâneo*, por C. C. Branco.
  - 19 — *Vlogens na minha terra*, por Garrett.
  - 20 — *Carrasco de Vitor Hugo José Alves*, por C. C. Branco.
  - 21 — *Rafael*, por Lamartine.
  - 22 — *O Arco de Sant'Ana*, por A. Garrett.
  - 23 — *Mosalco e Silva*, por C. C. Branco.
  - 24 e 25 — *Noventa e três*, por Vitor Hugo.
  - 26 — *A Religiosa*, por Diderot.
  - 27 — *Livro de Consoloção*, por C. C. Branco.
  - 28 — *Atala, René, o Ultimo Abencerragem*, por Chateaubriand.
  - 29 e 30 — *Ultimos dlos de Pompeia*, por Lord Lytton.
  - 31 — *Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
  - 32 — *O Alfogeme de Santarêm e D. Filipa de Vilhena*, por Garrett.
  - 33 — *Fior d'Aliso*, por Lamartine.
  - 34 — *Mario do Fonte*, por C. C. Branco.
- Em preparaçào:**
- 35 — *O illustre Dr. Matcus*, por Erckmann-Chatrian.
  - 36 — *Cláudio*, por Lamartine.
  - 37 — *Damo das Caméllas*, por A. Dumas.
  - 38 — *No Bom Jesus do Monte*, por C. C. Branco.
  - 39 — *Manon Lescaut*, pelo Abade de Prévost.





...indo à frente a Maria da Fonte com a cruz alçada  
*M. da F.*

CAMILO CASTELO BRANCO

# Maria da Fonte

3.ª EDIÇÃO SEGUNDO UMAS EMENDAS DEIXADAS  
PELO AUTOR

0701002698



LIVRARIA CHARDRON, DE LÉLO & IRMÃO,  
EDITORES. R. DAS CARMELITAS, 144 - PORTO



BIBLIOTECA DA F. F. C. L. - ASSIS	
Data	8/6/9/08
Tombo	2698
	lml

---

PROPRIEDADE ABSOLUTA DOS EDITORES

---

869-2  
B 8160  
V. L. P.  
1.126

---

PORTO - Imprensa Moderna





## DISCURSO PROEMIAL

---

QUANDO eu abria as páginas d'êste livro singular do sr. PADRE CASIMIRO, ocorreram-me dois versos de Goethe, filtrados pela glote melíflua do visconde de Castilho:

*Tornai-me a aparccer, entes imaginários,  
que me enchteis outrora os olhos visionários. 1*

Sentia-me remoçar; — o sol da 'juventude a dissolver gelos sobrepostos de mais de meio século. A primavera dos dezanove anos a refflorir violetas, redoças de trepadeiras e froixeis de folhagem veludosa para os ninhos das aves hilariantes. O coração a encher-se-me de côres, de aromas, de músicas, de formas e ideais que eu tinha esquecido. Uma consolação infável como deve ser a do asfixiado que, salvo à morte, de súbito, sorve,

---

1 \* FAUSTO, Prólogo do autor.



a peito cheio, haustos redentores de exigénio. Emfim, a ressurreição da memória das coisas boas, dos sentimentos alegres — memória apagada no frontal de um crânio vazio como um vélbo jazigo com as letras do epitáfio obliteradas.

Esta tafularia de retórica só pode apreciá-la um vélho que haja sido moço, quando a História passava por esta nesga da Europa evolucionando os casos que padre Casimiro José Vieira condensou no seu livro. E é preciso, de mais a mais, que esse vélho seja infeliz e sinta a saúde atroz, sem desafogo e sem remédio, da sua mocidade. Porquanto, se a revolução do Minho lhe fôr a recordação horrente de uma época sinistra em que as notas de dez pintos se descontavam ominosamente com 15 tostões  $\frac{1}{2}$  de pêrda; as Inscrições a 32; a Espanha a emprestar-nos três milhões a 43 com comissão de 2  $\frac{1}{2}$  — se êle recorda com movimentos peristálticos dos seus intestinos baixos os toques a rebate nas tórres e nos quarteis, o *leva-arriba* canibalesco das casernas e das montanhas, os clarins estrídulos dos esquadrões com as espadas nuas, as invasões do José Passos aos Bancos, os 30:000 proletários do PADRE CASIMIRO «defensor das cinco chagas e general das duas provincias do norte» em redor de Braga a ulularem por D. Miguel I, a pândega cívica dos artistas e colarejas pelas ruas das cidades guinchando a *Luisinha*, os pianos com uma disenteria democrática patuleando em família o hino do Antas e da Maria da Fonte, os matadouros de Valpassos, Agrela, de Braga, de Tórres Vedras, do Alto do Viso, — se estas reminiscências assustam a sua memória de capitalista pacato, pondo-lhe no seu interior eólicas de futuras crises semelhantes, não leia. Ah! não leia êste livro o vélho que, há quarenta anos,



sofreu desfalques nas suas notas de moeda, ladroeiros patrióticas nas suas acções bancárias, nas emissões diabéticas de *bonds*, aboletamentos das legiões da Junta Suprema, ameaças à natureza do seu físico, e talvez à posse legitimamente canónica da sua espôsa um pouco desviada da «linha da boa conduta» por sugestões do batalhão académico ou dos oficiais do Concha, todos descendentes de D. Juan de Marañá. Ah! não leia.

Para que a MARIA DA FONTE seja uma lagrimosa miragem de saudades é preciso ter sido o que eu era — não ter possuído notas, nem valores bancários, nem aboletados, nem família de *Elvira* sujeitas ao iberismo lúbrico das hordas eastelhanas da quádrupla aliança. Assim, nestas condições especiais, compreende-se que eu, ao ler o índice das 458 páginas do extraordinário livro do PADRE CASIMIRO, proferisse a saudação de Goethe às reaparecidas imagens da sua mocidade:

*Tornai-me a aparecer, entes imaginários,  
que me encheis outrora os olhos visionários.*

\*

Há cinco anos, pernitoiu nesta casa de S. Miguel de Seide um clérigo de variadíssima sciência, dum trabalho indefesso no serviço da religião; e, na flor dos anos, pujante de seiva para lutar, barba por barba, com os atletas do estilo e da zombaria voltaireana. Era o padre Sena Freitas o meu querido e inesperado hóspede.

As antigas e as modernas sciências — as novas que vão solapando as vélhas pelos alicerces — tudo o que a Inglaterra de Shaftesbury e Toland enxertou na França de Bayle e Montesquieu, e a



Alemanha joeirou desde Lutero até Von Hartmann, o padre Sena Freitas sabe tudo isso, hauriu-o nos mananciais torvos e cristalinos, puros e impuros, nas livrarias profanas, nos cursos públicos de Londres, de Roma, de Paris. Ouviu preleccionar sôbre o transformismo darwinista, saturou-se de biologia e antropologia para não desconhecer os fios mais delgados da urdidura lamarckista, despiu-se da preocupação da batina para que a luz da sciência lhe batesse em cheio no peito de homem, e chegou à conclusão refrigerante de que o leitor benigno não é a transformação orgânica e psicológica de um antropopiteco — uma qualquer bêsta extinta e por isso incôgnita. Como naturalista, pois, Sena Freitas está com Wirchow, um sábio de reputação eminentíssima, como sabem. Cuidavam os senhores, talvez, que eu ia dizer que Sena Freitas estava com os padres Graíinha e Marnôco? Não sei isso, com certeza, quanto ao *Syllabus*; mas o averiguado é que êle estuda e sabe tudo quanto a Natureza de Lucrécio destilada nos alambiques da química, e granulada em miudezas de sciência pode ensinar e fosforear na massa cerebral. E a exuberância do que aprendeu é tamanha que o padre Sena Freitas está convencido de que há Deus e que a alma é imortal.

E, nesta persuasão, veio êle do colégio de Santa Quitéria, onde exercia o magistério, a S. Miguel de Seide, seis léguas decorridas, por que lhe constara que eu adoecera perigosamente. Viera deitar uma delicada sonda às profundezas do meu pantefismo de Spinoza, acender uma lâmpada diante da minha lúgubre e chagada escultura de Jesus Cristo crucificado, levantar essa lâmpada entre a minha alma amaurótica e a treva que me é na vida o prelúdio da treva eterna, e mostrar-me;



além na penumbra, duas veredas a bifurcarem-se, uma para Deus, outra para o Diabo — que, afinal, se abotôa com 75 por cento, pelo menos, das almas das várias cristandades; e quanto ao resto da espécie humana, que está fora da religião verdadeira, é tudo a oito.

O meu adorável amigo, com um sincero júbilo por se haver enganado quanto à minha doença mortal — e por me achar a escrever e a grangear a minha immortalidade por meio da costaneira barata e caneta de porco-espinho — sentou-se à beira desta mesa de trabalho.

Palestramos muito. Contei-lhe episódios da minha mocidade, as minhas predilecções políticas aos dezanove anos. Disse-lhe que eu tinha sido miguclista e afivelara esporas de cavaleiro (umas esporas de correia, de 12 vintens, por sinal) na legião formidavelmente estúpida do general escocês Reinaldo Macdonell. Falando-se em *Maria da Fonte*, não podia esquecer o lendário padre CASIMIRO, *general defensor das cinco chagas...*

— Conheço-o muito bem — disse Sena Freitas.

— ; Conhece, quem ? ; o padre Casimiro ? ; de tradição ou pessoalmente ?

— Pessoalmente. Vi-o há dois dias.

— ; Pois êle ainda vive ? Está assim vivo e obscuro um homem que acaudilhou trinta mil homens e abalou duas vezes o trono ! Que ingratidão é dêste país que êle arrancou às garras dos Cabrais ! ; Acaso é êle bispo, patriarca, ou Comissário geral da bula da santa cruzada ? ; Foi a Regeneração, filha sacrílega da Maria da Fonte e do cônego Montalverne, que o galardoou ? Digame tudo o que souber dêsse homem que eu julgava morto, num silêncio mítico, numa espécie de transfiguração de Çakia-Muni ou de Apolónio de



Tyanc, desde que executou a façanha hercúlea de limpar de cabralistas esta cavalharia de Augias!

No meu espanto, parece-me que ainda fui mais erudito; mas não me lembra o resto da apóstrofe.

Não era nada na escala das grandezas cívicas, nem na hierarquia sacerdotal, o padre Casimiro — informou Sena Freitas. Ia paliando a velhice com o estipêndio da sua missa e do ritual das festividades baratas. Não era nada mundanamente falando!

Assim devia ser nesta Bizâncio do ocidente. Na outra, o general Belisário, depois de exterminar os godos, vivia de esmolas do público. Aqui, o general Casimiro, tendo expulsado da Lusitânia os Cabrais, quinta essência de godos, vive da esmola da missa. Um seu colega, outro levita, caudilho também de guerrilhas transmontanas, escrevia panfletos incendiários no Porto quando o presbítero minhoto vibrava o bronze dos campanários. Um chegou a cônego, a bispo, a ministro do reino; e o outro, Cincinato à força e romano antigo quanto se pode ser no concelho de Felgueiras, está em Margaride a plantar couves galegas e a podar as parreiras do seu quintal!

Como êle desceu, num enxurro de calamidades, desde os penhascos de Vieira, sua terra natal, até Felgueiras, é isso uma secção importante dos APONTAMENTOS. A curiosidade do leitor malograrse-ia, se eu apoucasse em breves períodos algídos, sem as pulsações febris da paixão auto-biográfica, as muitas páginas que o reverendo sacerdote realça com a odisseia da sua corajosa desgraça e honrada teimosia de carácter político. Pelo transcurso dêste estudo, raras vezes trasladarei o que deve ser apreciado no livro que me vai espartando lembranças e notícias aproveitáveis para encher



espaços vazios e dignos de serem enviados à posteridade com a plenitude possível. O dele e o meu são dois livros que se completam.

Da existência do manuscrito desta obra me falara o meu amigo Sena Freitas. Pedi-lhe que incitasse o padre a publicá-lo, ou, pelo menos, mo confiasse por alguns dias. Pude obtê-lo. Como prefácio à sua obra, o snr. padre Casimiro José Vieira publicou parte de uma correspondência que trocamos, respectivamente ao mérito das suas memórias, escritas sem desvanecimento, conquanto, uma vez por outra, nelas transluzo o amor-próprio imodesto de César nos *Comentários*, de Chateaubriand nas *Memórias*, e de Lamartine na *História da Revolução de 48*.

Não achei então que aproveitar na contextura de um romance que eu andava esboçando — a *Brasileira de Prazins*; mas colhi sensações incomparavelmente mais deleitosas.

Os factos daquela época atrafam-me pela magia da saúde. Havia um ressurgimento de mortos, o grupo dos meus amigos a reaparecer, como visualidades adoradas de Goethe, com a vida palpitante de há trinta e oito anos. Tudo me lembra, como se após um dormir de Epimenides, acordasse hoje em 1846. Era eu quem de pé, sôbre o balcão do Zé-da-Sola, em Vila Rial, um lojista de cabedais de bezerro e vaca, muito legitimista, declamava enfaticamente e com os gestos mais violentos as proclamações do padre Casimiro estampadas no *Periódico dos Pobres*, e a carta, rica de conselhos em arte de reinar, dignos de Fénelon, enviada pelo correio à senhora D. Maria II. Era uma carta convulsionada de profecias trágicas, às quais eu dava toadas funéreas, expedições guturais como diz Renan, valha a verdade, que faziam



Ezequiel e Habacuc. A turba que me escutava, tôda orelhas, trovoava urros de um vandalismo que sobrepuja as minhas cordas vocais. Havia cabeças de granito que choravam como os pene-dos bíblicos; e vêlhos bachareis formados, antigos juízes de fora, com o simonte engatilhado aos narizes e as mandíbulas num prolapso de espanto, diziam: — Grande homem é o padre! é o 2.º José Agostinho de Macedo!

E eu, na qualidade de declamador correcto, prosódico e muito mímico, atribua-me um quinhão daquelas ovações, muito menos explosivas quando o leitor era António Tibúrcio, o meu amigo de infância que morreu há muito, depois de ter governado o distrito muitos anos, mantendo-se, com um grande tino, na média, entre a República e o Absolutismo.

Havia senhoras rialistas, filhas de capitães-mores, de desembargadores, de brigadeiros e morgados em decomposição, às quais eu lia as peças do «General das cinco chagas». Em algumas casas brazonadas acendiam-se castiçais com bobeches de papel verde nos oratórios de talha dourada, e faziam-se preces votivas, bastante caras, a vários santos muito anteriores à formação do regímen parlamentar, e por isso talvez indiferentes à revolução de 1820 e à política de Vila Rial. De permeio com as jaculatórias, bebia-se muita geropiga capítosa para, por meio da eferização alcoólica, dar alôr aos voadouros da esperança.

Que noites de alegria doida naquele inverno de 1846!

Eu tinha um tio analfabeto a quem o padre doutor Cândido Rodrigues Alvares de Figueiredo e Lima, logar-tenente do snr. D. Miguel I, prometera nomear corregedor da comarca, logo que se



desse o grito em Trás-os-Montes. Ah! eu ainda me delicieei a ouvir o grito e o *Rei-chegou*; mas os santos, domésticos das famílias heráldicas, caíram em um descrédito político que não há fusão possível que os rehabilite no meu conceito e no daquelas famílias bigodeadas e scépticas.

Mas que saúdades! que relances de olhos marcados, no decurso da leitura dêste livro do snr. padre Casimiro, eu lançarei àquele horizonte esvaccido para ver a minha sombra perpassar por entre os ciprestais onde se esfarelam os ossos de tanta gente querida que me levou para o seu poderoso o melhor que eu tive — a minha tão curta mocidade! Ah!

*Tornou-me a oparecer, antes imaginários,  
que me enchêeis outrora os olhos visionários.*

S. Miguel de Seide, 21 de Novembro de 1884.





2. 7. 142 47

PARTE PRIMEIRA

## MARIAS DA FONTE

É A MARIA DA FONTE a personificação fantástica de uma colectividade de amazonas de tamancos, ou realmente existiu, em corpo e fouce roçadoura, uma vírgo revolucionária com aquele nome e apelido?

É o que vamos esmiuçar.

Mas, em parêntesis: acho que faltam condições épicas neste período que acabei de immortalizar e exhibir à posteridade. Ao tratar das heróinas da revolução nacional de 1846, o meu estilo é lapantaneamente grotesco. De mais a mais, confunde-me a presença de um brinde impresso, proferido então pelo maior orador que deu Portugal, João Baptista de A. Garrett, em um jantar oferecido aos proseritos, repatriados pela porta que as fources das mulheres de Lanhoso e Vieira estilharam. Garrett exclamava: «...Muitas nações grandes e populosas terão de morrer sem deixar her-



deiro do seu nome, nem legatário das suas obrigações na terra. Mas nós não podemos morrer; não devemos morrer, enquanto entre nós houver homens como há pouco se manifestaram; muito menos ainda enquanto entre nós houver mulheres como agora as vimos. (*Muitos avoiados*) como essas que há pouco surgiram no norte de Portugal, renovando tôdas as glórias que pareciam fabuladas, de Alimbarrota, de Diu e de Chaul. Senhores, nós acabamos de presenciar uma grande revolução, uma revolução que tem (perdoe-se-me repisá-lo) que tem, além de todos os outros caracteres brilhantes, o magnífico, o transcendente carácter de ser verdadeiramente popular, por que começou pelas mulheres. (*Avoitados*). Ouási que ainda não houve uma revolução verdadeiramente grande, verdadeiramente nacional que assim não começasse, desde a expulsão dos Tarquínios até hoje...»<sup>1</sup>

Se eu assistisse ao cívico banquete — onde *a presença das senhoras*, como diz Gomes de Amorim, *explicava a feição que deu o poeta à parte do seu discurso* — aplaudiria a gritos de alma essas frases eruditas e enemiásticas das mulheres viris do Minho, até para envergonhar os homens afeeminados de Lisboa; porém, todo o meu entusiasmo esfriaria num sorriso zombeteiro das grandes mulheres e dos grandes oradores, quando vi, em junho de 1849, o snr. conde de Tomar no ministério e os obreiros dinheirosos da revolução do Minho compelidos, em 1851, a comprar sargentos e soldados do 18 de infantaria. Os vencedores eram os

---

1 GARRETT: Memórias biográficas por Francisco Gomes de Amorim, tómo III, pag. 200 e seg.



eruzados novos de alguns burgueses da cidade heróica, distribuidos por Salvador França no quartel de Santo Ovídio, onde o aliciador penetrara com chaves falsas forjadas por Vitorino Damásio na fábrica do Bolhão. O extermínio do cabralismo não promanou da revolução do povo; foi da indisciplina militar. As balas que prostraram cadáver o coronel Cardoso pesaram mais na balança da política portuguesa que os setenta e sete milhões desfalcados no capital do país com a guerra civil de 46 e 47. Depois, bem sabem, a espada do Saldanha também pesava mais que a de Breíno, quando o ouro se levantava na outra ceneha da balança. O conde de Tomar negociara-o indirectamente em 46 para a emboseada de 6 de outubro, e vai ele depois em 1851... Ora esta ! cuidei que estava agora a compor um artigo para um jornal eclético de há trinta anos !... Está fechado o parêntesis.

\*

Sobre a personalidade única, singular e distinta de Maria da Fonte entre as mulheres amotinadas no coneelho de Vieira, o depoimento do snr. padre Casimiro deve ser o primeiro neste processo de investigação.

Refere o minucioso historiador que um sapaiteiro de Simões, da freguesia de Fonte Areada, o avisara de que lhe maquinavam a morte; e, na mesma ocasião, se mostrara réecoso de que lhe matassem sua irmã Maria Angelina, a quem chamavam *Maria da Fonte*, e fôra processada e pronunciada nos tumultos da Póvoa de Lanhoso. Perguntou-lhe padre Casimiro o que fizera ela para



ganhar tal nome. — Nada, respondeu o sapateiro; apenas acompanhara as outras mulheres que arrombaram a cadeia da Póvoa para soltar as prêsas que primeiramente se levantaram contra a Junta de Saúde. Insistiu o padre em querer saber a causa por que a distinguiram das outras. Explicou o artista que Maria Angelina se estremava das mais por estar vestida de vermelho: e, por isso, o empregado, que fizera a lista das amotinadas, a pusera na cabeça do rol, com tal nome, por não lho querer dizer alguêm que elle interrogara. Perguntou o padre Casimiro se havia alguma *fonte* à beira da casa de Maria. Que não. Chamavam-lhe *da Fonte* por ser da freguesia de *Fonte* Arcada. O interrogador ficou satisfeito, acreditou e felicitou o sapateiro por sua irmã ter conseguido nomeada tam distinta. M d F

E, passados meses, indo ver a Maria da Fonte, encontrou uma mulher trigueira, de estatura mediana, desembaraçada, robusta, entre vinte e trinta anos. M d F

Dá a pouco, terminada a revolução promovida pelos setembristas, uma doceira de Valbom, nas vizinhanças de Lanhoso, andava pelas feiras e romarias inculcando-se a *Maria da Fonte*. Padre Casimiro, estranhando naturalmente o duplicado, pediu informações ao abade de S. Gens de Calvos, pároco e vizinho da doceira. O abade confirmou ser ela a célebre Maria da Fonte. Não obstante, o nosso autor, sem apoucar os serviços da doceira — pelo contrário, os encarece — entende que a verdadeira é a de Simães, por ser de *Fonte* Arcada, e não a outra, visto que o nome lhe não foi dado por ter prestado maiores serviços, aliás de direito lhe pertenceria. Acrescenta o monógrafo da revolução de 46 que Maria Angelina ou da Fonte, mor-



7 } rera, anos depois, em Vila Nova de Famalicao ou por ali perto.

x } Quanto ao óbito de Maria Angelina foi o sr. padre Casimiro incorrectamente informado. É certo ter vivido e morrido em Famalicao uma endiabrada mulher, volteira e espaneadora, a quem chamaram *Maria da Fonte* por analogia de bravura com a façanhosa revolucionária do Alto Minho. Em diferentes terras do país se chamaram antonomásticamente *Marias da Fonte* as mulheres valentes e decididas.

\*

Outro testemunho importante de um coevo e vizinho das mulheres iniciadoras da revolução. Quem depõe é José Joaquim de Ferreira de Melo e Andrade, senhor da casa da Agra, na Póvoa de Lanhoso, falecido em novembro de 1881, com idade excedente a oitenta anos. Desde 1874 que conservo com muita estimação as notas verídicas que recebi directamente daquele respeitável fidalgo. É textualmente sua a redacção eireunspecta e redondamente fraseada da biografia da mulher de infima condição cujo nome ficou perpetuado num levantamento nacional, e se leu estampado com assombro nos periódicos do velho e novo mundo. Na exposição que vai ler-se há pormenores que não expungi. Quem os relata desapaixonadamente assistiu à irrisória iniciativa da revolução, e os jornais da época desenhoceram-os.



## MARIA DA FONTE

(1846)

«Na madrugada de 24 de junho de 1822, Josefa Antunes que morava em uma casinha sobranceira à fonte do Vido<sup>1</sup> no lugar do Barreiro, da freguesia de Fonte Arcada, levantou-se da cama, vestiu-se e correu pressurosa à fonte para colher água de S. João, antes do sol nado, por que, dizia, era água de muito préstimo para todos os achaques.

Ao aproximar-se, ficou surpreendida, vendo à beira da fonte um embrulho de baetas sobre uma pedra. Pegou no embrulho; e, parecendo-lhe que encerrava cousa viva, voltou com elle para casa; e, passando a examiná-lo, achou uma menina recém-nascida e muito vividoura. Aplicou-lhe logo os peitos (por que lhe tinha morrido, dias antes, uma criança); a menina mamou e adormeceu.

Sem lhe lembrar mais a água milagrosa, preparou-se e partiu com a menina para a Póvoa. Apresentou-se ao rodeiro, e este, depois de a examinar, disse-lhe que seria bom levá-la à igreja para receber o sacramento do baptismo, para o que se offereceu Josefa Antunes. O rodeiro então, lançando mão do capote, e mais a ama, marcharam com a menina para a igreja de Fonte Arcada. Lá, ao preparar a criança para receber o sacramento, acharam-lhe cosido, na fralda da camisinha, um bilhete que continha a seguinte copla:

---

1 Havla junto à fonte um antigo vidoeiro (*Betula alca*) que um raio espedaçou no meado do século xviii, donde deriva o nome.



*Dis-me exposta junto à linfa  
que aqui mana deste monte.  
Serei dela a elara ninfa,  
serci Maria da Fonte.*

O pároco riu-se muito, riram todos, e a criança baptizou-se com o nome de *Maria da Fonte*; e, depois de lavrado assim o térmo, voltaram ambos para a Póvoa.

Fácil foi a Josefa Antunes obter aquella exposta para criação; por isso, depois do rodeiro fazer o assento do estilo, pôr-lhe o número ao pescoço; e ela recéber d'ele o enxoval do costume, voltou para a Fonte do Vido, muito satisfeita por tam depressa achar um linitivo que lhe mitigava as saudades do seu menino que pouco antes havia perdido. Nenhuma ama houve que maior afeição criasse à sua pupila, pois queria-lhe tanto como ao próprio filho; mas este excessivo amor foi a perdição daquela rapariga.

Já o tempo da lactação tinha passado e a criança medrava a olhos vista, sempre sadia, rubicunda e travessa. A ama a quem ela chamava mãe olhava-a com a maior complacência como se nela se lhe encerrassem tôdas as riquezas do mundo; mas descurava totalmente de a educar.

Em 1828, quando se consumara a usurpação, cantava já a fanfarra do Rei-Chegou com tais arrebiques que atraía a atenção dos ouvintes; e não faltava quem por' isso lhe dava alguns cobres que immediatamente ia gastar em vinho nas vendas do Cruzeiro, recolhendo-se sempre embriagada. A ama sabia tudo, mas não se dava por achada.

Em 1830 ainda ignorava a doutrina cristã e não sabia pegar na roca; mas proferia palavras obscenas; lutava com os rapazes da sua idade, e,



quando os levava de baixo, a mãe adoptiva ria que se consolava; e, se lhe trazia alguma fruta ou lenha das propriedades dos vizinhos, limitava-se a perguntar-lhe se lá ficou ainda mais.

Em 1840 havia chegado ao seu perfeito desenvolvimento. Não era baixa, mas refeita, madeixa comprida e bem povoada de cabelos pretos; olhos, sobranceiras e pestanas negros; mas estas arcadas e salientes; nariz direito de asas folgadas; bôca breve e sem riso; rosto afogueado e redondo; vista firme; voz algum tanto varonil, forte e sã; temperamento irascível; trato grosseiro; teimosa e rispida nas respostas. Supunha-se invulnerável, e assim afugentava os admiradores e lisonjeiros; mas uma *reverenda* melúria venceu todos êsses redutos, e, no fim de nove meses, a roda dos expostos deu mais uma volta.

Por êste tempo Josefa Antunes, sendo atacada de uma febre escarlatina, em menos de treze dias rendeu a alma ao Criador; e Maria da Fonte, ou por conselho alheio ou por deliberação própria, alugou uma pequena casa na mesma freguesia, sita no lugar de Valbom e transferiu-se para ella com todos os haveres que lhe ficaram da sua mãe adoptiva que a levou para a sepultura, como se costuma dizer em tais casos, atravessada no coração: tanto era o amor que lhe tinha... <sup>1</sup>

Nesse tempo foi que os missionários (prossigue o meu informador), como se estivéramos nos sertões da América, ou não hoavesse párocos nem

---

1 No manuscrito de Ferreira de Melo segue a noticia do fingido D. Miguel I, preso na residência do abade de S. Gens. Este episódio faz parte do romance intitulado A BRASILEIRA DE PRAZINS.



confessores, principiaram a cruzar por estes sítios, quais andorinhas em maio, sobre os verdes linhares, ao avizinhar-se a trovoadá. Maria da Fonte começou a segui-los por toda a parte, e a roda dos expostos deu mais duas voltas... apesar de ella se vestir de róxo e preto, despojar-se dos seus belos cabelos, deixando a clássica marrafa, cortada horizontalmente duas linhas acima das suas arqueadas sobranceiras. Era este o decantado uniforme da milícia daqueles senhores que por aqui rcerutaram a mãos largas, distinguindo-se assim dos mais fiéis principalmente dentro das igrejas, onde se assestavam sobre as sepulturas, com as testas pousadas nos taburnos e as garupas alçadas para o ar... como obuzes; ou agrupando-se arrebanhadas no cucuruto da igreja, soltando uma ou outra, de quando em quando, em voz inteligível e de cabeça torta, o terno gemido. *ai meu Jesus!* Tudo isto se presenciava e Maria da Fonte sobressaía a todas. Os confessionários não criavam teias de aranha, nem ferrugem as chaves dos sacrários. Versinhos e jaculatórias não faltavam: tudo santidades e um céu coberto.

Começara o ano de 1846 docemente reclinado nos fagueiros braços da mais bonançosa paz. A agricultura prosperava, o comércio desenvolvia-se, as artes floresciam, o crédito público aumentava, a viação começava os seus primeiros ensaios e as contribuições não escaldavam. Mas o surdo mugir do touro do Minho, conquanto mal percebido, ouvia-se por toda a parte sem se saber da sua guarida: é que o incomodavam sonhadas visões no antro do seu repouso. O prurido da desconfiança principiava a inquietá-lo; e o hálito corrosivo, mandando clandestinamente dos bons ministros da paz para os ouvidos das filhas de Sião, estas infec-



cionavam o ar que o touro, mugindo, aspirava. Por isso, viu-se em março na freguesia de Garfe onde tinha estado o apóstolo de Leiria,<sup>1</sup> uma nu-

---

1 Quem fôsse este «apóstolo de Leiria» elucida em outra página das suas notas Ferrelra de Melo e Andrade, ao dar notícia do *D. Miguel I* que enganou o abade de Calvos, (*Brasileira de Prazins*) e prossegue: «Não tardou muito que apparecesse na freguesia de Garfe, do concelho de Lanboso, outro individuo desconhecido aparentando quarenta e tantos anos de idade, com seu capote de pano azul forrado de vermelho, fardeta, calça e colete da mesma cor e fazenda, chapéu grosso de copa alta e larga, butes de atanado, cabelos pretos um tanto grisalhos, rosto tri-gueiro e oval, barba feita, nariz regular e semblante abea-tado. Não era baixo nem alto; falava brando e pausado; mas sempre com reticências e mistério. Ali se recolheu na casa de um lavrador, onde permaneceu encerrado alguns dias ocupando-se na leitura de livros místicos, e de noite, em catequizar, a seu modo, a familia em volta da lareira. E declarou que mais onze como êle tinham partido de Lei-ria, sua pátria, e se espalharam por outras partes, para anunciar a palavra de Jesus Cristo. Que lhe não convinha mostrar-se, por que se arriscava a ser martirizado, embora o desejasse; mas que ainda não era chegada a sua hora. De tal sorte se fez acreditar perante aquela gente boçal que já o tinham em conta de grande santo, pois por onde passava deixava tudo fanatizado. Assim discorria pelas melhores casas; até que, tendo noticia disto a autoridade administrativa, o mandou vir preso à sua presença, onde deu idênticas respostas, acrescentando que vinha em nome de Deus cumprir sua missão, e que para êle as prisões abriam suas portas de par em par; pelo que, nada receava. Mandou-o o administrador para o governo civil, mas aí foi posto em liberdade; e, passados poucos dias, voltou a Garfe, e de lá passou a outras freguesias, continuando sempre as mesmas práticas, até que saiu a campo o tu-multo dos enterros, e então desapareceu».



vem de bacantes, tôdas de marrafa como a dos leigos da ordem beneditina, arrepanhar um esquife e conduzi-lo à igreja dando-lhe sepultura entre risadas e motejos, na presença do Deus vivo, ali sacramentado! A autoridade deu logo parte do sacrilégio, pediu providências, pediu força armada; mas nem resposta obteve. Era a repetição do que pouco antes se havia praticado na freguesia de Travassós, no concelho de Guimarães, com os enterramentos. Nos primeiros dias de abril repetiu-se igual profanação na freguesia de Fonte Arcada; mas de balde a autoridade participou ao governador civil. Quási no fim dêste mês, no lugar de Simões, freguesia onde o hálito da corrupção mais tinha penetrado, e a dourada nuvem de Londres havia assombrado um pouco, estreou-se nova companhia de bacantes, como se vai ver com pormenores.<sup>1</sup>

Achava-se depositada na capela do lugar em ataúde fechado sôbre eça enlutada de crepes uma defunta de família honesta. Chegou a hora de ser transferida para a igreja paroquial com acompanhamento de pessoas que ali tinham concorrido tanto para desanojar os doridos como para acompanhar à última morada os restos mortais daquela finada. Já o pároco se achava paraimentado, já responsava a defunta e levantava o *memento*, já ondeavam as alvejantes sobrepelises, repartiam-se as tochas acesas, e hasteava-se à porta da capela a cruz da redenção, quando, de repente, apparecem

---

<sup>1</sup> A dourada nuvem de Londres é a herança de algumas centenas de contos que levantaram à opulência alguns jornaleiros, resvalados depois à miséria e ao latrocínio. O romance *Domínio do ouro* foi urdido com os apontamentos de Ferreira de Melo.



quatro bacantes, de cabelos cortados e amarrados na testa debaixo de lenços brancos atados na nuca, em mangas de camisa, saias pelos jeolhos, presas nas cinturas e descalças. Entram na capela, arrebatam o ataúde, põem-no aos ombros e caminham a passo dobrado para a igreja, indo à frente Maria da Fonte com a cruz alçada, e uma horda de Amazonas rodeando o caixão, umas de chuços, outras de ferrêlhas e pás de enfiar, muitas com choupas e sacholas, algumas com forcados e espêtos, e até uma com uma colher de ferro amassada, formando duas pontas com que ameaçava arrancar os olhos de quem se lhe pusesse diante.

Após dêste préstito buslesco, foi-se abalando em seguida o pároco, o clero, e no couce dêste os concorrentes, muitos sem surpresa desta novidade, que até parecia à maior parte dêles muito honesta e importante e para bem de todos, por que já o hálito pestífero lhes tinha civadas as cabeças.

No meio do trânsito, as bacantes levantaram vivas, e seguiram até entrarem na igreja da paróquia. Elas mesmas enxotaram do interior sem exceção o sexo masculino, pondo guardas às portas, armadas de choupas e forcados; e, depois de collocarem o ataúde sobre a eça, levantaram o taburno de uma sepultura, despejaram-a, extraíndo os restos das ossadas com a terra, desceram novamente o ataúde ao fundo daquela sepultura, reenchendo-a de novo com a mesma terra e fragmentos humanos; e, depois de lhe assentarem o taburno, bateram palmas, deram *vivas* à religião e às leis vélhas, *mórras* às leis novas, levantaram as guardas e foram-se embora.

Ninguém ali foi testemunha disto senão o Sacramento e as sagradas imagens dos altares, e



mesmo uns olhos que ficaram escondidos por detrás da tribuna do altar-mór, que desgraçados seriam, se fôsem lobrigados pelos olhos que se aninhavam debaixo das marrafas beatas daquela súa. Só então é que entraram na igreja o pároco, o elero e os seculares em limitado número, por que os mais dêles tinham retirado. Seguiu-se a missa e o offeio do *corpo presente*, posto que o corpo já estivesse sumido seis palmos debaixo da terra. E, afinal, reebebendo o elero a eolação e a esmola eostumada, também retirou.

A autoridade administrativa deu logo parte de tudo por expresso ao govêrno eivil pedindo pela tereira vez alguma fôrça; mas nada de novo. Limitou-se então a mandar prender Maria da Fonte e algumas outras Amazonas que se tornaram salientes. Tôdas foram presas, exeepto Maria da Fonte que se escondeu. O juiz de direito retirara-se para sua casa até ver no que paravam as modas. O ordinário, que nessé tempo era seu substituto nato, resolveu ir à igreja levantar auto do faeto, procedendo à exumação do eadáver. Na sexta-feira próxima em que havia confessores para desobriga, dirigiu-se para lá eom o delegado e eserivão da semana, offeial de diligências e mais adjuntos; porém, logo que ali ehegaram e se soube o seu intento, foi eomo se estourasse uma bomba no meio da igreja. De repente, as Amazonas puseram-se tôdas em aeção. Umás foram toear os sinos a rebate, outras espalharam-se amotinando gente; muitas procuravam os da *Justiça*, eomo elas diziam; preguntavam pelo dos *óculos*, o delegado, outras deram sôbre o juiz eom uma pá do forno e ainda lhe desearegaram uma pancada nas eostas; outras perseguiani o eserivão que por muito gordo cuidou de abafar



quando fugia. Os oficiais de diligências ninguém mais os viu.

Continuavam os sinos a tocar a rebate nesta e noutras freguesias em roda. Já o adro e avenidas estavam cobertas de mulheres e outras vinham chegando. Foi então que apareceu a Maria da Fonte de clavina empunhada e duas pistolas no cinturão, <sup>1</sup> gritando: *Vamos à cadeia tirar as presas! Viva o snr. D. Miguel!* E, sendo entusiásticamente correspondida por tóda a multidão, principiou esta a desfilar pelo caminho da Póvoa até ao largo do Cruzeiro, onde fizeram alto para se juntarem tódas em número talvez de 1:200 mulheres! Surgiram pela estrada ocupando a sua largura e extensão de meio quilómetro, e assim foram caminhando já guardadas pelos lados, sôbre os campos, por homens armados.

Chegados à Póvoa, Maria da Fonte, lançando mão de um machado, arrombou as portas da cadeia e os alçapões, e tirou as presas entre *vivas* ao snr. D. Miguel e à santa religião, voltando com elas em triunfo pelo mesmo caminho. A autoridade participou logo por expresso ao govêrno civil; mas já sem lhe pedir nem fôrças nem providências. Eram 4 horas da tarde.

Nesse mesmo dia, ao pôr do sol, um destacamento de 50 praças do regimento 8, estacionado em Braga, comandado pelo tenente Taborda, entrou na Póvoa.

...? Mas para que tam diminuta fôrça, no estado a que as cousas tinham chegado?... e que comandante!... Inteiramente desmemoriado e tam pusilânime que não descansou, enquanto não foi

---

1 Era dâçiva de padre. *Nota de Ferreira de Melo.*

mudado para a freguesia de Galegos, que, dizia elle, era um belo ponto para uma retirada sobre o Santuário do Bom Jesus e daí para Braga!.. Porém, como o fóco da reacção era todo do lado do Nascente, tornou-se indispensável remover aquele destacamento para a freguesia de Oliveira.<sup>1</sup> Eis que se dá outro entêrro tumultuoso na freguesia de Galegos, onde appareceu Maria da Fonte e suas Amazonas! O entêrro fez-se, como nas mais partes, com a differença do clero estar funcionando dentro da igreja. Foram presos depois, pela policia, um homem e uma mulher que mais se distinguiram naquele motim e logo enviados para Braga; mas, ao passarem na serra do Carvalho, lá vão tirá-los à escolta os moradores das próximas freguesias de Ferreiros e Geraz. Estava visto que o vulcão se ia espraçando, e sufocá-lo com pequenas forças — já era tarde. Maria da Fonte tornou a esconder-se.

Em consequência de tudo isto, numa manhã, ainda que tardiamente, chegou à Póvoa outra força de 250 baionetas do regimento 8, comandadas pelo major Malheiro; a qual fazendo junção com a do primeiro destacamento, ficaram às ordens daquela patente superior. Foram aboletadas na freguesia de Oliveira e parte Oriental da de Fonte Arcada, onde se conservaram poucos dias; até que vindo do administrador do concelho de Vieira uma lamentosa requisição, por se ter ali sublevado o povo, marchou para lá tóda a força. Ao mesmo tempo, foi novamente occupada a freguesia de Galegos por outro destacamento, do regimento n.º 9,

---

1 Taborda, aboletado na residência, obrigou o Pároco a mandar abrir, na talpa, uma porta, para uma sentinella lhe rondar a cama, enquanto elle dormia!



composto de cinquenta praças, cujo comandante não só fraternizava com o povo, senão mostrava as confidências que recebia !... por isso, foi dali transferido para Guimarães, onde o povo das freguesias do norte, conduzido pelo padre José das Caldas, no dia 15 de abril, tentou entrar. Houve tiroteio entre ele e a tropa, ficando com um quarto quebrado por uma bala aquele comandante.

No mesmo dia os povos de Prado, depois de queimarem o arquivo da administração do seu concelho, capitaneados por outro padre, avançaram a Braga e atacaram de surpresa os quartéis do regimento 8... Foram, porém, repellidos e perseguidos até ao rio Cávado, deixando bastantes mortos e feridos: pelo que foi mandado recolher o major Malheiro com toda a força do seu comando que se achava em Vieira.

Também, nesse mesmo dia, os povos da freguesia de Souto, Donim e Briteiros, do concelho de Guimarães, homens e mulheres, invadindo o concelho da Póvoa de Lanhoso, pela freguesia de Santo Emilião entraram em S. Martinho do Campo, atravessaram Vilela e foram pernoitar nos logares de Quintela e Porto de Ave, na freguesia de Taíde, obrigando a segui-los todas as pessoas que encontravam. Aqui se lhes uniu Maria da Fonte com as suas pistolas e clavina.

Ao outro dia, 16 de abril, tocando todos os sinos a rebate, era pavoroso ver, ao som deles, como se abalava aquela mole de povo, a qual subiu com toda a lentidão às freguesias de Travassós, Brunhais e Esperança, desceu a Oliveira, baixou a Fonte Arcada, deixando queimados, nas regedorias, todos os papéis, e fazendo junção com os povos de Galegos e Lanhoso. Outro tanto praticou no arquivo da administração, sem se importar dos



prejuízos que nisto iam. Era triste ver, em roda, tudo alastrado de papeis rasgados e queimados: uns redemoínhando com o vento e outros servindo de juguete, nas mãos dos rapazes, que os apanhavam às rebatinhas.

A noite veio pôr térmo a este vandalismo e evitou igual catástrofe nos cartórios dos escrivães de direito, e mesmo no arquivo municipal, que só por esta razão escaparam...

Então Maria da Fonte, julgando terminada a sua missão, recolheu-se à choupana de Valbom — já sem receio de ser presa, porque a autoridade administrativa cessou de funcionar; até que, no outono seguinte, voltando de Vieira o conde das Antas, com a sua divisão de 3:000 homens, onde fôra tentar um convénio com o padre Casimiro, (!), e, pernoitando em Fonte Areada, Maria da Fonte afeiçãoou-se a um tambor; e, acompanhando-o na divisão, desapareceu, sem que mais se soubesse notícias dela.

Tal foi a carreira e fim da elara *Ninfa da fonte*... Que a terra lhe pese n'alma.»

\*

Conjeeturo ser esta a lídima e autêntica heroína com suas intermitências de borraçhona e malandra. Também me quer parecer que o snr. padre Casimiro José Vieira não conheceu exactamente aquella Maria da Fonte, a garantida, ou pelo menos ignorou a sua fecundidade e outras costumeiras poueo austeras, quando lhe ehama bíblicamente a *Judite portuguesa*. Acertou melhor chamando *Holofernes* ao snr. conde de Tomar, *euja cabeça* — retóricamente, graças aos éus! — andou



pendurada nas roçadouras das matronas e das donzelas do Minho.<sup>1</sup> Quanto a donzelas, o snr. padre Casimiro não precisa ser mais rigorosamente clássico e técnico que mestre Camões para quem Inês de Castro, mãe de alguns filhos, era a

...«pálida donzela.»

Elas eram, pelos modos, como as *donzelas virilmente experimentadas* de Horácio, na *Ode 14 do Livro III*:

.....*Et puellæ  
Jam virum expertæ.*

Seja como fôr, laboro na incerteza de que Maria Angclina, irmã do sapateiro de Simões, donzela talvez menos problemática, se encabeçasse, com incontroverso direito, nas tradições castas e bastante carnicciras da Judite da Escritura sagrada. Eu também, venerando a sagrada poesia da mãe de Jesus, não acredito sem discussão que a genuína Maria da Fonte se pronunciasse no Minho contra os ímpios, obedecendo a sugestões da candidíssima Maria de Galiléa. Vejo pelo meu prisma da infância a Rosa mística, a Consoladora dos aflitos, a amantíssima inspiradora da Ladaíinha, onde psalmeiam os hinos das estrélas e gemem as elegias das angústias humanas. Duvído que Maria santíssima se entendesse com Maria da Fonte pela maneira como o snr. padre Casimiro o formúla nestas palavras de pag. 208: ...*Lembrui-vos do castigo com que a Virgem Santíssima principiou a atormentar os ímpios em 1846, pelo insulto que*

1 *Apontamentos...*, pag. 181.



*então lhe fizeram na igreja dos Congregados do Pôrto, e de que ela começou a desafrontar-se por meio do seu mesmo débil sero no mesmo mês do seu insulto... animando as matronas do Minho armadas do forcado, da foice e do chuço a arros-tar contra as autoridades dèsses monstros, etc.* É possível que os negócios assim tenham corrido entre o céu e a Póvoa de Lanhoso; mas a mim — ousou insistir — repugna-me aceitar a confederação da rainha dos anjos com qualquer das duas Marias discutidas, e muito menos com a legítima, a da *Fonte do Vido*, que, depois de passear, espetada no chuço, a cabeça de Tigelino Holofernes da Costa Cabral, se foi embora com o tambor da divisão do Antas. Acho mais natural que ela, tendo estado em relações tam particulares e confidenciais com a espósa do padre eterno, em vez de se ir à gandaia com o tamborileiro por aí fora, aspirasse à canonização, depois de ter sofrido nas roliças nádegas o martírio de alguns pontapés do regedor e de outros carnífcies da sua freguesia. Lembra-me agora a *Sátira VII* de Juvenal: *¿ Dar-se há caso que Deus (Osiris) esteja relacionado com tais parvoeirões? Em tal caso no céu não há que fazer, e vós, ó deuses, viveis numa calaceirice.*

Isto não é querer armar à polémica; mas talvez não se desse positivamente, como o historiador inculca, uma coalisão das fôrças celestiais com os forcados minhotos contra os empregados de Vieira e Lanhoso. Pode admitir-se ortodoxamente, senão me engano, que o Sagrado Coração de Maria, ultrajado no templo dos Congregados por irrigações de assa-fétida, pudesse punir o Almeida Penha e outros ateus sem recorrer à intervenção armada da Maria da Fonte, nem ir castigar tam longe os inocentes plumitivos do Cadastro, estranhos de to-



do aos sacrílegos fedores aspergidos na igreja. É notório que os empregados das administrações sertanejas levaram a sua dose, sem cumplicidade nas irreverências feitas à petuitária das senhoras Cirnes, das senhoras Farias Regras, do limpo e místico autor das *Viagens a Leixões*, Alexandre Garrett, parente de S. Gonçalo de Amarante, esbofadas, de roldão, com as narinas calafetadas, e os seus ventres ofegantes numa grande emprenhidão de flatos e angústias inenarráveis — tudo sem metáfora. *Jésus, mon Sauveur, suavez-nous de la métaphore*, como disse o cauto Paul Louis Courier.

Verdade é que os scelerados que deram o ímpio escândalo também foram punidos. Afirma-o a pag. 35 o snr. padre Casimiro: *...E que tremendo castigo não principiaram a ter já ed na terra aqueles doudos furiosos, aqueles monstros desenfreados, morrendo todos os dóze principais influentes naquele motim infernal dentro de um ano, parte rebentados, parte secos pela tísica, e parte com sangue pela bôca, como me contou anos depois lá mesmo no Pôrto Alexandre Garrett, homem da maior proibidade, ilustração e firmes crenças nos dogmas católicos e um dos principais promotores e directores daquela festa soleníssima. E que pulos (calcula o historiador) não tem dado desde então até hoje êsses malvados nas labaredas do inferno ? ! !*

¶ Dos que morreram rebentados no ano económico de 1848-1849 não tenho suficiente notícia, talvez por não ser vulgar nos obituários e necrologias das pessoas o uso da terminologia patológica dos alveitares. Provavelmente morreram de indigestão ou de timpanites explosivas os sujeitos que Alexandre Garrett capitulou veterinariamente de



*rebutados*, salvo seja. Um desses dōze, o capataz do desacato, Almeida Penha, sei eu que morreu físico, muito sêco; mas dessa morte muita gente boa tem falecido, e os Agiológios mencionam predestinados que os tubérculos secaram. Bem sêco estou eu, e mais não promovi nem aplaudi o escândalo; pelo contrário, caustiquei com ventosas de adjectivos os ímpios, e nem por isso engordei. Não me quer parccer, pois, que a maior ou menor espessura do tecido celular regule nos desacatos feitos à metafísica. Ora agora, quanto à física, santo Alderede, abade (*Acta Sanctorum, I de Janeiro*) morreu físico, e por isso é advogado contra a tosse. ¿Morreria algum dos dōze monstros paralítico? Também S. Sérvulo, confessor, assim acabou. (*Surius, tom. VI.*) ¿A gastralgia dilacerou as entranhas de algum dos tais? Foi a sorte funesta de S. Gregório Papa. Se é provável que morresse aneurismáticamente algum dos suspeitos *rebutados*, assim morreu Santo André Avelino, confessor. (*Brev. Rom. 10 de Novembro*). Repito que não pretendo armar à polémica. Exponho as minhas dúvidas; retiro-as, porém, se estou arrançando com isto a dar, na frase coreográfica do snr. padre Casimiro, *alguns pulos no inferno com os outros dōze*.

\*

Outra estampa de Maria da Fonte nos oferece a lenda. Encontra-se nas *Memórias biográficas* de Garrett. Citando-se esta obra, nunca vem inoportuno o aplauso. É um obelisco imperecedouro que Francisco Gomes de Amorim erigiu à glorificação do culminante escritor português dēste século —



e a si próprio — sem receio de que lhe agouren-tem o legítimo direito à admiração com as reservas que em Portugal é costume ressalvarem-se os que admiram.

A si próprio, repito: por quanto, se a admiração dos coevos e vindouros sair restrita e imperfeita para o biografado, é e será sempre incondicional e perfeitíssima para Gomes de Amorim. Jâmais se escreveu com tanto coração e com tanto juízo. Eu nunca vi a exegese de um talento abalizado como o de Garrett desfiada em fios tam subtis, em modalidades literárias tam acentuadas e congêneres do seu carácter. Assim, compreende-se Armand Carrel: *Le vic d'un grand écrivain est le meilleur commentaire de ses écrits: c'est l'explication et pour ainsi dire l'histoire de son talent.*<sup>1</sup>

\*

Gomes de Amorim viu em 1846 o palco da guerra e ouviu os coros das várias Marias da Fonte, cantando ora o *Bemdito*, ora o *Rei-Chegou*. «No mês de Abril, escreve o biógrafo,<sup>2</sup> a província do Minho, mais insofrida sempre que as outras do reino, começou a insurgir-se, alegando ser vexatória a lei do imposto e protestando que não pagaria o cruzado para as estradas. Afirmou-se que uma camponesa chamada Maria da Fonte soltara o primeiro grito revolucionário, correndo sobre os exactores do governo, armada de fouce roçadoura. Juntaram-se-lhe outras mulheres igualmente arma-

1 *Essai sur la vie et les écrits de P. L. Courier.*

2 Ob. cit., tom. III, pag. 167 e seg.



MF. } das, e quando a força pública se lhes quis opor, acudiram os maridos, os filhos, os irmãos e os pais, e travou-se a luta. Verdade ou mito, chamou-se a êsse movimento *Revolução da Maria da Fonte*. A musa popular consagrou-lhe cantos, e fez-se-lhe um hino.»

Gomes de Amorim, mais inclinado à realidade que ao mito, acrescenta em nota: «O autor viu tantas Marias, brandindo fouces, forcados e outras armas, que julga possível ter sido alguma delas a heroína citada. Em todo o caso, parece que a revolução se não inspirara num mito, como depois se asseverava. No *Comércio de Portugal*, de Lisboa, de 15 de março de 1883, se lia o seguinte em o noticiário: MARIA DA FONTE. *Fez no dia 12 do corrente cincoenta e seis anos que nasceu em S. Tiago de Oliveira (Póvoa de Lanhoso) Ana Maria Esteves, muito conhecida no país pela denominação de «Maria da Fonte.» Esta famigerada mulher faleceu na noite de 7 para 8 de dezembro de 1874, na freguesia de Verim, naturalidade de seu marido António Joaquim Lopes da Silva que provavelmente ainda vive.»*

Gomes de Amorim, deplorando a morte obscura da heroína que Almeida Garrett defrontara com as mulheres de Diu e Chaul, escreve: «Os políticos que se aproveitaram e colheram os frutos da insurreição, deixaram a iniciadora dela morrer esquecida, e consentiram que fôsse enterrada em campa obscura sem lhe darem sequer um Padre-Nosso por alma! Aviso a revolucionárias minhotas.

*Que exemplos a futuras lavradeiras!»*

A reflexão é patriótica e judiciosa; mas, se os políticos tentassem, recolher a ossada da Maria da



Fonte genuina, os erânios apóerifos seriam tantos como os de algumas santas que teem sete e mais caveiras em diversas igrejas.

Aqui apresento à eontemplaçãõ dos polttieos outro exemplar não garantido. Havia-me dito Pinho Lial que possuia apontamentos sôbre a veridica Maria da Fonte. Quando em 1877 lhos pedi, respondeu: *Tenho remexido tôda a monstruosa papelada e não acho os malditos apontamentos com respeito à Maria da Fonte. Parece-me que os dei, há anos, ao J. L. Carreira de Melo. Eu sabia o sobrenome da Maria da Fonte e de seus pais e do homem eom quem casou, depois da guerra. Tudo se deseneaminhou ou não sei o que lhe fiz. Do que estou lembrado é de dizerem as fôlhas, aqui há coisa de um ano, que a Maria da Fonte veio a Lisboa esperar o marido que regressava do Brasil; mas isto são notteias de jornais.*

Esta Maria da Fonte que esperava em 1876 o marido em Lisboa, não podia ser a que morreu em 1874. Já tems por eonsequêneia eíneo, ineluida a que faleceu em Vila Nova de Famalieão.

Em um livro de superior merecimento e moderníssimo na sua eontextura, a JORNADA DOS SÉCULOS, esereve o snr. Alberto Pinental: «Sabe-se eom que faeilidade se forma uma legenda, sobretudo quanto, mais notável fôr o personagem que desperte a imaginação popular. O elemento poético apropria-se dêsse personagem, para fazer dêle talvez um Deus, depois da morte, segundo a teoria de Evhnéro ressuseitada por Herbert Speneer, quando pretende sustentar que as religiões históricas não são mais que a eolução do eulto dos mortos; para fazer dêle um santo, eomo aeontee entre nós com frei João de Neiva, o *fradinho* de Braga, cuja canonização tem apenas por ora o



carácter popular, mas fortemente acentuado; para fazer um herói como na legenda patriótica de Martin Moniz, *que não tem melhor abonador que uma frase vaga atribuída ao conde D. Pedro*; como na legenda política da Maria da Fonte, personificação mítica da célebre revolução do Minho...»<sup>1</sup>

Alberto Pimentel tem, portanto, como fábula a personalidade da Maria da Fonte. Presume talvez que as gazetas cabralistas de 1846 adoptaram um nome bem aldeão e labrêgo para envilecer a colectividade do mulhierio amotinado. É certo que o cartista alcunhava de *pé-fresco* o *sans-culotte* do setembrismo. De *pata ao léu* suspeito que deriva o *patulea*. A academia rial das sciências parece que tem dormido sôbre esta etimologia. Pelo desdêm com que se tratam nomenclaturas de factos contemporâneos há-de resultar, daqui a dois séculos, a revolução do Minho ser considerada um mito, e o sr. padre Casimiro um moderno Orfeu que engodava as massas como o antigo os monstros dos matagais. Mas da personalidade da Maria da Fonte não há que duvidar, visto que o seu nome estava inscrito na cabeceira do rol das processadas por arrombamento da cadeia.

O sr. Oliveira Martins, no *Portugal contemporâneo*, está perplexo entre a realidade da mulher revolucionária e a divisa simbólica da revolução. Escreve o meu amigo: «No logar da Fonte, concelho da Póvoa de Lanhoso, no coração do Minho, existia a que foi a Joana d'Arc do setembrismo».

Singelo reparo: no concelho da Póvoa de Lanhoso não há logar algum chamado *Fonte*. A fre-

1 Pag. 215 e 216.



guesia de Fonte Arcada compreendia então o vilar chamado Póvoa de Lanhoso que hoje está independente. Mas pode ser que a Maria Angelina, irmã do sapateiro, e natural da freguesia de Fonte Arcada, seja a que o excelente escritor adoptou como hipótese. Demorei-me nesta incorrecção topográfica para obstar a que os historiadores futuros, pelo facto de não encontrarem no concelho da Póvoa o logar da *Fonte*, se decidam pelo mito da Maria.

Oliveira Martins para insinuar-nos étnicamente a compreensão da índole varonil, intrépida, das mulheres do Minho, simbolizadas na valentia de uma, escreve páginas elegantíssimas: «No Minho, como em tôdas as regiões de estirpe céltica, a mulher governa a casa e o marido; excede o homem em audácia, em manha, em fôrça; lavra o campo, e jornadaeia com a carrada do milho à frente dos boisinhos louros. Requestada em môça nos arraiais e romarias pelos rapazes que a namoram, *conversando-a* com as suas caras rapadas, basta ver um dêsses grupos para descobrir onde está a acção e a vida: se no olhar alegre, quâse irónico da môça garrida, luzente de ouro, se na mole fisionomia do rapaz, abordoada ao cajado, contemplativo, submisso, como diante de um ídolo... Quando se casam, as môças conhecem o valor do dote que levam, e os casamentos são negócios que elas em pessoa debatem e combinam. Não é uma esposa, quâse uma serva que entra no poder do marido, à moda semita que se infiltrou nos costumes do sul do reino: é uma companheira e associada em que o espírito prático domina sobre a moleza constitucional do homem desprovido de uma inteligência viva. A mulher parece homem; e nos atritos da dura vida de pequenos proprietários, quâse mendigos, se as colchitas escasseiam, cercados de nu-



merosos filhos, apagam-se as lembranças nubelosamente doiradas da luz dos amores da mocidade, e fica do antigo ídolo um rude trabalhador musculoso, com a pele tostada dos sóis e geadas, os pés e as mãos coreáceos das ceifas e do andar descalça ou em socos nos caminhos pedregosos ou sobre a bouça de urzes espinhosas. Não se lhe fale então em coisas mais ou menos poéticas: já nem percebe as cantigas da mocidade no desfolhar dos milhos! A vida cruel ensinou-a: é prática, positiva, dura. Odeia tudo, que não sôa e tine, e tem um culto único — o seu *chão*. Vai à igreja e venera o «Senhor abade» mas com os idílios da mocidade a sua religião perdeu a poesia: ficou apenas um sêco rosário de superstições, funda, tenazmente arraigadas. Ai de quem lhe bolir ou nos interesses ou no culto! ou na igreja ou no chãozinho!... O sentimento inato da rebeldia (que não deve confundir-se com a independência)... existe no minhoto — com o lastro de presunção e manhas donde saem os nossos palradores do norte e os astutos emigrantes do Brasil; com a segurança que a vida responsável e livre de proprietários, não salarizados, lhes dá.»<sup>1</sup>

Inquestionavelmente, pitorescamente belo, mas, em parte, na etnografia que afirma a dignidade da mulher minhota, há aí pontos de vista envolvidos nas neblinas prismáticas de uma rica imaginação. A mulher do Minho não rege o marido, nem é árbitra no governo da casa, nem na gerência dos negócios externos. É uma bêsta de carga que encontrareis no trânsito das feiras, vergada sob o pêso dos saeos e dos bailéus, enquanto os

---

1 Pag. 186 e 187.



maridos endomingados se encovam nas tavernas do mercado, ganhando brios para à noite lhes quebrarem os ossos em casa — exercício auxiliar à digestão do seu verde. Quanto a venerarem o vigário as mulheres, dá-se o caso de o venerarem a êle e mais aos coadjutores, algumas, com excesso, se o abade e a clerezia circunjacente não tem na bexiga ou nas articulações a pedra e a reuma que os tornem mais castos que a fantasia de Jocelyn. A devassidão das minhotas, alternada com intermitências de beatério quando os missionários urram, tem sido para mim um objectivo de contemplações de que não pude ainda atingir o grau de alienação mental a que pode levar a estupidez. Os solteiros aceitam, sem biôcos de honra, as mulheres infamadas que lhes estimulam o cio ou o interesse. O brasileiro, o argentário que fechou a loja nas extintas Congostas, desonra e dota raparigas com uma quantia sabida; de modo que os candidatos à dotada disputam a pau de choupa o gôzo legitimo da môça habilitada para noiva. O snr. Oliveira Martins, depois das duas páginas transcritas, está comigo com uma condescendência que me regala. Diz o eminente crítico: «Mas o minhoto, naturalista, não é susceptível nos pecados da carne: fraquezas humanas! Muitas, muitas raparigas casam sem ser virgens, e isso, apesar de sabido, não escandaliza.»<sup>1</sup> Com certeza, não; e eu mesmo me apresso a declarar que não pretendo que a rubidez do meu pudor vá purpurejar as faces cândidas de quem me lê, nem levantar af a celeuma dos peitos indignados pela libertinagem do Minho. O que eu pretendo é demonstrar que

---

1 | Pag. 189.



a sublevação da gentilha da Póvoa e de Vieira não promanou de nenhum sentimento nobre de rebeldia ou reacção às exacções cabralistas: foi sugestão de um ou dois cônegos setembristas, influentes em alguns padres que veremos figurar nas páginas dêste livro.

Aí não houve rebelião por atavismo céltico, nem borrascas de fanatismo, nem a bravura que virilizava os pulsos das mulheres de Diu e Chaul. A turba das sequazes da Maria da Fonte nunca se arrostou com a tropa; a sua façanha, além das fogueiras dos cadastros, foi dar uma pázada nas costas de um juiz ordinário, e investirem atrás de um escrivão obeso a termos de por um triz o asfxiarem numa agonia arquejante. O que esbravejava aí era uma alcateia de crapulosas muito cabeludas, convulsionadas pelo espírito das tavernas e dãs sacristias. Dos documentos coevos não se liquida mais nada para os Anais do século XIX; porém, o rodeiro dos enjeitados da Póvoa poderia completar os fastos da corja que, durante os armistícios, ia fecundando pequenitos heróis com sangue céltico na guelra e uma marca de chumbo no pescoço. Os poetas nebulosamente ossiânicos da rua das Flores, daquele tempo, cérebros bizantinos, figuraram aquelas Maritornes encodeadas de estêrco unias Dianas de perna lisa e vibrátil lavada com oriza-láctea, de madeixas ondulosas engrinaldadas de boninas, manilhas de ouro nos braços alabastrinos, narinas aflantes de cólera, a romperem dos seus bosques com os venábulos atrás dos janízaros. Foi assim também provávelmente que as idealizou o divino Garrett, no brinde, através do cálice opalizado; mas ninguém as figurou tam carnavalescamente como o snr. padre Casimiro, vestindo-lhes a túnica de Judite, e dando



à Póvoa de Lanhoso a importância de Betúlia ameaçada pelo José dos Cónegos, logar-tenente da corôa.

\*

«A Maria da Fonte, — diz Oliveira Martins pendendo para o mito — tornou-se o símbolo dos protestos populares. A imaginação colectiva provou ter ainda plasticidade bastante para criar um mito, uma fada — Joana d'Arc anti-doutrinária. O herói da revolução minhota devia ser uma mulher, não um homem; devia ser desconhecido, lendário: mais um nome de que uma verdadeira pessoa.»

Não obstante, o mesmo historiador, exercitando o seu formoso estilo no vago do mitologismo tam querido dos espíritos reconstruintes e avêssos à naturalidade chata das coisas, a final acentua dêste modo a existência da heroína em carne e osso e fouee roçadoura: «Entretanto, parece que de facto houve uma certa Maria da Fonte que soltou o primeiro grito da sedição.»<sup>1</sup>

\*

Em remate desta «Parte primeira» do livro, monótona e enfadonha de pesquisas para restituir à história um nome que ia delir-se sob o esmeril dos mitólogos, eu tenho para mim como certo que a genuína Maria da Fonte é a enjeitada da Fonte do Vido, que em menina cantava bêbedamente o

---

1 Id.



*Rei-Chegou* e era ladra, — que em mulher deu alguns filhos à roda e o seu nome à revolução de um país; e que a final, já muito sovada, se foi à vida da caserna com um tambor da divisão do conde das Antas. // A sua paragem derradeira deve ter sido a enxêrga de uma enfermaria especialista.

O meu presado Gomes de Amorim queria que os polílicos que eneceiraram o fruto das searas semeadas por ela, lhe mandassem rezar uma missa por alma. Ah! a alma da Maria da Fonte adeja por aí, paira sôbre êste povo lusitano, para quem é forçoso que vigore sempre uma tolice messiânica ou revolueionária, quer ela se chame D. Sebastião ou Maria da Fonte.





## NOTA

---

**A** justiça reclama esta *Nota*, sériamente lavrada, como um correctivo disciplinar ao tom galho-feiro, herói-cómico das páginas escritas.

O fermento azêdo que fez levedar a revolução de 1846 — as assuadas das mulheres à volta de cadáveres exumados — seria irrisório, se não fôsse bestialmente repugnante. O setembrismo, bordando no seu estandarte vitorioso o mote «Maria da Fonte», resvalou dos seus briosos princípios avançados. Passos Manuel devia indignar-se! Qual indignação! Ele propôs em 46 que se dispensasse a província do Minho de pagar subsidio literário como galardão aos serviços prestados à causa nacional. Não seria isto uma ironia do poeta de Bouças? Considerando que a província do Minho era analfabéticamente selvagem, acharia Passos absurda iniquidade obrigá-la a subsidiar coisas literárias? Eu bem queria escapulir por



esta espiritunosa evasiva aquella estátua encasacada que está em Matozinhos invoando a piedade da Arte.

Preconizarem os setembristas um tumulto fanáticamente alarvejado como estimulante de evolução progressista foi descaro que transeende todos os maus costumes da devassa Política. <sup>1</sup> Argüiam a rainha e os seus ministros predilectos de retrógrados, escarneciam a religião nos prelos e nos templos, e ao mesmo tempo insinuavam no clero miguelista do Minho que acirrasse a plebe boçal contra a lei ímpia que proibia as inumações na terra sagrada das igrejas. Os de Setembro, espíritos fortes e demolidores dos preconceitos inventados, desonraram-se legitimando o canalhismo do motim popular nos adros e o incêndio dos arquivos nas regedorias e nas câmaras.

Um momento houve, todavia, em que a rebelião atingira proporções heróicas: foi quando se generalizou, sem repetir as brutas tropelias praticadas no foco da insurreição. Então se viu, a peito descoherto, sem a tonalidade ridícula das mulheres, o grande partido nacional em que a parcela setembrista influíu menos que a poderosa e válida facção do regimen absoluto. Porém, esse heroísmo, liberal estreme, realçou em Tórres Ve-

---

1 *Manifesto da Junta de Santarém...* A' bela provincia do Minho, a primeira das nossas provincias, coube a honra imortal de ser a primeira que arvorou o estandarte da pátria, com incrível constância; mas a nós, habitantes do distrito de Santarém, caberá a glória de sermos os primeiros a entrar na capital do reino, ajudando a libertá-lo de seus cruentos oppressores.

(Assinado) *Manuel da Silva Passos, etc.*



dras e no Alto do Viso onde se baratearam vidas tam preciosas que seria opróbrio acamaradá-las na hoste da Maria da Fonte. Quem mordeu o pó lá em cima nas batalhas das montanhas de Vieira e Pico de Regalados? Honradamente o confessa padre Casimiro, o «General das duas províncias». Ninguém. O sangue derramado nas guerras civis espirra de peitos escandecidos pela paixão generosa de um príncípio. As asneiras disfarçadas em zêlo da religião, que incitaram as aldeias do Minho, quem primeiro devia refugá-las do seu credo eram os revolucionários da Belemzada.

Tenho dito, penso eu, o bastante para que me não arrolem no catálogo dos fósseis remanescentes ao dilúvio que subverteu a camada dos Cabrais. Repito: eu não quis desluzir a coragem do povo de 46: mas pretendi joeirar no crivo da peneira histórica a Maria da Fonte que os progressistas chamam sua mãe, e os republicanos sua avó.





PARTE SEGUNDA X

## CASIMIRO, O PRESBÍTERO

**E**M MARÇO DE 1846 estudava retórica em Braga padre Casimiro José Vieira, habilitando-se para prêgador. Tinha vinte e nove anos, donosa presença, estatura mais alta que regular, plástica delicada, um pouco pálido, semblante prazenteiro e irônico. Um dos seus correligionários e camaradas nos desastres da facção miguelista em dezembro de 1846, o finado Augusto Barbosa de Pinho Lial, meu saúdoso amigo e autor do *Dicionário antigo e moderno*, em carta de 22 de outubro de 82, lembrava-se do belicoso levita nestes termos: *Em Braga estive aquartelado com o padre Casimiro, com o padre Manuel das Agradas e com o abade de Priscos em casa do prior de S. Vitor. Gostei muito do padre Casimiro; era boa figura, tinha um lindo bigode preto, era muito pândego. Olhe que, se tivesse mais sólida educação, não*



havia de ser tolo de todo.<sup>1</sup> *Há-de ser da minha idade com muito pouca diferença.*

O aluno de retórica era estranho à origem dos motins populares de Vieira; e ficaria de-certo afastado do teatro da guerra, se a sua família não fôsse vitimada a vèlhos ódios fermentados por questões de dinheiro — uma herança ultramarina de 200 contos em que êle tinha com suas irmãs uma oitava parte. Declara o padre que a guerra não era a sua vocação; e, todavia, manifestou exuberantemente que o direito das represálias lhe aguerrira uma segunda natureza formada com o cheiro acre da pólvora que êle fabricava primorosamente, e com os rebates eléctricos dos campanários de vinte e duas freguesias.

Padre Casimiro exercitou primeiramente no seu concelho o ministério da paz, evitando incendiarem-se as casas das famílias liberais, e salvando da morte, com engenhosos disfarces e proclamações comoventes — ensaios felizes da retórica de frei Miguel — alguns empregados públicos infamados de cabralistas. Não obstante, comprometeu-se em extremo desde o momento que os amotinados, pelo facto de lhe obedecerem, o constituíram seu chefe, aclamando-o *Intendente geral da comarca da Póvoa*. Esta magistratura imaginosa, abrangendo os negócios militares e administrativos, diz o historiador que era uma *autoridade arbitraria; mas que êle a exigira para produzir o efeito desejado*. Afim de legalizar êste sufrágio popular, o cauto Intendente, muito legalista, quis que se renovasse na Póvoa, cabeça de con-

---

1 Imagem que Pinho Lial usava quando queria conceituar uma pessoa instruída.



celho, a aclamação. Mandou, pois, lá reunir o povo no dia seguinte e que o esperassem. Ele foi, e não achou lá viva alma. Voltou para casa muito desanimado; e, num ataque de bñlis, disse, pouco retórico, ao seu camarada Pereira: *Daqui por diante onde quer que apareçamos temos de ouvir a irrisão dos nossos inimigos Cabrais de menos juízo, e ocorre-me que o remédio melhor e único para a evitar e aniquilar (a irrisão) é andar constantemente armados de cacêtes seguros de cerquinho ou lódo e prová-los a miúdo nas costas dè-les sem promettimentos prévios.* (Pag. 24). Isto alegrou-os como um alvitre eficaz em último recurso. Semelhante projecto de pancadaria, sem programa enviado aos interessados, era o romper da aurora da segunda vocação.

Desde que um destacamento do 13 foi a Vieira para capturar o *Intendente geral da comarca*, principiam as façanhas militares do padre Casimiro, com a sua hoste de seis rapazes na piugada de 170 praças de infantaria e 20 cavalos. Nessa primeira evolução, travou-se o fogo fronteiro entre as duas margens de um regato; e a tropa, esquivando-se a uma batalha decisiva, sumiu-se. Daí ávante as proezas desta espécie, relatadas pelo valente caudilho, seriam menos dignas de crédito, se a alta intervenção divina se portasse estranha aos ataques e escaramuças que padre Casimiro narra sem basófia, attribuindo os triunfos prodigiosos ao Senhor Deus dos exércitos ou das guerrilhas — que importa o mesmo. — *! Houve, pois, grande mortandade? — pergunta o pálido leitor. Não, não morreu ninguém, e o autobiógrafo explica luminosamente em nota de pag. 28: Não se pense que eu, nesta narração dos acontecimentos passados, procuro engrandecer-me, porque eu mes-*



*mo confesso que, embora os ataques produzissem o efeito desejado, foram quãse insignificantes. E acreseento mesmo que me não consta ter morrido ninguém nos ataques comandados só por mim, provavelmente por Deus querer mostrar com mais clareza que a êle e só a êle que dá e tira a coragem como lhe apraz, e que é êle e só êle que dá a vitória a quem quer e como quer, sem se importar com os conhecimentos de arte da guerra, ou com os petreehos bélicos, etc.*

Dest'arte explicada a incruenta vantagem da guerrilha sôbre o exército, não temos obscuridade nenhuma a dilucidar. Trocavam-se saraivadas de balas a distância de tiro de pistola com a pontaria certa do ódio entre soldados disciplinados e caçadores dos desfiladeiros do Gerez — pois, senhores, não morreu ninguém.

Exemplo: uma vez, padre Cásimiro, com dous homens, sai à frente da tropa, e, ao alcance de um tiro de caça, exclama: — «Rapazes, aqui está o padre Casimiro, comandante do povo de Vieira, a quem procurastes para prender. Ou vos rendeis, ou nenhum de vós fica hoje vivo!»

A soldadesca, que estava deitada, levanta-se, mas não se rende. O padre aponta-lhe e desfecha uma pistola de cavalaria. A tropa responde-lhe com uma descarga cerrada. O padre carrega de novo e atira. A tropa carrega e desfecha outra descarga. Pois das 340 balas não houve uma que acertasse no padre nem raspasse pelos dois gucrilhas invulneráveis. Diria Boileau:

*Le vrai peut quelque fois n'être pas vraisemblable* 1

---

1 Um correspondente de Trás-os-montes para o *Periódico dos Pobres* de 28 de agosto daquele ano dizia, com re-



\*

Mas, para evitar polémicas convém saber que o modelo adoptado pelo snr. padre Casimiro, no seu método de historiar, é Bossuet, o autor do *Discurso sobre a história universal*. Segundo o sábio prelado, o género humano, no seu progredir para a possível perfectibilidade, é dirigido por Deus que o submete aos seus misteriosos desígnios. Deus é a lei oculta e impenetrável dos factos. Os sucessos, embora nos pareçam ilógicos e disparatados, mais tarde se manifestam em concerto maravilhoso, estampilhados com o sinete da presciência divina. Frisa nesta escola o livro do snr. padre Casimiro; porém, não se combinam em tudo os dois historiadores. O bispo de Meaux, na sua obra *Política*, provando a aliança dos preceitos da Eseritura com as monarquias despóticas, reconhece o poder absoluto dos príncipes e permite aos vassallos, não a rebeldia, mas a súplica humilde aos déspotas e a oração a Deus. O snr. padre Casimiro Vieira não está com Bossuet quanto a súplicas submissas aos reinantes e preces pacíficas à Divindade. Revolta-se contra o poder estabelecido, convieto de que o Senhor ordena que elle se insurreieione contra D. Maria II, a favor de D. Miguel I.

E o certo é que o nosso historiador tem geito de ser mais coerente que a exelsa águia de Meaux.

---

ferência aos povos daquela província: *O padre Casimiro passa para elles coma um santo, e acreditam que as balas que lhe batem no casaco reflectem para trás sem poderem penetrar-lhe no corpo.* Este correspondente corrobora Bolleau.



Se os actos humanos obedecem a um programa divino, cessa o livre arbítrio, e não é assim? A revolta é a manifestação, na criatura inconsciente, da vontade do criador, ao passo que a submissão aconselhada pelo bispo é uma violência imposta a um direito que se revoluciona por incitação do motor supremo dos actos humanos; e a prece a Deus é uma inutilidade afrontosa, senão blasfema, porque pretende corrigir os planos do Incognoscível tam inalteráveis como a rotação do mundo planetário, e não é verdade?

«O movimento popular do Minho, diz o sr. padre Casimiro, não foi um acontecimento natural: foi um plano da Providência.» E na mesma página fortalece a tese: «Este plano passou à França, e de lá a tódas as nações da Europa, como um castigo visível de Deus; e assim como em Portugal foram precisos três meses para suplantar o governo cabralista, em França bastaram três dias para suplantar o governo de Luís Filipe». E desta concomitância de tempo, de lugar e de reformação política evidenciou o solerte escrutador do divino Revolucionário da Europa *não poder-se duvidar que o movimento popular do Minho foi feito por plano de Deus, e foi por elle determinado, dirigido e protegido.* e Mazzini? e Kossuth? e Cavour? e Garibaldi? e o teólogo Döllinger tam hostile como Lutero ao papa infalível? Se Deus suscitou aqueles flagelos dos reis e das teocracias, parece-me que Sua Divina Majestade está muito comprometida politicamente e teologicamente. A metafisica, no método histórico, sinca nestas incongruências.

Mas que diferença de exórdios revolucionários entre França e Portugal! Aqui era a Maria da Fonte nas tavernas de Fonte Arcada a envinagrar



a pimponice do mulherigo com borbotões de tolices avinhadas. Em França era Afonso de Larmartine, nos facciosos «banquetes da Reforma» a fazer «toasts» com girândolas de figuras sentimentais, excedendo o que há mais detestável nos massadores poéticamente políticos. Não importa. Larmartine recebera da nossa Maria a primitiva corrente eléctrica. A isca de bacalhau e azeitona das bodegas da Póvoa desdobrara-se nos opíparos banquetes de Autun.

No transcurso da volumosa obra do snr. padre Casimiro não-de entrever-se as melhorias que a revolução de Fonte Arcada e de Paris, planeada por Deus, surtiram em prol de Henrique v, de D. Miguel i, de Carlos vii — os reis ungidos — do clericalismo decadente e do papa destronado, quando um concílio ecuménico, acordado ao cabo de trezentos anos, o decretava «infallível» — uma irrisão melodramática às portas do século xx.

\*

Percebida a índole filosófica do nosso historiógrafo, volvamos a procurá-lo nas batalhas sob a estratégia marcial da ciência que o dirige por infusão do Espírito-Santo. Nunca deixarei na sombra os vestígios lúcidos que manifestam, desde Vieira até à Ponte de Cavez, a assistência das potestades olímpicas ao início da revolução da Europa. No descritivo, padre Casimiro faz, a relanços, lembrar o dominador das Gálias nos *Comentários*, ou, melhor comparado, Idácio, cronista visigodo, historiando com as primitivas energias, como em escultura de bronze, as pugnas dos bárbaros assoladores da Ibéria. Eis como o cronista português



descreve os prelúdios de uma das suas cargas à tropa: «Ao amanhecer, mandei procurar buzinas grandes, para se tocarem pelas montanhas acima, e apareceram três buziões como eu nunca tinha visto, nem tornei a ver. Saíu a tropa ao romper do dia, e eu mandei tocar os sinos a rebate, e marchei com o povo pelas escarpadas montanhas a cortar-lhe a passagem no caso de ela se dirigir para Chaves. Fiz tocar por tôdas as montanhas acima em diversas distâncias e mui retirados uns dos outros os três buziões, atroando aquelas escarpadas serras, ao longe e ao perto, com som horrível muito parecido com o do trovão, que fazia arripiar os cabelos aos mais corajosos! Naquela ocasião era já muito o povo e como todos corriam com vontade, e cada qual segundo suas forças e agilidade, formavam uma coluna mui extensa, de vista imponente e em conformidade com a música sonora dos buziões ou cornetas bélicas... Porém, como eu corria mais que os outros, etc.»

Novo e terrível!

Como se vê, a linguagem rítmica, nervosa, colorida e rotunda não tem a barbaria estridente dos buziões. Flaubert na *Salammô* — episódio das lutas de extermínio entre Roma e Cartago — tem capítulos formidáveis com adjectivos crepitantes que não desdenhariam aquela passagem dos buziões. Parece que assistimos, no 2.º século, a uma aluvião torrentuosa de hérulos que se despenham sobre Trebizonda; ou escutamos o mugido das trombetas dos sármatas que irrompem dos sertões incógnitos do coração florestal da Rússia. Padre Casimiro, a *correr mais que os outros*, traz à lembrança espavorida o mavórcio caudilho Fridigeim na vanguarda dos visigodos, varrendo através da Trácia as legiões romanas desmantela-



das. Portugal, em 1846, teve aquele atavismo de uma selvageria simpática; mas aquilo dos buzinhos não podia durar. Estávamos de mais amolentados em corrupção de ouvidos e do resto para podermos prescindir das charangas do nosso exército, ricas de fadinhos, do Cana-verde e Pirolito. Pois os buzinhos éramos nós, eram Portugal, assoprado sinfonicamente; e, se já houve música étnica, nenhuma raça a teve tam característica, em búzios, buzinas e buzinhos, como nós. Por isso, Fétis queria que se distinguíssem as raças consoante as variantes da música. Ah! como o sr. padre Casimiro, talvez impensadamente e por acaso, conquistou 30:000 homens arrebanhados por um transporte de orelhos, e arrastados pelo som horrendo dos bárbaros instrumentos!

¿ Por que não há-de o rugido atoador dêsse marisco sonoro, assoprado nos grandes centros dos pecados, na Praça Nova e no Rocío, ter sempre as almas alerta a scismarem na trombeta do «Dia de Juízo», o último, que há-de ser talvez o primeiro e único em Portugal — quanto a juízo? ¿ E se atirássemos de cima da galeria ao grémio dos deputados um buzirão com o feitio da bota de Carlos XII? ¿ E se atirássemos à câmara dos pares outro buzirão com o feitio da trombeta de Jericó?

\*

E os pretorianos de Costa Cabral a fugir sempre, nas asas do pavor, as mochilas a ringir com atritos ásperos do correame, e a trapejar nas costas contra as patronas. Eis senão quando, outra vez lhes surge pela frente o padre, à entrada de Fafe, com um só homem à sua beira, e de novo



lhes proclama que se rendam. Como não lhe respondessem, o padre esfogucteia-os com a pistola, e os janizaros não lhe atiram, por já estarem por experiência escarmentados e desconfiarem que o padre ou é santo ou incombustível; e além disso não tinham cartuxame para descargas meramente teatrais. Depois, no trânsito de duas léguas entre Fafe e Guimarães, um tiroteio fulminantíssimo. As massas juncavam os sêrros, e desenrolavam pelos desfiladeiros num grande estrupido de socos ferrados. Um fogo do inferno, uma granizada de balas sibilantes, extermínio à *outrance*, em que não morreu um só guerrilha, por que Deus os resguardava, diz o livro; mas como também não faltasse alguma praça, é de fé que Deus se houve entre os dois partidos com uma honrada imparcialidade.

Não aconteceu o mesmo com certas pessoas estranhas às duas facções. Por exemplo, a tropa matou um mendigo, e um lavrador que estava cavando o seu campo. Estes dous inocentíssimos defuntos, a descoberto da protecção divina, é que pagaram as favas. Verdade é que o lavrador assassinado tinha morto, em 1808, em igual dia e hora, um soldado francês da invasão. Assim reflexiona, com lardo de latim do *Génesis*, o snr. padre Casimiro Vieira, o generalíssimo de uma guerra fratricida que, poucos meses depois, ladrilhava com duzentos cadáveres as ruas de Braga. Quem várias vezes descarregou a sua pistola, em luta civil, sôbre os seus conterrâneos, entendo eu que, por caridade, devia dar-se de suspeito como juiz na causa determinante da morte do português invadido que matara o francês. invasor. De resto, tudo muito bem.

Pairou então sobranceira uma catástrofe, não



obstante o olho vigilante da Providência estar sempre fito e prospérrimo sobre os seus dilectos minhosos. Um oficial militar caíra ferido. O Pereira, eamarada do padre, despojou-o da barretina, encaixou-a na própria cabeça, e assim avançou triunfalmente através de Guimarães, eaminho da sua terra; mas como a nevrose da glória lhe multiplicasse a força motriz das pernas, ia muito adiante dos seus eamaradas. Ao atravessar a ponte de Bouças, o povo armado, vendo scintilar as lâminas metálicas e o oleado da barretina, cuidou que o homem era um tropa a fugir ao padre; e, nesta persuasão, tamanho fogo lhe fez que o infausto Pereira, afim de tornar-se refractário às balas, atirou-se ao rio e aí se deixou estar de eócoras, qual outro Mário no ehareo de Minturnes, até se desfazer o equívoco. Neste conflito, o rio, panteísticamente falando, foi a Providência disfarçada em protoxido de hidrogénio.

Não foi menos visível a intervenção dos eéus, quando o padre Casimiro, ehgando desealço a Fafe, arranjou uns tamancos e de mais a mais uma eavalgadura em que foi para easa, constipado e mais o do semicúpio fluvial, afim de *tomarem um caldo de galinha bem quente para suarem*. Aqui o estilo esmorece e deseái na prosa derreada, correspondente à situação anormal de dois guerreiros encalarroados, a espirrarem, eom muco nasal, dentro de cobertores de papa.

De madrugada, ainda sob a influência diaforética do caldo de galinha, reeebeu o enférmo aviso da aproximação da tropa. Ergueu-se a tiritar, mandou tanger a rebate, e foi, de arraneada, ao encontro do inimigo. Era falso o boato. O exército, encurralado no castelo de Guimarães, foi cercado por uma grande brigada de guerrilhas confluen-



tes de vários concelhos; mas, exaustas as munições de guerra, o padre retirou sem desaire.

\*

E necessário ter sido contemporâneo desta paródia melodramática do Cabrera espanhol — sem batalhas, sem ambulâncias, sem uma defunção — para acreditar sériamente que o padre Casimiro, antes de ser aclamado general das províncias septentrionais, com três ou quatro buzinas incruentas por uma corda de serras, e com meia dúzia de arrôbas de pólvora de fábrica sua, encartuxada por suas irmãs, — duas fortes e desempenadas raparigas que velavam de clavina em punho enquanto ele dormia — de mais a mais sem auxílio de dinheiro nem seu nem alheio, em tais condições, deflagrasse o pronunciamento geral do país! Aquelle pacato aluno de retórica do púlpito foi o determinista automático das Juntas reagentes que se instauraram nas províncias. Manuel Passos no sul, e o conde de Vila Rial ao norte saíram das trombetas do padre, umas cornucópias de Décios e Spartacos. Dado o primeiro grito em Vieira e na Póvoa, se o medo sofresse as doidas petulâncias de Casimiro, o presbítero, a revolução não vingaria. Essas correrias e algavaras nas pègadas, da tropa, comandada por uns majores que hoje fariam indignar a coragem disciplinada de um furriel, vingaram então desabar um govêrno duro, e cimentado na confiança de uma rainha enérgica, e escorado em lâminas (sem equívoco) dos velhos generais e barbaçudos coroneis que vinham cicatrizados da Terceira e dos baluartes do Pôrto.

Este nome *Casimiro*, aureolado pela corôa sa-



cerdotal, levantou muitos milhares de braços que largaram a enxada e expuseram o peito. Não foram as proclamações dos jornais, nem as lojas dos pedreiros-livres que puseram em poucos dias 30:000 homens à volta de um rapaz de 29 anos sem o prestígio dos apelidos nem da riqueza. O seu poder magnético era a petulância desorientada, o atroamento dos buzinhos nos nevoeiros das côncavas montanhas, o calafrio entusiástico nos rebates das tôrres. Poderia o fanatismo explicar esse arranque de força brutal que tirou a lume os Fomentistas, os homens iniciadores do progresso pela exploração das forças naturais igualmente brutas? Fanatismo, não. Padre Casimiro, em 1846, não era fanático: era um alegre, um pândego, como dizia Pinho Lial, o seu companheiro de quartel em Braga. Não julguem o rapaz do belo bigode e das negras melenas de 46 pelo vélio cenobita de Margaride que hoje poda o seu vinhedo, e divulga impressas as suas memórias dissaboreadas, descoloridas, estragadas pela piedade. É que a vista retrospectiva lançada da beira do túmulo para os actos da juventude é uma falsa miragem sem a poesia das grandiosas rapazices, sem naturalismo, coisa inválida como documento humano, sem os toques de uma idiosincrasia pitorescamente selvagem. Aquela índole vulcânica de um Masaniello, à portuguesa, está hoje filtrada pelo gelo dos anos. São cinzas apagadas com água-bonta, em que não lucila a faúlta do antigo homem. Se elle escrevesse sinceramente as suas memórias sob a inspiração emotiva dos 30 anos robustos, e as publicasse sem comentários ascéticos, alheias a teologias mistagogas, teria interposto um livro sério na estante dos volumes que nos abalizam o itinerário da jornada — avanços e retrocessos — da Civilização. To-



davia, se padre Casimiro, alguma vez, foi um inconsciente humorista na sua obra, quando queria ser circunspecto, a pena que essa penúria de criticismo me faz não implica de modo algum com o justo juízo que formei da utilidade do seu livro.

\*

Demitido o ministério Cabral, (20 de maio) os setembristas cogitaram no processo mais decente de se desfazerem do poderoso e intransigente caudilho dos 30:000 homens. O horizonte político do padre era mais largo que a substituição de um grupo de liberais, e dos respectivos convivas à mesa onde o povo era cozinhado e engolido em vários *menus* chamados *orçamento*. Ele o declarava em brados e gestos no Bom Jesus aos de Setembro que davam «vivas» à Carta: *Que de Cartas e escritos estávamos nós muito cheios; que era essa peste que tinha produzido a nossa desgraça, etc.*

Não obstante, no programa do padre, a procriação de D. Maria II não era ainda então coisa decidida. Bem claro o disse à multidão: *que a rainha embora dessem «vivas», por não poder ser por outro modo; mas nunca à carta constitucional.* Era um oportunista. E eu tenho presentes documentos impressos e por êle assinados que muito abonam a sua sagacidade.<sup>1</sup> Mas ainda concebido

---

1 O snr. padre Casimiro refugou êsses documentos da sua biografia política por que talvez os não colleccionasse naquele tempo. Algum que haja de aparecer neste livro entrará como documento sociológico indispensável à apreciação dos personagens dirigentes — elementos heterogêneos de que a Evolução, misteriosa alquimista da história, extraiu o ouro do Fomento.



que houvesse manha e fraude nessa interina condescendência em conservar-se a rainha, sem carta, absoluta, com as leis do tio — por isso que volvidos alguns meses, o ouvimos aclamar D. Miguel — essa elasticidade de política externa não lhe macula o carácter, visto que a Junta Suprema do Porto, decretando em nome da soberana coacta, punha generais miguelistas, Póvoas, Guedes, Victorino e Bernardino — os que a tinham combatido — à frente das colunas das suas legiões. *A um trono despótico, o direito de D. Miguel é melhor*, escrevia o *Espectro* com gramática bastante espectral.

\* Como quer que fôsse, o expediente mais comeseinho era suprimir o padre pela morte. A preponderância do guerrilheiro em milhares de homens irreconciliáveis com os corrilhos liberais periclitava a vitória dos setembristas. Outro ministro do manso cordeiro, o cônego Montalverne, comandante de um batalhão de voluntários, chamados «Sirzinos», fardados de ganga e estôpa, era o contra-regra da tragédia. Foi êle que induziu o ingênuo colega da aldeia a parlamentar com as autoridades civis e militares, em Braga.

Desceu o Intendente comarcão do santuário do Senhor do Monte à frente de 30.000 homens que desbordavam na longa estrada e espavoriam as aves com o estridor dos tamancos. Chegados à Senhora-a-Branca, propôs-lhe o pérfido cônego que entrasse na cidade sómente com dez homens armados para evitar provocações à soldadesca. Condescendeu o caudilho sob cláusula de que o povo tornearia a cidade em atitude de fogo. O Montalverne anuiu.

Na extrema do Campo de Santa Ana, êle e a sua escolta de dez homens viram as espingardas



de um piquete a alvejá-los. O capitão Lacueva conteve os soldados, e intimou o padre a desarmar-se. Transigiu; mas os dez homens apossaram-se do capitão como refens. — *E nem pio! aliás é defunto!* O capitão efectivamente não piou, e ficou na acampamento do povo. Um acto de juízo! E, como êle talvez assim praticasse muitos, veio a falecer em Braga, por novembro de 1884, reformado em general. É doce morrer assim velho, na pátria, dando e legando lições de prudência e de hygiene. Foi Horácio quem inculcou as doçuras de morrer *pela pátria*. Olhem quem o disse! O intrujão que fugia sempre; e, na batalha de Filipos, atirou o escudo para as costas, único lado que êle mostrava, e de longe, ao inimigo. Temos tido generais que parecem Horácios Flaccos... nas batalhas.

O préstito seguiu pela rua do Souto; e, quando chegava à quina contígua ao paço arcebispal, um segundo piquete meto as espingardas à cara, provavelmente, para arcabuzar a pólvora sêca o parlamentar. A respeito dêste segundo insulto, padre Casimiro, numa explosão de cólera e justiça, escreve: *Comceei então a dar um grande cavaco contra as autoridades e officiais militares, etc.*

¿ Quem não daria um grande cavaco em tais circunstâncias ?

Foi à presença do general. Disseram-lhe os do estado-maior que não tivesse mêdo, que não o matavam. Ele então com ombridade: «Que não cuidassem que a morte o assustava: que lhe era indifferente morrer na cama de uma febre, no campo de uma bala, ou de uma punhalada traiçoeira; por que, no instante em que o matassem, subiria à bemaventurança celeste, etc.» Uma alma em arrôbos de mártir a saúdar o empíreo. Depois,



no aprumo solene de profeta, inflexionando a garganta em tons minazes, expediu do peito estas e outras vozes: «... Mas saibam que, se eu aqui fôr inorto, nesse mesmo instante, começará Braga a arder em altas lavaredas por todos os lados até ser reduzida a um montão de ruínas para ser vingada a minha morte!»

E num ereseendo de solenidade trágica: «As massas enormes de povo que se apinham em volta da cidade, e das quais muitas já entupem as bôcas das ruas, avançam com tal rancor e tal desespero contra tôdas as autoridades, que, se elas bem o conhecessem, por certo não se julgariam seguras, nem mesmo nas mais profundas cavernas da terra... E talvez já as grandes colunas de povo estejam rompendo pelas ruas de Braga dentro, e, vendo-me neste lugar, eu seja também vítima do seu furor, por se persuadirem que eu me vendi e as atração.»

Havia um terror no pálido auditório. *Amarelos como defuntos*, diz o padre. Depois, aproveitando aquele parêntesis de susto, pediu papel e tinteiro para fazer sustar as colunas incendiárias de povo. Postilhões de cavalaria, *com velocidade eléctrica*, afirma o historiador, levam as ordens; e as massas param.

Não posso suspeitar da veracidade da após-trofe que trasladei incompletamente. Aqui não há os discursos fantasistas de Tito Lívio e Jacinto Freire. O *autobiógrafo* produz a sua aloeução de memória, com certeza: mas eu me recordo de a ouvir quâse literalmente de um dos seus ouvintes aterrados. Não tenho igual erença nos discursos de Napoleão I ditados, a sangue frio, em Santa Helena.

O general, visconde de Valongo, safara-se.



Levaram ao coronel o parlamentaríio. Ia pelo braço do jovem e delicadíssimo secretário do govérno civil Marques Murta a quem padre Casimiro, a pag. 46 do seu livro, desfecha uma nota azêda. O coronel era o Ferreira, o *Trinta diabos* de alcunha, que lhe deu vinho e biscoitos e larachas — uma reinação; e mandou-o acompanhar por uma patrulha de cavalaria. Os sicários tinham gizado matar o padre nos antros dos Biscaínhos: mas o generoso Ferreira repeliu a covarde infâmia. Padre Casimiro safu, montou a cavallo e logo teve denúncia de que o matariam. Desconfiou que os cavalarias lhe desfechassem as clavinas pelas costas, ficando eu defunto para sempre, diz êle deplorativamente. Esta idéa incômoda de uma defunção perpétua fez que êle metesse a galope a tôda a brida, sem nunca olhar mais para trás nem tornar a saber do destino dos cavalarias. Andou muito bem, quero dizer, pensou muito bem. Quem andou igualmente bem, e muito, foi a burra que por sinal era branca.

Entrou incólume no seu acampamento, no Campo de Santa Ana. Aí o cônego Montalverne, tomou-lhe a rédea da cavalgadura, como para dizer um segrêdo ao cavaleiro. O scelerado queria aproximá-lo disfarçadamente do piquete e pô-lo ao alcance duma descarga; mas um dos dez guardas que mostrava dar sem prometer, abocando ao peito do cônego o bacamarte: *Nem mais um passo!* E o cônego raspou-se para não sentir o desgôsto de ver o ventre furado. Frase realista e pitoresca que ainda não está muito poída.

Neste comenos, estoiram alguns tiros nos telhados da casaria do Campo de Santa Ana, coalhado por 30:000 patuleias. As massas consideram-se atraíçoadas, apanhadas num fôjo sem



saída. Desvairados de terror, os 30:000 desatremam num pânico de fuga. Empurram-se, tropeçam, bracejam, escorregam, escouceam-se, escabujam engalfinhados uns nos outros; os que vem atrás desabam sôbre os dianteiros; e, por não poderem aguentar-se de pé, os grupos agatanhavam-se em epilepsias de pavor, estorciam-se em vascas de moribundos varados de balas. Os tamancos alastrados no acampamento podiam pesar-se às toneladas como se mediam aos alqueires os anéis dos cavaleiros de Pompeu no morticínio da Farsália. Pode ser que eu exagere a profusão dos tamancos; mas para êstes lances épicos é que Aristóteles e Longino estatuiram a hipérbole.

O padre, *apossando-se dos mesmos sentimentos* dos 30:000, como êle modestamente confessa, apeou abandonando a bêsta, enfiou por uma taverna na rua da Água, marinhou até à trapeira e passou felinamente vários telhados. Depois, de salto feliz, pinchou ao peitoril de uma janela traseira. Foi espreitar por outra da frontaria e viu, relíquias dos 30:000, apenas o intrépido João *Corneta* a fazer fogo e simultâneamente a dar os toques de avançar e retirar a que obedeciam o Batoca e poucos mais. <sup>1</sup>

---

1 Do *Batoca* direi adiante o destino sobrenatural; e do *Corneta* farei aqui a devida memória. Hoje, 15 de dezembro de 1884, o meu prestantíssimo amigo, poeta e prosador primoroso, Cunha Viana, de Braga, me comunicou, àcerca dêste *Corneta*, outrora famigerado, a nota seguinte:... *Depois de várias pesquisas sabe que o Corneta estava doente na enfermaria de S. Cosme, hospital de S. Marcos. Fui lá. Deparou-se-me um velho de rosto anguloso, duro e carregado. Respondeu: que nascera em 1809 e estivera*



Desceu o padre à rua, inerte, com um chapéu de castor emprestado. Afora o chapéu, tinha perdido a égua, o gabão e a pistola de cavalaria. Não obstante, foi animar o fogo na rua do Souto; mas como a tropa o atacasse de flanco para lhe cortar a rectaguarda, fez dar o toque de retirada pela rua da Água; e, atalhando por vielas, saíu à Senhora-a-Branca. Aí, fustigado pelas balas, meteu-se por uma porta, subiu a uma sala e desceu a um quintal. O regimento 13, que o avistara do adro da Senhora de Guadalupe, granizou-lhe algumas descargas que não o feriram por elle ter adoptado certo sistema de defesa de uma simplicidade prodigiosamente exótica. *Ouvindo cada descarga, refere a vítima escapada à carnagem, deitavamos no chão por detrás das pequenas paredes de divisão entre cada dois quintais, de altura de 3 a 4 palmos, marchando ligeiros depois de passarem*

---

*no Alto-do-Viso. Que em 37 estivera na Catalunha, e mordera a pé, até Madrid, uma distância de 105 léguas. Que um soldado de cavalaria o ferira, cortando-lhe três dedos da mão direita. Que andara depois com o padre José da Lage (1846), e que, sendo o Corneta da guerrilha, era na realidade o verdadeiro comandante. Que foi chapeleiro e que em 47 estivera preso na Relação... Chama-se o homem João Antunes da Silva... Ainda hoje dizem os do tempo: «O Corneta! Oh que demónio!»*

O valente lidador que perdeu três dedos no serviço da legitimidade dos reis portugueses e espanhóis, aos 75 anos, mutilado, indigente, e sem família nem amigos, espéra a morte em uma enxêrga da caridade na enfermaria de S. Cosme, hospital de S. Marcos. Os padres que elle serviu devem levar-lhe, ao menos, a esmola das consolações religiosas, e a esperança da ressurreição da carne com todos os dedos por inteiro;

as balas, de quintal em quintal, até outra descarga, e continuando neste gôsto o divertimento até S. Vitor. Tal qual como os índios quando ouviram assombrados as estranhas detonações dos arcabuzes portugueses: atiravam-se por terra; mas, de ordinário, quando se atiravam já iam atravessados. Porém, que ricas pontarias, que boa escola de tiro a do 13, e que benigna pachorra a dos projectis que, depois do estampido, esperavam que o padre se agachasse atrás das paredes, para passarem !

Saltando quintais, o fugitivo foi bater à porta de uma vélha surda que, muito martelada, veio abrir. Safu por outra porta, achou-se na rua, e *debaixo de um dilúvio de balas*, a descoberto. Chegou aos Piões, subiu ao Bom Jesus, e foi para casa são e salvo, com o prejuízo da égua, do chapéu, da pistola e do gabão. A cavalgadura, que tomara o freio nos dentes espantada pelo tiroteio, rompeu em desapoderada fuga, homisiou-se em Guimarães e Fafe por alguns dias, e voltou à córte do dono, durante um armistício. O garnacho e o chapéu também lhe foram restituídos. Este garnacho não andaria sovado aos pés da tropa, se o dono, à maneira de S. Goard, o dependurasse num raio de sol; ou, sentando-se nêle na corrente do rio d'Este, se safasse à injúria das balas como S. Raimundo de Peñaforte; mas a fé neste atribulado sacerdote manifestou-se tóda na energia dos membros locomotores e na volatilidade dos pés que perlustraram os telhados escorregadios da rua da Água como se fôssem os macios e surdos tapêtes dum *boudoir*. E, quanto à pistola, essa foi apanhada por certa meretriz na rua, debaixo de fogo; e, como conhecesse de quem era, escondeu-a entre os *saiôtos* e levou-lha ao acampamento do Bom Je-



sus. Vê-se que a panópia do pugnacíssimo padre era assaz conhecida e que não é mau estar a gente relacionada em tôdas as casas sem excepção.

Este incidente é uma reminiscência juvenil que o velho revolucionário nos conta com grande segurança de estilo em uma nota magra de pag. 52: *A pistola de cavalaria, conhecendo-a uma prostituta, apanhou-a no meio das balas da tropa, ocultando-a debaixo da saia, e ma foi levar ao Bom Jesus.* Nesta mulher, repulsa do grémio das boas, das fiéis e das dedicadas, dera-se um feilo arrojado de desprezo da vida e um lance priñoso de affecto. Apanhara a pistola por entre balas, por que a conhecera, escondcu-a em perigo de ser vista e espingardeada; foi levá-la ao dono quando os facinoras *polucos* e *sirzinos* espionavam as pessoas que comunicavam com o campo do padre rebelde. Esta mulher não tinha nem já agora terá nome. Será simplesmente e cruelmente — *a prostituta.*

Dêste assunto podia extrair-se ideal bastante para duas páginas de sensação; mas por aqui me cerro. Temo abrir a válvula do meu velho sentimentalismo feito nas *Damas das Camélias* e das *Pérolas*. Que emocional romance, há vinte e cinco anos; poderia aquiteclar-se nas Travessas, em Braga, intitulado *A Dama da pistola!* Se um talento de raça, tendo entre os seus personagens um gardingo presbítero, não conseguiria virginizar o coração daquela dama até à pureza estética de uma Hermengarda! Hoje, seria tarde. Já se não restauram literariamente criaturas assim. Será sempre *a prostituta.* E aquela Maria da Fonte, a enjeitada ébria e franduna, a cantoneira do tambor, enquanto houver linguagem portuguesa, será sempre *a heroína.* E o feitio do mundo.



\*

Capitaneava então uma guerrilha patuleia estreme, no Bom Jesus do Monte, um Bento José Gomes, esturrado selembrista, que depois foi despachado eserivão de direito para Braga. Este sujeito, exercitando-se em uma espécie de concurso documental ao offeio que depois lhe deram, aposara-se ladravazmente de um cavalo e duas vacas avaliadas em 60 moedas.

O presbítero, depois da perfidia grega das autoridades braearenses, genuinos cavalos de Tróia sem obra de carpinteiro, resolveu acampar também com a sua guerrilha no Bom Jesus, a ver se a «comissão de fornecimento» representada pelo Pinto Basto; do Pôrto, lhe distribuía munições e pré. Nunca lhe tinham dado vintêm os sctembristas; mas, desta feita, e visto que a sua causa ia triunfar, o Pinto Basto, rebentando de prodigalidade, deu ao padre, comandante das duas províncias do norte, vinte pintos para fardar e sustentar as legiões populares. Havia no acampamento uma banda musical que fazia reboar o *Rei-Chegou* e o hino da Maria da Fonte por aqueles eos da montanha sagrada. Era forte em caixas de rufo e serpentinas de colmilhos assanhados que expediam mugidos incomparáveis. Quando todos aqueles metais e peles estrondeavam, esfusiava uma alegria, uma crise furiosa de entusiasmo que fais-cava electricidade na espinha dorsal; na espinha, porém, estavam os músicos, anémicos, debilitados pelo pasadio flatulento do arroz e do caldo verde com feijão galego. Uma noite, a bárbara orquestra desertou, e foi para a sua terra. Padre Casimiro, amantíssimo de música, sentiu amargamente esta elipse dos filarmónieos, e mandou quarenta



homens agarrá-los à Feira Nova. A escolta retirou sem a música, e muito aflita, a gritar que o povo se levantara contra ela julgando-a parceira de um exactor de contribuição forçada que Bento Gomes, o guerrilheiro setembrista, lançara e mandara cobrar. Para não perderem de todo a diligência, os emissários prenderam o cobrador, e apanharam também um cavalo que o Bento mandara tirar a certo proprietário. A escolta queria espingardear o futuro escrivão de direito e mais o cobrador; mas o canarada do padre, bom homem, escondeu o Verres e mais o cúmplice debaixo de uma banca de pinheiro que tinha as quatro pernas vestidas de chita, sob a ramaria da carvalheira. Padre Casimiro, irreconciliável com ladrões, abandonou o acampamento, levando consigo todo o povo, e mais o bacalhau, o arroz e munições que eram do Gomes, e bem assim as tais gentilíssimas vacas. Andou muito bem. Nada de ladrocinhas.

As vacas dêste episódio, são muito mais autênticas que as do sonho do Faraó do Egipto; mas encontro-lhes umas obscurezas que os exegetas da história lusitana, os futuros Gibbon, Niebuhr e Mommsen difficilmente hão-de clarificar dentre os nevoeiros da lenda.

Conta o snr. padre Casimiro que as vacas eram do coronel do 8, Xavier Ferreira, o *Trinta-diabos* e lhas enviara ao quartel, depois de proclamar ao povo contra o roubo da propriedade. Segundo os *Apontamentos*, o coronel agradeceu ao padre as vacas em uma longa carta, brindando com generosas gorgetas os portadores. Escreve-lhe de novo padre Casimiro admoestando-o a que se renda e lhe entregue as armas do regimento; e, no primeiro período dessa carta, deixa perceber que o Ferreira declinara de si o domínio das vacas:... Quanto



às vacas (escreve padre Casimiro) *deve conservá-las em seu poder até que o dono as procure para que não aconteça extraviarem-sc.*<sup>1</sup> A final, ¿ de quem eram as vacas? Em Braga reina profunda escuridão a tal respeito. Ninguém diz positivamente quem era o dono ou dona das vacas. É um facto de ontem que caiu na insondável treva dos mistérios históricos como o *Homem da máscara de ferro*. É certo, porém, que o coronel reconheceu por escrito a honra do padre, bem como o perigo em que êle esteve *de levar uma descarga geral do povo como traidor, bem semelhante à do Agostinho Freire na Igreja Nova na ocasião da irrupção francesa.*<sup>2</sup>

Subscreve-se na referida carta o padre Casimiro José Vieira *Protector das cinco chagas e comandante das Massas populares*. Ele usou diversos títulos conforme a aclamação popular o ia promovendo. Escreve o padre Manuel Bernardes: «É próprio de ânimos altivos tomar títulos e apelidos arrogantes, que são uns como penachos, cujos canhões estão arreigados na vaidade do seu cérebro». Títulos pomposos do padre notei os seguintes: *Comandante das três províncias em nome da santa Religião*; depois, *Intendente da comarca de Lanhoso*; em 31 de maio, quando escrevia ao coronel, era o *Protector das cinco chagas*; e em julho, quando escrevia à rainha, era *Defensor* das mesmas, e

1 *Periódico dos Pobres* de 17 de Julho de 1846. Este documento, com mais alguns de que darei notícia resumida, fazem falta na organização cronológica dos *Apontamentos*.

2 É bem comparado; mas há equívoco. O general assassinado pelo povo chamava-se *Benardim* Freire. *Agostinho* José Freire, ministro da guerra, foi assassinado em 4 de novembro de 1836, na calçada da Pampulha, por um soldado dos batalhões nacionais.



*General comandante das forças populares do Minho e Trás-os-montes.* Mais tarde, em abril de 47, foi confirmado por diploma régio *Comandante geral de tôdas as forças populares ao norte do Minho com honras de brigadeiro*; e, finalmente, em 1850, foi agraciado com a comenda de S. Miguel da Ala. José de Sousa Bandeira, com o pseudônimo de *Brás Tizana*, anunciou no *Periódico dos Pobres* que D. Miguel fizera *conde de Vieira* o padre. Este título, conquanto não exceda os outros em fantasia, não tem um fundamento igualmente sério. O que D. Miguel lhe deu por intermédio do seu ministro e logar-tenente doutor Cândido, foi a comenda de S. Miguel da Ala. Esta graça, posto que irregular, é mais lucrativa que as conferidas pelo rei legítimo, porque não paga direitos de mercê. Como quimera, está sempre dentro das fronteiras do Ideal, e nunca esbarra na matéria bruta da tabela dos selos.

Em uma proclamação mandada aos habitantes do concelho de Vila Chã, recomendando-lhes *que não larguem as armas até acabar com todos os mações* (*Periódico dos Pobres* de 25 de agosto de 1846) assina-se o snr. padre Casimiro — *Defensor da Pátria*.

Optimamente. Seguiu o patriótico exemplo do Mestre de Aviz e do Prior do Crato, que ambos se aclamaram *Defensores da Pátria*. Está na tradição dos grandes homens modestos ou cavilosos, mas sempre bem intencionados. Todavia, nenhum desses aspirantes à soberania se denominou *Defensor das cinco chafas*, como o snr. padre Casimiro. Das chagas trataram eles de se defender o melhor que puderam. O Prior do Crato, na batalha de Alcântara, assim que lhe fizeram uma escoriação muito superficial na cara, fugiu à rédea solta e



foi curar-se em Aveiro. O Mestre de Aviz defendia-se das chagas tam dextramente, que nunca foi ferido. Padre Casimiro também saiu invulnerado das palejas, podendo com razão intitular-se *defensor* estrénno, mas de si mesmo, do seu corpo ileso de chagas.

Isto quanto a *Defensor*; mas a respeito de *Protector das cinco*, parece-me pior idéa. É um título assaz pretencioso, imodestíssimo, irreverente e não sei se um pouco sacrilego. Oliveira Cromwell também foi *Protector*, mas não das chagas divinas do criador do universo. O mais a que a sua missão de protector podia aspirar, em alçada de feridas, era proteger as chagas humanas dos seus faccionários da influéncia do ar nocivo, ministrando-lhes ceróto e ligaduras. A protecção é um favor do maior ao menor, beneficéncia que denota superioridade — força concedida a uma fraqueza suplicante. As chagas de Cristo adoram-se, não se protegem. Não duvido que a teologia mística rejeite estes argumentos de livre-pensador; eu, porém, se pudesse conceber a plástica patológica de um Deus perpétuamente ulcerado por causa do género humano marfético e incurávelmente pôdre, pediria aos sagrados estigmas que me protegessem, e nunca me proclamaria *Protector das cinco chagas*. Modos de ver as coisas, os deuses e as feridas.

\*

Padre Casimiro, rôta a aliança com o corrupto Bento, foi acampar nas *Sete Fontes*. Aí se confederou com outro chefe, o destemido padre João do Cano de quem darei notícia em parte mais competente d'este livro.



A propósito da clerezia, nomearei agora os padres mais ou menos militantes na epopeia da revolução, à volta do protagonista de Vieira. Contra êle, degladiam-se no campo o cônego Montalverne, comandante do *Batalhão de segurança rural*; no gabinete, o egresso Francisco José Alves Vicente. A seu favor, o padre António Teixeira, das Quintas, do concelho de Montalegre, que ali aclamou D. Miguel I em julho de 46; o padre José Soares Leite, chamado *o da Lage*, um barra; o padre José das Taipas, o padre Gomes, do Prado; o façanhudo padre Luís António Pereira, abade de Priscos, o pimpão padre Manuel da Agra; finalmente o padre Joaquim da Costa, puxador de muito pulso. Havia outros que batalhavam na cadeira da prática dominical, no púlpito, no confissionário e nos comícios das lavernas de aldeia. Eram quâse todos.

Chegados às *Sete Fontes*, o general mandou ir do Gerez três peças de ferro, roídas de ferrugem, e abandonadas desde a luta da independência com Filipe IV. Pelo feitio pareciam ser três das dezasseis bombardas que os castelhanos em 1835 trouxeram e perderam em Aljubarrota. Montou-as em carretas novas, fez outras três carretas para os pretinhos, formando *um combóio rcspeitável... imponente* que atraíu o povo na *circunferência de mais de dez léguas*.

Quando esta notícia estoirou em Braga, várias famílias, receando ser bombardeadas do alto das *Sete Fontes*, fugiram. Era um terror de Numância que poderia justificar-se, se o padre soubesse como as peças funcionavam. *Estava eu senhor das peças, diz êle, mas sem saber como carregá-las, por que não tinha pólvora, nem balas, nem até artilheiro que soubesse servir-se delas.* Depois apa-



receu um artilheiro, e de vários pontos rolaram balas de todos os calibres. Apesar disso, nunca se ouviu o estampido destes velhos monstros por que ainda não tinha soado a hora da assolação de Braga. Assim mesmo a cidade confrangia-se de pavor quando lia proclamações desta laia.

#### HABITANTES DE BRAGA !

*É chegado o dia de vos unirdes às Massas Populares para repelir esse punhado de soldados que só tem por divisa o atropelar as leis da honra, da humanidade, e (por desgraça) da Religião. Braearenses, ou nos ajudais a desterrar dentre vós esses monstros sanguinários, ou vedes hoje dentro de vossos muros a infausta scena que há pouco teve logar em S. Tiago da Gáliza. Habitantes de Braga, é chegado o dia dos abraços ou das vinganças. Braearenses, escolhei — ou unir às Massas Populares ou ver a cidade em chamas. O padre Casimiro José Vieira. <sup>1</sup>*

Das *Sete Fontes*, na véspera de um ataque decisivo, segundo os cálculos do *Protector das cinco chagas* um pouco precipitados, dizia êle aos braearenses que ia resgatá-los: que o ajudassem; senão, o sangue inundaria tôda a cidade. Que era chegada a hora de estimarem as pedras e as garrafas. *As garrafas!* a quem êle o dizia! Convidava-os a defender a religião, e a augusta rainha D. Maria II para que ela *pudesse espalhar livre-*

---

1 Antecede a publicação deste documento no *Periódico dos Pobres*, a seguinte nota explicativa: *Proclamação de terror que mandei para Braga da primeira vez que estive no Bom Jesus do Monte.*



mente a par das Máximas Evangélicas leis do céu aos valentes portugueses. Chamava-os às armas enfim para poderem com gosto entoar como dan-tes cânticos do céu. E concluía num raptó de Pedro Eremita em frente de Jerusalém: *É chegado o tempo da inocência, a idade de ouro, corramos à vitória!*<sup>1</sup>

\*

Não se realizou o «ataque decisivo» por que alguns padres, mais transigentes com os setembristas, lhe faltaram com as suas guerrilhas; mas, não obstante, os valentes de Vieira escaramuçaram com o piquete do 8. As peças conservaram a sua virgindade bi-centenária em matéria de fogo. Duas, reccosas de serem apanhadas pelo inimigo e expostas à troça dos bracarenses, fugiram nas suas carretas; a terceira ficou com as goelas negras e fuliginosas abocadas contra a cidade; mas, à falta de pólvora, fugiu atrás das outras, cheias de óxidos e de nostalgia do seu Gerez onde tinham logrado dois séculos de paz, desde que varejaram os sórdidos galegos em 1645.

Estava destinado novo dia de *ataque decisivo*, quando o visconde da Azenha escreveu ao padre Casimiro, felicitando-o «pela corôa de louros que adquirira» e considerando-o como o *maior herói de Portugal daquelle tempo*. Depois, pedia-lhe que depusesse as armas, e não desfizesse a composição que estava feita.

Foi o padre a Guimarães, e o visconde levou-o pelo braço a parlamentar com o general da provín-

---

1 No mesmo *Periódico dos Pobres*, Junho de 46. :



cia barão do Almargem. Repicavam os sinos: garotos entusiastas esganiçavam-se a berrar os «vivas»; três fogueteiros à compita estrelejavam girândolas; enxames de bêbedos esfervilhavam nas tascas pedindo meias-canadas e capitães-móres; das janelas choviam açafates de flores sobre o gentil rapaz de bigodê negro e barbas intonsas trajado à caçadora, japona curta, bonê de peles de toupeira abotoado à frente por um grande botão amarelo da mesma pele, com a sua clavina de cavalaria, eanana com cartuchame à cinta, correão a tiracolo. Era o *Protector das cinco chagas*, aquele esvelto homem de olhos ardentes, e tam fina mira de pontaria que, afirma êle, com aquela sua clavina, a sessenta passos, metia uma bala em 10 réis. Por isso, as donzelas de Guimarães, devotás das cinco chagas, lhe tapetavam os ladrilhos de pétalas de camélias, enquanto as mães se abriam em jaetos de lágrimas exultantes.

\*

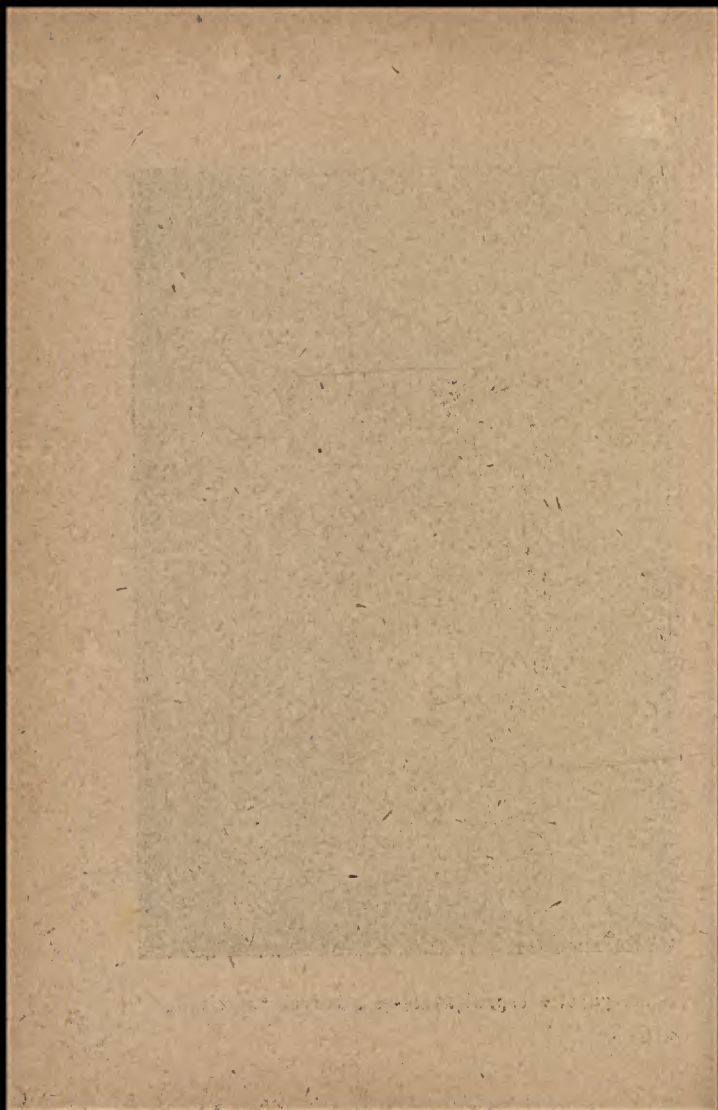
Não se reconciliaram os dois generais. No palacete do Almargem assanhou-se uma altercação política de péssimos sintomas para a vida do barão. O povo chegou a aperrar as clavinas para lhe atirar quando êle assomasse a uma das janelas do salão em que o padre com a sua forte laringe, afeita a vibrar as columnas do ar das serras, golfava catadupas de frases no tom declamatório dos missionários. Afóra a política, a religiosidade e a retórica, compeliám-o a essa formidanda solenidade de gesto e voz o hábito de proclamar ao ar livre e de ler as suas cartas enviadas às autoridades, e as proclamações funéreas, «de terror».





... garotos esganiçavam-se a berrar "os vivas,"  
*M. da F*





em presença de milhraes de ouvintes, tendo por supedâneo as musgósas penédias druídeas.

*Ficamos desmanchados, depois de puxarmos muito um pelo outro,* diz o «General-Protector». Ao outro dia submeteu o viseconde da Azenha ao seu hóspede uma proclamação a ver se êle se conformava. Não conformou, por causa de um defeito capital: — não se davam «vivas» à Religião. Replicaram-lhe que *não era preciso, porque isso se entendia.*

— Pois então, retrucou o padre, também não é preciso dar «vivas» à rainha, por que isso se entende.

O Pinto Basto, do Porto, que assistia ao diálogo, mandou imprimir novo papel com os «vivas» à santa Religião. Ainda assim, o padre não subereveu. Queria a tropa desarmada, mudança de autoridades e officiais, leis antigas, capitães-mores, etc.

— Isso é trabalhar contra a rainha, e chamar sôbre nós a França e Inglaterra — contravieram os liberais.

E o padre retorquiu:

— Tanto trabalhamos contra a rainha desarmando a tropa e mudando de sistema, como obrigando-a a mudar de ministério e a accitar as autoridades que lhe querem impôr, porque tudo isso é contra a vontade dela...

Não era de todo tólo — diria o meu saúdoso amigo Pinho Lial. Os setembristas deviam sentir arder-lhes a cara debaixo da máscara de respeito à rainha.

Padre Casimiro podia exprimir mais lisamente o seu pensamento d'êste teor: «Eu quero que a rainha governe absoluta, e vocês querem que ela reine coacta. Eu posso ser um absolutista retrógrado:



vocês são uns refinadíssimos velhaeos. A rainha para vocês é simplesmente um rial espantalho com que pretendem afugentar da painçada os pardais daninhos dos outros partidos. Eu quero uma pátria para todos, governada pela rainha absoluta: vocês querem uma rainha constitucional a guardar-lhes o exclusivo da gamela.» Reconheço que o padre não podia descer ao raso desta linguagem com tais interlocutores; mas, sem a retórica do frei Miguel Justino, de Braga, êle teria assim falado pouco mais ou menos.

A final o presbítero, estirando pelo ambiente o braço exicial como Coriolano à saída de Roma, rematou desta arte a tumultuosa sessão: *Agora é que vai correr sangue, por que nem eu nem o povo queremos saber de tal composição, e ou havemos de morrer todos, ou dar cabo da tropa e da chusma de ladrões que nos roubam.*

E, montando a garrana, foi para o arraial das Sete-Fontes.

Malogrou-se, outra vez, o «ataque decisivo» a Braga, porque todos os chefes de guerrilhas se apresentaram pacificamente ao general Almargem e receberam à bôca do cofre as facturas que apresentaram das despesas feitas com as massas. E que facturas! Contas de Gonçalo de Córdova, o Grão-capitão, mestre em ladroeira daqueles capitães pequeninos.

Ficou o padre sòzinho em campo, sem recursos nem aliados, resistindo às seduções e às ameaças. O coronel do 8 e o governador civil Lopes de Azevedo empenharam-se directamente, por meio de cartas, em convertê-lo ao setembrismo triunfante. Resistiu, atormentado de privações, de populares impacientes e famintos, de pérfidos e sicários suspeitos que o traziam em continuo receio de ser assas-



sinado. O coronel Ferreira avisava-o de que se acautelasse. O generoso e bravo soldado de D. Pedro IV sabia que de Braga tinham saído assalariados no propósito de remover a punhal o único estórvo à transacção dos revoltados com o ministério.

Percorriam então as aldeias os inimigos do padre rebelde a combinações políticas, acusando-o aleivosamente de crimes hediondos, tais como ter espancado o próprio pai. No adro da igreja de Oliveira esta proterva calúnia inflamou as mulheres, que se armaram de pedras para *endireitar* os *queixos* aos caluniadores; e acrescenta o padre com algumas metáforas de fôrça: *e fugiram elles a unhas de cavallo para não passarem pelo desgosto de verem o miolo das tripas*. Locução naturalista com cheiro e côr local, portuguesa de lei, sem o «tempêro de *gergelim* e papoulas» que Petrônio, o Arbitro, reprovava nos escritores peralvilhos do seu tempo — *verva sisamo et papavere condita*. E ajunta que elles, feita a exhibição do referido miolo, — um hopoponax não garantido por Lubin — *iriam dançar como diabo às «eseuras» nas felugentas eavernas do inferno*. Tem êste escritor predilecção por aquelas figuras acrobáticas dos pulos e danças infernais, cambalhotas eternas no fogo, às escuras. Ficou-lhe talvez êste geito da literatura dantesca, dos macabrismos dançantes medievais, e das telas sinistras de Hans Holbein, o coréografo dos mortos.

Em tam desanimadora crise espanta a pertinácia do padre, e a sua boa fé epistolar na pachorra teimosa com que escreve a dois governadores civis impondo-lhes sob penas severas o aderirem ao povo, como se dispusesse de batalhões bem municiados e das três peças de artilharia para sem-



pre caídas no abisino da história, e talvez a esta hora desfeitas em enxadas e taxas para tamancos. Em 5 de junho enviava êle à autoridade superior do distrito, em nome do povo, o seu definitivo e inalterável programa. A saber: *Religião católica romana como estava dantes. D. Maria II rainha. Carta constitucional acomodada ao govêrno antigo. Capitães-mores, juitzes de fora, corregedores, recebedores gratuitos. E tudo mais como dantes. Tropa licenciada ilimitadamente. General da provincia, Gaspar Leite, fidalgo do Cano. 1.º subalerno visconde da Azenha, 2.º Nicolau de Arrochela. Empregados nos concelhos, à vontade do povo. Que o participasse à rainha para que ela nomcasse um ministério católico e honrado. Assim terminaria a guerra: aliás, efusão de sangue.»*<sup>1</sup>

No dia immediato, em nova missiva, queixa-se da falta de resposta. Aquele meu querido governador que morreu conde de Azevedo, era supremamente civil. Talvez não respondesse por suspeitar que a proposta do «Protector das cinco ehagas» era o pródromo de um atonismo cerebral, a crise mórbida de alguma célula funcional das indispensáveis ao siso comum. Só assim se explica o silêncio do urbaníssimo fidalgo; por quanto, sendo êle muito católico e sequioso da bemaventurança celestial, padre Casimiro seria um dèsses com quem não queria corespondere-se nem ir para o céu.

---

1 Condensação da carta do snr. padre Casimiro José Vieira publicada extensamente no *P. dos Pobres* de 17 de julho de 1846. No mesmo jornal avulta outra desenvolvida carta escrita ao coronel Xavier Ferreira em 31 de maio. Contém o episódio das vacas. Promete salvá-lo da morte, e sustentar-lhe o regimento alguns meses á custa de certos patifes de Braga.

Parece provável que padre Casimiro padecesse de militofobia, uma raiva implacável à tropa — ódio que de-certo não deriva de Jesus, compassivo com os soldados do Pretório, nem das congregações religiosas que iam, durante as batalhas, ao campo e aos hospitais socorrer tanto o soldado da pátria como o estrangeiro. Esses homens de piedade sabiam que o escravo da bandeira levado de rôjo ao sacrificio fôra um trabalhador alegre a quem violentamente tiraram a enxada, deram uma espingarda e ensinaram a pontaria ao peito de outro homem. Não duvido, pois, que o encéfalo do violento presbítero em continuada fosforescência ígnea de raiva aos janizaros,<sup>1</sup> sofresse intermitências de +  
desequilíbrio que o não deixassem funcionar normalmente a todos os respeitos. Talvez também desconfianças desta natureza scientifica justificassem o silêncio do tam delicado quanto erudito Francisco Lopes de Azevedo Vélho da Fonseca.

Entretanto, enviou-lhe um próprio a dizer, de viva voz, que se aquietasse, que pedisse alguma coisa e seria atendido pelos seus serviços prestados à causa nacional. O padre responde em larga eseritura «que não quer empregos nem dinheiro. Que despreza a morte. *Que não o desfeiteja quem lhe tirar a vida; mas que o injuria quem lhe oferecer empregos ou dinheiro.* Que o respeite como comandante de duas províncias. Que exponha à rainha o conteúdo da sua carta, para que ela entre no conhecimento da mortandade que vai começar. Que se retire das Sete-Fontes; mas que espera em breve as duas províncias em massa.»<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Carta publicada no *P. dos Pobres*. Estes dois tópicos faltam nos «Apontamentos».



Naquele tempo ainda faiscavam esporádicamente indígenas assim desinteresseiros; hoje, porém, apresentem a qualquer alienista, ao Sena, ao Júlio de Matos, ao Craveiro um sujeito a bradar que não quer dinheiro nem empregos, e que oferecerem-lhe essas coisas é pior desfeita que a morte. e hão-de ver como os especialistas os mandam sumariamente recolher a Rilhafoles ou à Cruz das Regateiras, onde com certeza não entrou ainda um exemplar desta espécie teratológica. O certo é que este padre foi prelúcidamente idealizado na epopeia do Cantor do Gama. *Cant. X, est. CL:*

*Que o bom Religioso verdadeiro  
.....Não pretende... dinheiro.*

\*

Refere o snr. padre Casimiro que desacampa para das Sete-Fontes e marchava para Vieira coberto em todo o trânsito de flores e «vivas», músicas e foguetes, festejado com cânticos populares, e aclamado como o Salvador de Portugal, à similitude de David no meio das canções das moças de Israel na volta de matar o gigante filisteu, o opróbrio e terror do seu povo israelita. Uma invejável jornada, vamos lá, no meio das moças de Israel, com música — e que música! Mas ia triste, pelo pesar de não haver conseguido algum benefício para o povo, e com o pressentimento de ser assassinado ou pelos israelitas ou pelos filisteus. Flutuações geniais dos homens excêntricos. Ou padre Casimiro descreu da intervenção divina no pronunciamento nacional, ou deixa perceber que Jeová, Deus de Israel, se enganou nos seus cál-



culos. É o que depreendo desta nota de pag. 73, eserita sob um desalento consternador: *Apenas luerou o povo evitar a perseguição terrível que tinha a sofrer dos Cabrais, e o demorarem-se por algum tempo as contribuições pesadíssimas que agora o sobrecarregam, e que já desde então tinha de suportar sem remédio algum.* Logo, a revolução não foi remédio a nada, antes agravou a desgraça dos que morreram na luta e a dos que ficaram oprimidos pelas contribuições aumentadas. Intervalo lúcido que talvez confirmasse as suspeitas do Sena, do Júlio de Matos e do Craveiro. Foi a reacção da militofobia que tolheu o efeito da sensata reflexão sobre si mesmo e sobre o ereseente infortúnio da pátria. Fulgiu-lhe a consciência os funestos resultados da guerra civil; e, não obstante, voltou a encartuxar pólvora e balas com duas das suas valerosas manas. E que os azedumes devorados no arraial das Sete-Fontes haviam-lhe eseandeido a indole contra os seus conterrâneos adversos. Fez decretos desterrando alguns sujeitos de Vieira e da Póvoa. Contaram os jornais que êle prendera alguns no seu espigueiro, com sentinellas à vista. Provavelmente calúnia; mas, quanto às proserições, há documentos que as não desmentem. <sup>1</sup>

---

1 Nos *Pobres de Lisboa*, no *Telégrafo* e no *P. dos Pobres*, do Porto, de 7 de Julho de 1846, apparecem dois officios do *Protector das cinco chagas*, do teor seguinte: *Il.<sup>mo</sup> snr. regedor. Faça intimar ao snr. José Joaquim Leite para que despegue de Portugal até ao dia 14 sob pena de todo o povo lhe tr bater fogo e de se queimarem todas as casas onde êle se achar ou occultar, ficando o snr. sujeito à mesma pena não cumprindo esta minha ordem. S. Gens 12 de Junho de 1846. Do protector das cinco chagas e co-*



No dia 18 de junho recebeu padre Casimiro a fausta notícia, enviada pelo padre António Teixeira, das Quintas, de ter sido aclamado o snr. D. Miguel I em Montalegre, com *Te-Deum*, e o competente auto camarário. Respondeu-lhe o prudente colega que se defendesse como pudesse, que ele estorvaria a tropa de marchar para cima; porém, que não faria a aclamação sem ter dinheiro e munições. <sup>1</sup>

---

*mandante das forças do Minho e Trás-os-Montes. O P. Casimiro José Vieira.*

---

Este outro documento é um decreto de amnistia condicionalmente concedido a quem quer que seja que não despegue de Portugal. Reza assim: *Il.<sup>mo</sup> Snr. — Atendendo ao que V. S.<sup>a</sup> trabalhou em primeiro em favor da nossa causa, seja aliviado da pena de desterro com a cominação de que se meta em sua casa e não diga a menor palavra a respeito de partidos. Não foi por mandado ou empenhos que o fez, e por isso tenha toda a cautela. Deus guarde a V. S.<sup>a</sup> Do Protector das 5 chagas e comandante da força do Minho e Trás-os-montes. O P. Casimiro José Vieira. Mosteiro de Vieira 13 de junho de 1846.*

1 Tenho presente o *Auto de aclamação do snr. D. Miguel I* em Montalegre, copiado do livro da câmara. Como são raríssimas as peças desta espécie, não será banal o publicá-la como trecho cômico de uma tragédia que custou em Montalegre algumas dúzias de vidas: *Ano do nascimento de N. S. J. Cristo de 1846, aos 16 dias do mês de junho do dito ano, nesta vila de Montalegre e casas dos Paços do Concelho dela, aí foi aclamado o snr. D. Miguel Rei de Portugal absoluto por aclamação que fez Bento dos Santos e Moura, do lugar de Medeiros, o reverendo João Baptista Rosa, de Lodeçoso, o reverendo António Teixeira das Quintas, Manuel Joaquim alferes de cavalaria do lugar das Lavradas, e o reverendo António Alvares, de Cepêda, António Alvares Monteiro, do lugar de Pinho, João Alves Dias, de*



Em cumprimento da sua promessa ao padre António das Quintas, preparou-se padre Casimiro para embargar a passagem de 170 praças do 13 e vinte soldados de eavalo que saíam de Braga para Trás-os-montes.

Vai agora' o leitor assistir ao último milagre, evideneiado em Portugal, no campo da batalha.

O «Protector» safu de Vieira eom dez rapazes, para cortar a vanguarda à tropa e deixou o eamarada a eneaixotar uma carga de pólvora. Andadas três léguas de noute, chegou a Moreira de Rei, e aí arranjou mais vinte homens. Daqui mandou duas fôrças à deseoberta. Cada fôrça tinha seis hõmens. Parecia uma *fraqueza*. Reolheram as duas fôrças, anuneiando que a tropa ia meia légua adiante, caminho de Basto. Safu-lhe o padre no rastilho. Os pacatos habitantes da terra de Basto reeceram-o friamente, *sepulcralmente tristes*. Conjeetou raeionalmente o padre que aquele povo devia ser *todo maçónico*. Na Raposeira, desconfiou que lhe faria fogo a plebe. Estava no centro de Basto, uma terra hostile; e, ali perto dêle, no Arco, 170 soldados de infantaria e 20 eavalos, a cortarem-lhe a retirada para Vieira. Desviou-se da estrada; mas resolvido a não retirar sem ataque e sem despejar a carga de pólvora. Preferia morrer a fugir como eobarde, heróieamente o diz. Mandou-lhe perguntar o administrador do coneelho, um eabralista, o que queria daquela terra. «Quero as armas dos soldados que estão no Arco.»

---

*Torgueda. comandantes da fôrça do povo, que reunidos com o povo fizeram a aclamação do snr. D. Miguel 1.º, Rei de Portugal, e no mesmo acto os referidos comandantes nomearam nova câmara composta dos membros seguintes, etc.*



Respondeu, com arrogância; mas, *se eu dissesse o que sentia* (corrige o historiador em uma nota ingénua) *devia responder que queria retirar; mas não sabia por onde.* E todavia, como não se lhe ageitava a fuga, *antes queria morrer que fugir.* E o paradoxo a preparar o milagre.

Aparece então um guerrilheiro de Basto a bradar que estavam perdidos — que o povo e a tropa marchavam sobre eles. E as notícias de terror multiplicavam-se cada vez mais aflitivas. «Eram os mensageiros de Job — escreve orientalmente o presbítero — a dar-lhes umas após outras as alegres notícias de que tinham rompido os sabeus e levaram os bois e jumentos de seu filho, e passaram os criados à espada, e que os caldeus lhe levaram os camelos e também passaram à espada os criados, e mais algumas no mesmo gôsto». Neste gôsto estava também o infeliz Protector das 5 e mesmo os seus 30 em maiores apertos que o espartano rei Leonidas com os 300 na passagem das Termópilas.

¿ Que quer o povo de Basto? — perguntou o padre severizando o aspecto. Que o povo queria, mas que os fidalgotes não queriam D. Miguel, informou o indígena dando as suas razões. Então Casimiro, com o gesto largo e profetista:... «É possível que eu seja morto nesta terra, por que as balas não escolhem em quem se empreguem; mas saiba o povo de Basto, que, se eu aqui fôr morto, não se saberá para o futuro onde existiram as casas desta gente, por que a minha morte será vingada pelo povo do Minho e Trás-os-Montes, e não flicará aqui pedra sobre pedra, por que virá todo furioso reduzi-las a um montão de ruínas!»

— Olhe lá no que se finta... — redarguiu scépp-



ticamente, com um sorriso velhaco, o guerrilheiro de Basto.

— Espere um poueco... disse num tom de inspirado o general das duas províncias representadas por 30 homens.

¿ Esperar o qué? Ele confessa que, naquela erise, só Deus ou nossa Senhora podiam aeudiv-lhe; ¿ *mas como contar com tal milagre?* pergunta o homem de pouea fé.

O padre sentia um fastio de morte. Fumegavam na mesa as viandas erassas que lhe faziam náuseas. Tudo negro pela sombra imensa da asa da morte. Eis que, de golpe, áparece um garoto a dar parte que ehagara ali o Batoca, de Vieira, à frente de cento e tantos homens. E então o presbítero, num arrebatamento de exaltação mística, disse ao guerrilheiro que esperasse mais um poueco; e, antes de dar graças ao Senhor que secara o mar-vermelho para passar o seu povo a pé enxuto, sentou-se à mesa e comeu com o apetite de Ugolino, se o transferissem da *Tôrre da Fome* ao restaurante do *Café Anglais*. Efcitos miraeulosos de quá-eia sôbre a mucosa das viseeras digestivas. †

Na eategoria dos milagres históricos em batalhas naeionais, Batoea perfila ao lado de S. Bernardo em Aljubarrola, de S. Jorge, no cêreo de Mazagão, e de um certo eavalo branco no cêreo de Pegú — milagres que fream lançados à conta de Fr. Luís de Sousa, de Fernão Mendes Pinto e do snr. padre Casimiro José Vieira.

Cumpria, pois, bater a tropa. Destaeou-se uma fôrça de 4 homens para as Barcas de Mondim. Quatro homens, eom o milagre, eram uma legião. O exêreito já estava formado na margem esquerda para vadiar o rio. Da margem de cá, os 4 deram-lhe a primeira descarga. As mulheres da tropa,



avistando horrorizadas cardumes de povo a ruir pelos despenhadeiros das serras, desataram numa choradeira consternadora. Os soldados, cuidando-se espostejados num descalabro de fouces, pegaram de quebrar as barretinas contra os rochedos e fugiram para o Arco. E então, padre Casimiro, recolhendo o espólio das 8 barretinas amolgadas, regressou a Vieira.

Aqueles soldados sem barretina eram a existência de outros igualmente portuguezes que no Alto-Minho em dezembro de 1884, fugiram aos lóbos, uns com espingardas incombustíveis, outros com elas rebentadas. Com um exército assim armado, a defesa da autonomia será melhor confiá-la aos lóbos nacionais.

No trânsito por Basto, abriram-se aos triunfadores os toneis, homenagem covarde dos vinhateiros ao guerrilheiro que escarneciam pouco antes. As massas davam muito fogo; mas *sem saber a quê* — observa padre Casimiro. Não atiravam a nada. Uns leões, uns raios da guerra! Pôde o general acomodá-los, retirando-os das adegas. Chegados em tumulto ao convento de Refojos, aclamaram o padre *Defensor das cinco chagas e comandante do Minho e Trás-os-Montes*. Um vinho generoso.

\*

Regressando a Vieira, depôs o *Defensor* a clavicina e empunhou a pena para eserever à senhora D. Maria II. Desta memoranda carta, impressa nos jornais do tempo, é nos «Apontamentos» a pag. 165, apenas respigarei algumas linhas que acen-tuem o perfil de padre Casimiro um pouco vago em política. Partiepa a s. majestade que *todos*



os paisanos do Minho, homens e mulheres de todas as idades, e mesmo os padres, pegaram em armas e saíram a campo para mostrar o seu antigo valor português. Lamenta que, depois de apparecidas as malditas seilas de setembristas e chamorros, todo o povo deixasse de cantar. Está nesta afinação lírica. Imputa aos chamorros e aos outros incontinentes de bexiga a afonia do povo. O bucolismo virgiliano dos 29 anos! Diz à rainha que, se o povo português não fôsse verdadeiro cristão, o sangue trasbordaria em quantos charcos tem Portugal. Que êle é ministro do Deus vivo, e, como tal, encarregado de espalhar a paz na terra. Sim, êle espalhava a paz. Sob pena de morte, fôra obrigado a bater a tropa. Parece querer assim honestar o absurdo da sua missão pacífica; mas acrescenta, com basófia, que a sua coragem fizera aterrar todos os militares, e que brevemente acabaria com êles, se o Almagem e o Basto, do Porto, não induzissem o povo a desobedecer-lhe. Não sabemos que conceito s. majestade ficou formando do Basto; — mistérios da Casa de Bragança. Admoesta a rainha a que nomeie empregados que aborreçam os empregos, escolhidos pelo povo, inocentes, puros nos costumes, virgens talvez, e sobretudo que não sejam mações. Quer tudo à antiga. Consente na conservação da carta, com algumas emendas. Pensa num Acto adicional. Explica à soberana como há-de ser isto de reebedores gratuitos. Parece que era êste o processo a seguir para que os empregados aborreessem os empregos: serviço gratuito. Único expediente. Conta-lhe que uma escritura que dantes se fazia com 18 vinténs, ou um pinto o muito, já chegará a custar uma moeda de ouro. Quer que haja deputados, e que se lhes faça o gasto da comida e das jorna-



das, mas que não embolsem uma de X. Quer talvez que nos *2 Irmãos unidos*, se lhes forneça cevadeira nutriente e modesta de eozido abundante, um prato de ervas, e um quartilho, medida vélha — um *menu* de luxo para uns sujeitos que em suas casas não passam de Nababos de orelheira de porco e feijão branco. Maeho e alquilaria ou vapor de ida e volta por conta da nação, e que se vistam à sua custa, no aljubêta Nunes, um Pool de estatura eorrespondente aos Mornys de Braga e Montalegre. Lembra à rainha que a *revolução foi miraculosa, feita por Deus que nos lançou ao mundo*. Não lhe eonta o milagre Batoea por modéstia; mas sempre vai insinuando no régio peito que *Deus não parece estar disposto a fazer milagres como se tem observado principalmente no Minho, para se mudarem sómente os empregados*. Anuncia-lhe, como profeta, um medonho futuro e as contas que s. majestade tem de dar ao Deus vivo. Não se sabe que desmaios anestesiaram os nervos de s. majestade neste lúgubre preságio. Segredos insondáveis do Paço.

Finalmente, particulariza miudezas do proeesso eleitoral, questões de finanças, guardas nacionais, etc., e eonelue queixando-se do governador civil, o meu santo amigo Lopes de Azevedo. Assina-se *Defensor das cinco chagas e general, etc.*

Fôra promovido a *general* por aelamação quando aeabou de ler a carta à rainha. Mais uma apoteose literária do que um plebêseito militar à imitação do Baixo-Império. Porém, o promovido sustenta ainda agora que foi legitimamente general pela seguinte razão de pag. 84. *Nas circunstâncias em que se achava o reino parece que era esta aelamação a mais legal e autorizada por ser feita por quem havia de obedecer, e por isso fui general de*



*direito e de facto.* Esta patente, com uma pequena modificação, foi confirmada pelo snr. D. Miguel, em «brigadeiro», por decreto de 7 de abril de 1847; mas como os brigadeiros passaram a generais de brigada, está o snr. padre Casimiro, de facto e de direito, militarmente compreendido na reforma.

Alguns periódicos escreveram sériamente irritados contra a patente que o padre aceitara. *Como eu na carta que escrevi a D. Maria da Glória (refere o Protector), me assinasse «general», começaram todos a dar por isso um cavacão.* Um cavacão que realmente não tinha lugar, e muito menos o ingranzéu que aí fez a imprensa liberal à conta das barbas do padre. Ele as cortou e depôs na ara da opinião pública escandalizada. Fez às barbas o que o divino mestre mandou que fizéssemos ao nosso Ólho escandaloso. O evangelho e o barbeiro colaboraram nesta exemplar tosquia. Até o governador civil o fez intimar para que não se assinasse com algum título, sob pena de ser processado e punido como cabeça de motim. *Nenhum caso fiz de tal intimação, diz o impertérito ameaçado — por que bem sabia que mesmo não me assinando com título algum, sendo apanhado à unha por eles, me punham infalivelmente de escabeche.* Sempre imagens pitorescas metaforizadas.

Ameaçaram-no com a ida do general conde das Antas agarrá-lo a Vieira. Respondeu: *A vinda do Antas nada me assusta; tenho visto muitos militares, e nunca me fizeram tremer; eu, em Vieira, sou melhor general que elle; e, se cá vier, hei-de sacar-lhe tôdas as medalhas do peito.* Não o fazia por menos.

Entretanto, acautelava-se. De tôda a parte lhe convergiam denúncias preventivas do movimento da tropa. Eram vigiadas de noite as estradas por



amigos gratuitos que o defendiam de alguma surpresa.<sup>1</sup>

Com efeito, o conde das Antas entrou em Vieira no dia 15 de setembro, às 11 horas da manhã, acompanhado do Silvério, governador civil e do cônego Montalverne. «Sòzinhos os três temerários? Ia mais alguêm. O batalhão de caçadores 7 entrou de manhã a sondar o terreno. Depois, o batalhão de infantaria 6, caçadores 2, cavalaria municipal, e uma légua à rectaguarda ficou infantaria 7. Ao todo 1600 praças para parlamentar com o Protector. «Foi o Antas (escreve ufanamente o padre) o que de todo o reino me honrou mais, indo visitar-me a Vieira com tamanha fôrça, e tomando tôdas as precauções militares, como se tivesse a bater-se com um grande exército, no tempo em que eu passava em Vieira acompanhado por dois ou três rapazes.»

Padre Casimiro, reconsiderando o plano de arrancar as medalhas do peito do conde, fugiu para

---

1 Não eram sumamente espontâneas as vigilantes sentinelas que resguardavam o general. Tenho à vista uma *ordem circular* que elle enviou aos regedores das freguesias cortadas pela viação de Braga e Guimarães a Vieira. Diz assim: «O regedor de... faça pôr guardas na estrada, por que me informam que a tropa quer fazer sortida para me prender, o que é um sinal evidente que estamos metidos com Ladrões como até agora, por que me querem perseguir por eu acudir pelo povo. Quando não faça o que lhe ordeno, será por mim ásperamente castigado, como inimigo do povo e da nossa Rainha. No caso que a tropa venha, quer de dia quer de noute, faça tocar os sinos a rebate. Vieira 8 de julho de 1846. Do General de Armas do Minho aclamado pelo Povo. O padre Casimiro José Vieira.»

Documento impresso no *Periódico dos Pobres* de 19 de julho.



a erista dum outeiro chamado a Cartegaça, onde o feram ehamar amigávelmente para conferir com as autoridades militares e civis; que descesse do alto para êles não subirem a íngreme ladeira. Respondeu: «Eu não os chamei eá; nem tenho o menor empenho em que êles eá venham; por isso, tanto se me dá que subam como que desçam.» Parece uma passagem romana formulada no estilo conereto de Tácito.

E êles subiram, o Silvério, o administrador e uns familiares do padre. Rogaram-lhe que se apresentasse ao eonde, e pedisse o que quisesse. Repeliu a proposta de despacho, e diseursou largamente contra o estado das coisas, prometendo levantar todo o país contra o exériteo, e destrui-lo, se o Antas permanecesse em Vieira.

O governador civil então, o sensível Silvério, *começou a verter lágrimas, condoído da desgraça do povo.* Depois foi elhorar outra vez no seio do eamarada do padre; e afinal, mais lágrima inenos lágrima, eouvenceram-no a apresentar-se. Queriam que êle se vestisse sériamente de easaeo para a conferência. Disse que apenas tinha um easaeo vêlho; mas, ainda que o tivesse novo, não largava a elavina e a eartueheira, para, sendo preciso, *se divertir com a tropa um pouco.* E entrou armado e mais o eamarada no quartel do eonde, que o reeebeu úrbanamente sublinhando as cortesias com o riso sareástieo de quem ali se via, por ordem superior, faee a face de um guerrilheiro tonsurado. Padre Casimiro prometeu despedir as massas, expatriar-se de Vieira e não permanecer em Braga.

Desde o instante da eoneórdia, um pressentimento de morte próxima e violenta, punhal ou veneno, alanêia o padre, pusilânime diante do mar-



tírio. Tem as síncopes da carne frágil que desmaia. Em três páginas dolentes do seu livro soluçam umas plangências das «Flores dos Mártires»:

*...E neste tempo vieram alguns soldados verme, e, passados dias, disseram-me que viera um entre eles que saíra vertendo lágrimas, e dissera consternado: «antes eu não te vira!» porque provavelmente sabia ou supunha a sorte que me esperava, isto é, que estava decidida a minha morte...*

Se a pacificação do país impendesse da decapitação deste sacerdote, seria ele capazmente idóneo para se dar em holocausto à pátria aflita? E prudência duvidar, embora ele haja dito que não o desfeiteava quem o matasse. O seu chauvinismo bem puxado não daria talvez uma 2.<sup>a</sup> edição de

*Codro nem Cárcio, ouvido por espanto.*

Idiosincrasia de bode expiatório não a tinha. Nos seus diálogos com as autoridades a respeito de miguéllismo, denota muita manha, de que se gaba, para poder escapar ao arsénico administrativo ou à navalha de ponta dos [janízaros.]

Em conversação com o irmão do Antas e outros oficiais mostrava grande repugnância em envolver-se nos motins, e um forte desejo da paz e do seu repouso. «Todo o meu fim, porém, nesta conversa, diz o finório, era fazê-los convencer de que eu estava morto por que terminassem os meus trabalhos, e que não queria meter-me mais em outros, para ver se conseguia o não me propinarem eles o veneno, que eu pressentia como certo.» Os velhacos não se convenciam da emenda do padre, e ele então *sentia-se cada vez mais triste pela lembrança do fim trágico que o esperava.* Com



mêdo da morte já pensava em não ir a Braga e fugir para o Brasil; mas receava que o matassem cá no embarque ou lá ao desembarcar. Quando o levavam a Braga, palpitou-lhe *que ia ser assassinado, que o levavam à força para o matadouro*. Parece pois que o matarem-no já se lhe figurava, pelo menos, uma desfeita.

Emfim, o leitor dêstes comentários verá na obra ementada, se ainda a não viu, a pertinaz sombra espectral da morte a perpassar diante do padre atribulado que já tinha, pelos modos, perdido a confiança na protecção divina.

1846, aquêle ano trágico, apenas deu à pintura histórica um falso retrato da Maria da Fonte, com pujança de seios de vaca barrosã, pantorrilhas bojudas escarlates, dentadura anavalhada em atitude de morder, olhos assanhados, e nádegas esféricas como a hipertrofia gordurosa de quadris semelhantes à esteatipigia das fêmeas boschimanas da África. É o mais que podia engehar um pintor de história portugueza, em eterna infância da arte, à razão de 10 réis por cada exemplar litográfico.

Padre Casimiro, com um pouco de desprezo da vida, podia ter conquistado a immortalidade do pincel do Roquemont ou dos irmãos Corrêas. Era deixar-se trespassar por uma selva de baionetas no acto de arrancar os hábitos do peito do conde das Antas. Desta arte, ao mesmo passo que cumpria a promessa, grangearia uma celebridade talvez mais duradoura que o seu livro. O *Remechido* nada escreveu; e todavia tem uma página indelével na história das dedicações desgraçadas até ao heroísmo. Foi a sua impavidez em frente do pelotão que o areabuzou. Ele tem tido a consagração da história, do drama e do romance.



\*

Eram corridos vinte dias de setembro — um dia sem sol, nuvens cinzentas conglobadas como fortalezas de gigantes pelos espigões das serras, uma névoa espessa, ondulando, arrastando-se, de + sobre os rios pelos almargeais lamacentos, os sinos dobravam a finados nesse dia, como é costume dobrarem todos os dias em Braga — vingança dos mortos sobre os vivos! O preságio da + morte, agravado pela tristeza lugente do céu e da terra e do bronze, deu novos rebatês de amargura no diafragma do padre. Levado à presença do conde das Antas, que acabava de jantar, comeu arroz doce, com a agonia do duque de Bragança, quando ao pé do cadafalso comeu figos lampos. Depois pediu vinho verde, verdadeiro vinho de enforcado para matar a sêdc da aflicção. Foi-se buscar o vinho; e, como não viesse logo, a vítima recebeu que lho estivessem empeçonhando. Bebeu impunemente, conversou com o conde e foi dali para o governador civil que lhe disse estar preparada a cama. O padre desconfiou que o leito fôsse o patíbulo. Desculpando-se o melhor que pôde, passou a visitar o general Almarem, um dos *príncipes da Sinagoga*, diz o mártir vendo em si os passos da afrontosa paixão do Galileu em Jerusalém. Feita a visita ao general, saiu a recolher-se, para pernoitar em casa do chapeleiro Lopes Leiria, e não conseguiu comer de entupido pelo pavor da morte. Pesava na casa o terror mudo de um jazigo de família, quando bateu à porta o amigo Amorim. +  
la alta a noite, como nas baladas. O amigo vinha arrancá-lo à morte:— que fugisse sem demora. Fora da porta estava um sombreireiro que



o foi esconder no palheiro de um surdo. Ao meio-dia, deram-lhe um frango cozido que êle não pôde engolir por que o queria guizado. A noite mandou comprar um arrátel de bolinhos e meia canada; mas ainda não pôde exercer êsse acto insubstituível da assimilação. Depois, chegou o Amorim e disse que estavam salvos os irmãos do padre que o tinham acompanhado, e a família do chapeleiro onde êle se hospedara. E então, numa guinada de gáudio, tragaram os dois o cális da meia canada de amargura. Depois, caminhando à margem do ribeiro d'Este, recolheram-se em Braga, nos Pelames, em casa dum rialista, ao mesmo tempo que o *Antas arrancava as barbas de desesperado por que tinha mandado dizer para Lisboa que estava o metro na réde*, afirma o padre zombando.

Constou-lhe no seu esconderijo dos Pelames que o conde, para o aviltar, divulgava que o fugitivo lhe oferecera a correspondência que tinha dos rialistas. Padre Casimiro desmentiu-o em uma carta impressa no *Periódico dos Pobres*, escrita nos Pelames e datada artificialmente no Pôrto. Falta nos APONTAMENTOS êste documento que encerra dois períodos honrosos para o signatário.<sup>1</sup>

---

1 «...Logo que chegamos à fala, disse-me s. ex.<sup>a</sup> que era forçoso retirar-me de Vieira, apresentar-me às autoridades em Braga, e depois escolher local para residir, que não fôsse Vieira nem Braga. Respondi que sim; e logo em seguida s. ex.<sup>a</sup> deu ordem para a tropa retirar dall. Cumprí com efeito o meu prometimento, pois que no dia 20 me apresentei em Braga às autoridades e imediatamente me retirei para o Pôrto, onde existo. *Consta-me agora que se tem espalhado boatos de que eu entreguei ou quis entregar correspondências relativas a negócios rialistas e com*

Além d'êste documento, existe outro, também não inscrito nos APONTAMENTOS, de mui decoroso desinteresse e rara honestidade. Como lhe constasse que o argüiam de extorquir dinheiro e gêneros que convertia em proveito seu, publicou nos jornais, e nomeadamente no *P. dos Pobres* de 28 de julho de 1846, uma declaração sob o título de *Anúncio para beneficio meu e do povo*. Aí se demonstra que êle recebeu:

<i>No acampamento do Bem Jesus. . . . .</i>	<i>9\$600</i>
<i>No acampamento das Sete-Fontes. . . . .</i>	<i>14\$400</i>
<i>Do recebedor da décima de Vieira. . . . .</i>	<i>30\$000</i>
<i>Do recebedor da câmara. . . . .</i>	<i>18\$000</i>
	<hr/>
<i>Soma. . . . .</i>	<i>72\$000</i>

E acrescenta:

*Nada mais tenho recebido em dinheiro nem mandado pedir; portanto, se qualquer pedir dinhei-*

---

*as quais comprometera ou quisera comprometer várias pessoas. Cumpre-me porém declarar em adôno da verdade, de minha honra e crédito que nenhuma correspondência entreguei, nem até falamos em negócios de tal natureza. Mas ainda mesmo quando falássemos e eu tivesse essas imaginárias correspondências, eu não seria tam perverso e tam vil que ousasse entregá-las, por isso mesmo que nunca tive parentesco com Judas, segundo o gosto moderno. S. ex.ª ofereceu-me emprêgo e alguém instou comigo a que aceitasse; porém como não julgo os meus serviços dignos de recompensa, nem para ser empregado trabalho, agradeço, mas não aceito; e só aceitaria poder voltar para minha casa e ali estar sossegado. Tanto pede quem é de v. amigo obrigado e criado. O Padre Casimiro José Vieira. Porto, 29 de setembro de 1846.» Este estilo epistolar não me parece autenticamente do sinatário.*

ro em meu nome sem levar carta escrita tôda pela minha letra, prendam-no que é ladrão.

Notem. Cinco meses de manobras, de avanços, de retiradas, ora com um, ora com seis homens, já com trinta mil, de uma extremidade à outra de duas províncias, composição de estradas abandonadas na Geira para transitar a artilharia, pólvora, batas, munições de bôca e de pés para as massas, bebidas nervosas, aguardente, genebra, licores — tudo por 15 moedas! — isto é prodígio que transpõe os limites da frugalidade econômica e penetra pelo supernaturalismo na região do milagre muito superior ao aparecimento metafísico do Batoca em Basto.

Oliveira Martins, na *História da Civilização ibérica*, escreve que *a ninguém é lícito já acreditar em milagres*; e eu digo ao incrédulo publicista que a ninguém é lícito duvidar deste milagre das 15 moedas, réis 72\$000, e muito menos ao meu douto amigo que lida com dinheiros prática e teóricamente.

Eu, para a minha canonização, antes queria este milagre que o do Batoca; e talvez aquela factura de réis 72\$000 em cinco meses de guerra bastassem como documento extraumano para, no futuro, se instaurar o processo da beatificação do *Protector*, se êle, em um transbôrdo de *atrabilis* contra os cabralistas, não se responsabilizasse por sustentar à custa dêles o 8 de infantaria — proposta realmente cerebrina e atacante da propriedade. Bem sabe o reverendo Cásimiro que uma venialidade de orgulho prelatício de dom frei Bartolomeu dos Mártires bastou para impedir que êle fôsse santificado. Contra o acutiladiço dom Lourenço da Chamusca, também arcebispo primaz; alegou



na cúria «o advogado do diabo», que éle na carta ao Geral de Alcobaga se gabara de ter matado em Aljubarrota o castelhano que o ferira. Pedro Arbuez, o inquisidor, tinha tido costumes mais inocentes e impolutos de sangue, por isso está santificado. Padre Casimiro não matou ninguém, honra lhe seja; mas o Batoca não lhe será sufficiente recomendação no colégio dos cardeais.





PARTE TERCEIRA ✕

## O MIGUELISMO

DEIXEMOS o padre Casimiro salvo e alapardado nos Pelames em casa do alferes Custódio, por uns vinte e tantos dias. Aí se fica restaurando a sua quebrantada energia para um novo êxodo às batalhas do Senhor, cujas chagas protege. O sangue depauperado por jejuns violentos regenerar-se há pela endosmose quilífera de glóbulos rubros, graças à copiosa alimentação plástica, azotada e fibrinosa, fornecida pelo dono da casa, um anjo-Custódio garantido — com o auxílio do bizarro farmacêutico da rua do Souto, o capitalista snr. Pipa. Que os vindouros não desconheçam o nome do outro sócio alimentício. Logo volveremos a encontrar o padre no teatro da guerra, representando papel mais frisante com o seu génio político. ✕



\*

São ignorados os exórdios do pronunciamento miguelista de 1846. Os comparsas dessa comédia, trágicamente finalizada, são quasi todos mortos; e entre todos houve um apenas que escreveu, já velho, as suas vivas reminiscências dos trinta anos. Foi Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Lial, falecido em Lordelo do Ouro em 2 de janeiro de 1884.

Em 10 de junho de 77 me enviou de Pedroços aquele infatigável trabalhador notícia particularizada, que eu lhe tinha pedido, da origem da revolta absolutista de que os historiadores impressos ou nada sabiam ou romanceavam a capricho. No seu estilo corrente, chão e desataviado — imagem genuína da sua alma — dizia-me o prestante amigo, depois da miúda história: «Pus-lhe tudo isto o mais bem explicado que pude para daqui extrair o que lhe fizer conta; mas como provavelmente V. não aproveita a centésima porção da estopada, se ela, depois de concluída a sua MARIA DA FONTE, lhe não servir para mais cousa alguma, peço-lhe que ma devolva; por que, se Deus me der vida e saúde, hei-de escrever a história da revolução miguelista em 1846, e escuso de estar a *puxar pela memória*. Com estes apontamentos vão-me lembrando outros factos menos importantes e arranjo um livrito de 200 páginas. Mas, tome sentido: se faz tenção de aproveitar tudo ou a maior parte, não é preciso recambiar-me o *langaré*. Se mesmo quiser escrever de fio á pavio a tal história do Macdonell, com as suas antecedências e consequências, dou-lhe todos os mais pormenores que eu souber. Dou-lhe a minha palavra de honra que



não tenho desejo algum de escrever a tal cousa; e só pelo gôsto que eu tinha de que nada a tal respeito ficasse ignorado, como tem estado até hoje, V. fazia-me grande favor se quisesse escrever o tal livro; mesmo por que eu é mais provável que nunca o chegue a escrever. Se houver 2.<sup>a</sup> edição do *Portugal antigo e moderno*, todo o restante da minha vida será pouco. Escreva, escreva, meu filho, que pela sua pena.....

Viveu ainda seis anos; mas, antes do repouso necessário para êsse trabalho, descansou na benigna podridão dos corpos alanciados pela dor.

\*

Na vasta bibliografia de opúsculos relativos à revolução de 1846-47, principiada com a *Maria da Fonte* e concluída com o *padre João do Cano*, último que depôs o bacamarte, nenhum monógrafo verídico ou testemunha presencial deu notícia do misterioso advento de Rcinaldo Macdonell e da farça representada por tam extraordinário patife; por que só um dos inconscientes personagens da peça, Pinho Lial, podia escrevê-la com um franco e desassombrado sorriso da sua boa fé. Só êle nos podia contar como dois cônsules ingleses em Portugal receberam a bordo e agasalharam um súbdito da rainha Vitória, um assalariado que veio a Portugal engodar alguns padres, capitães-móres e uns pobres parvajolas famintos de Évora-Monte, enquanto Guisot, amalgamado com Costa Cabral, expunha às nações aliadas o perigo da dinastia reinante.

Conheci, no Pôrto, há quinze anos, Pinho Lial,



com uma família numerosa, a batalhar com a desgraça na primeira linha dos mais avançados para a indigência. Escrevia êle o *Portugal antigo e moderno*, com escassos elementos arqueológicos, ligeiro tirocinio dêsses estudos, sem expositores, vacilante no método, excursionando pelas bibliotecas e amontoando noticias topográficas, anecdóticas, genealógicas. Não achava, porém, no Pôrto quem lhe editasse a sua obra de fôlego muito avantajado à afouteza e aos cabedais dos livreiros portuenses para quem a editoração aventureira de um romance de 300 páginas, mau papel, era um arrôjo que fazia chamar ao editor benemérito das letras — o *Michel Levy* português, e protector indefesso da literatura nacional.

Afóra o minério estéril da intelligência, Pinho Lial explorava e vendia veios metálicos mais ou menos problemáticos, donde não auferia nenhum metal cunhado. Andou em negociações com um empreiteiro de Lisboa, o Caldas Aulete, homem de letras menos falidas que as minas, por que era um sujeito solerte, crítico e de muito espirito. Se lhe pagassem, Pinho Lial seria um milionário até quatro contos, que êle chegou a imaginar realizáveis para publicar a sua obra redentora.

Eram, pois, mais que precárias as condições do seu viver; e, assim mesmo, aquele inquebrantável ânimo, trinta anos acalcanhado pelo infortúnio, nem para falar da sua dissimulada miséria usava adjectivos dolorosos. Alegre, sempre um alegre conversador, no estilo dessa carta que aí está, e por onde quem não conheceu Pinho Lial lhe entrevê a índole lhana e folgazã. Sempre honesto, verdadeiro e incorruptível à acção dissolvente da desgraça sôbre as mais rijas almas. Pôde agüentar-se sem uma baixaza, sem um resvalo da



honra — essa máxima santidade do pobre. Tinha apelidos de nobre estirpe, e conhecia-se que os prezava sem jaclância, escorando-se neles para se manter no aprumo da honra com ombridade estóica.

Depois, como grangeasse editores em Lisboa, aí o conheci vivendo em abastança relativa; mas sob encargos de trabalho intelectual que lhe enervavam as forças pela inacção da vida sedentária. Ainda assim, jovialíssimo, abraçando com efusão de lágrimas exultantes os seus amigos, convidando-os para a sua farta mesa — que não era a somenos das suas delícias quando mais lhe cumpria contemporizar a atonia gástrica com a higiene da sua antiga e abstémia temperança. Pois, apesar de lhe serem avaras as horas da escrita, dia e noite, para satisfazer às exigências dos editores, assim mesmo escrevia aos seus amigos cartas da extensão desta que forma as páginas menos fastidiosas do meu livro:

\*

«...Vamos agora à história da revolta puramente miguelista.

Tanto os rialistas como os republicanos queriam especular com os tumultos do Minho, que em breve se estenderam a todo o reino, e puxar a brasa à sua sardinha; mas os setembristas andaram mais depressa e foram mais finórios, atraindo ao seu partido bastantes rialistas gordos.

D. Miguel I, na esperança de se pôr à testa do seu partido em Portugal, veio para Londres, onde nunca o deixava António Ribeiro Saraiva que se tornou o seu braço direito. Foi êste quem, nos fins de julho de 1846, nos mandou para cá a bela



prenda do decrepito imbecil e borrachão escocês Reinaldo Macdonell.

Macdonell veio para a Península *no mesmo vapor inglês em que veio o Saldanha para se pôr à testa dos cabrais*. Este teve medo de fazer o seu desembarque nas costas portuguesas e foi desembarcar a Gibraltar, e de lá veio por terra para Portugal, mas disfarçado, por que já todo o país estava revoltado. <sup>1</sup>

---

1 Atido a documentos que tinha presentes, impugnei que Macdonell tivesse vindo no mesmo vapor com Saldanha. Pinho Bilal replicou asseverando a verdade da sua notízia com os §§ da seguinte carta: «Sei com *tôda a certeza* que Saldanha e Macdonell vieram de Inglaterra no mesmo vapor. O próprio Macdonell me disse e a outros em Linhares que viera com êle, e gostara muito da sua companhia por ser um cavalheiro de muita instrução e muito amável. Saldanha era maecação, não quis desembarcar no Porto, receando que os tripeiros lhe fizessem o mesmo que daí a dois meses fizeram ao Vila Flor, e foi navegando para o sul. O padre Luís de Sousa Couto é que me disse que êle desembarcara em Cadix; \* mas o frei José da Graça que em 1846 morava no seu palácio de Meires, \*\* disse-me que o tal sujeito não tinha desembarcado em Cadix, mas em Gibraltar, e que nesta praça é que se combinara a *emboscada* de 6 de outubro. Que o Macdonell estava combinado com os cabrais para nos atralçoar, arranjando a intervenção estrangeira, isso é certo e mais que certo, tanto que por várias vezes se lhe disse que não tínhamos armas nem chefes hábeis nem outros recursos indispensáveis para deitarmos por terra uma dinastia, e que era urgentíssimo unirmo-nos aos patuleias; ao que êle sempre obstinada-

\* *Este padre foi algum tempo logar-tenente do sr. D. Miguel.*

\*\* *Era um bonito palácio comprado pelo egresso ao morgado de Vilar de Perdizes.*



Macdonell desembarcou no Pôrto, a 6 de agosto, indo buscá-lo a bordo o cônsul inglês do Pôrto (*Edwin Johnston*), e um cônsul inglês da Figueira a quem a gente chamava *Lourenço Fuque (Fook)*, e que tinha um armazém de vinhos em Vila Nova de Gaia. Já se sabe — ninguém soube que era o Macdonell, senão os da panelinha, e foi habitar em casa do cônsul inglês. O António Taveira (que V. certamente conheceu) tinha em seu poder 50 contos de réis para o primeiro rompimento rialista; e, se é certo o que ouvi dizer, foi a infanta D. Isabel Maria quem deu êste dinheiro — esta grande fartura para uma revolução !...

Padre Luís de Sousa Couto, paleógrafo da Misericórdia, grande amigo do Ribeiro Saraiva, era um dos principais maquinadores da revolta. Era natural do Torrão (Entre-os-Rios) e morava na rua

---

mente se opunha, dizendo: — *Pois nós que somos monárquicos havemos de nos unir a republicanos? Então mais depressa nos devemos unir ao partido do rainha.* Em Pôrto-Antigo mandou fazer fogo ao Sá da Bandeira, quando vinha fugindo de Valpassos, e em Braga fizemos fogo ao Casal contra as suas ordens. Em Vila Rial tínhamos uma força de 1:200 homens, e o Vinhais estava a poucos quilómetros de nós, em Constantim, com uma força muito inferior à nossa. Tínhamos a maior parte do povo da vila e dos arrabaldes a pedirem que o fôssemos escorraçar, que êle nos ajudava, e o Macdonell nunca esteve pelos autos. A nossa retirada de Vila Rial, por uma noite horrível, de escuridão e chuva torrencial, a que nada nos obrigava, e com gentes sem capotes nem mochilas foi uma verdadeira porcária e borracheira. Deixar-se matar em Sabroso foi por que entendeu que o Vinhais (que sabia da falcatrua) o trataria com todas as atenções, e que a causa rialista estava dada em Pantanã.

de S. Sebastião n.º 1, quasi vizinho do bom padre-mestre Baltasar Veloso (que tambem V. devia conhecer, e até, se me não engano, foi um dos seus mestres, não sei de quê, quando constou que V. queria ser padre e mais o Câniara Sinval) Padre Luís tomou conta da situação fazendo-se o *totum continens* da brincadeira.

No dia 6 de agosto veio o Macdonell a bordo de um escaler inglês, acompanhado do tal Fook e do padre Luís até Gramido — isto pelas 8 ou 9 horas da noite. Em Gramido estava um *rodeiro* (barco rabelo sem *apégada*) tripulado por quatro estafermos. 1.º, o morgado de Pé de Moura, Manuel Ferreira dos Santos, que depois foi tenente-coronel comandante dos voluntários rialistas de Paiva; 2.º, Manuel Vieira de Andrade, de Fulgoso, que depois foi capitão do mesmo batalhão; 3.º, um fulano Mendes, alferes de Évora-Monte, que morreu no combate de Braga, em 20 de dezembro de 1846, sendo ajudante do referido batalhão; 4.º, este seu criado que, no 1.º de dezembro do mesmo ano, foi feito capitão da companhia de atiradores do batalhão de infantaria de Braga — que depois de ser regimento e se unir à Junta, teve algum tempo a denominação de *Fuzileiros da liberdade*, e por fim *Regimento de infantaria 9*; e que, por ser organizado no quartel do Pópulo em Braga, nunca perdeu o título do *regimento do Pópulo*.

Não nos fiamos nos marinheiros e nós mesmos levamos o barco, arrastando-o com um cabo pelo rio, que estava muito baixo; pois, dos quatro só o morgado de Pé de Moura era o único que sabia *ndutica*.

Quando chegamos a Melres, estava no areal à nossa espera, frei José da Graça, grande amigo de padre Luís, e ali estivemos em combinações;



(e que combinações tam tôlas!) enquanto descansávamos nós, os *barqueiros*. (Dêstes 4 parvos só existo eu e o Manuel Vieira de Andrade. Os outros dois, assim como padre Luís, Fook, frei José da Graça e Macdonell tudo já está a fazer tijôlo!)

Pela madrugada do dia 7, chegámos à quinta de Linhares, na freguesia da Sardoura, concelho de Paiva. Esta quinta era e ainda é de Custódio Monteiro de Magalhães, que também foi depois capitão de voluntários rialistas de Paiva, e as casas erguem-se sôbre uma penedia às cavaleiras do Douro. Nós, os *barqueiros*, chegámos mais mortos que vivos, e eu estive uns poucos de dias sem saber dos ossos nem dos membros.

Note que com o Macdonell vinham dois respeitáveis caixões de cognac, aguardente magnífica, vinhos especialíssimos da Hungria e França, e óptimos licores. Vinhos dos mais escolhidos do Douro principiavam a chover em Linhares, assim como outros presentes. Mas não choviam só presentes: choviam pretendentes. O padre Luís e frei José da Graça queriam ser bispos; o abade de Boças (irmão do capitão-mór Luís do Amaral Semblano, de Nespereira) queria ser capelão-mór de el-rei; o dono da casa contentava-se em passar de coronheiro a correio-mór do reino; finalmente, aquilo eram *avalanches* de aspirantes a empregos gordos e catadupas de ambiciosos de toda a casta. Basta dizer que um diabo muito estúpido, chamado Manuel António de Carvalho, de Lamego (da família dos *Cacos*, nome bem cabido, por que êle era um refinadíssimo patife e ladrão) casado com a filha de um tal Freitas, funileiro da Bainharia do Porto, e irmã de outro funileiro também muito tratante de apelido do pai, não queria senão ser director da alfândega de Lisboa, e que é traste do



cunhado tivesse idêntico emprêgo na do Pôrto. O caso é que, apesar do tal Carvalho ser um chapa-díssimo tolo, teve artes de chupar ao Antóniõ Taveira 600\$000 réis *para comprar todos os officiais e sargentos de infantaria* 9, pois que os soldados êsses estavam às ordens dêle Carvalho. E lá alvorou com os 600\$000 réis, que não o tornamos a ver. O 9 de infantaria, êsse vimo-lo algumas vezes, mas a dar-nos fogo. Dinheiro para compra de armas que nunca apareceram, de cornetas, 7 por junto, chumbo para balas, e pólvora para cartuxos, andou a rôdo, e cifra vale 10.

O alma do diabo do Macdonell estava por tudo, mandava dar dinheiro a todos, e fazia bispos, capelães-móres, correios-móres, e directores das alfândegas... o diabo! O José Maria de Abreu (irmão de Francisco de Abreu) e eu que estávamos feitos *alquitetes* do Macdonell, morríamos de riso; mas eu achava graça àquilo por que nunca na minha vida bebi tanto e tam bom.

A vida do Macdonell em Linhares era isto: pelas 9 horas da manhã berrava lá do quarto — *Damian! Damian!* Era o criado dêle. Vinha o Damian e ia vesti-lo. O escocês tinha no seu quarto certo número de garrafas escolhidas; e, quando aí pelas 10 horas, saía do beliche, já trazia o conteúdo de uma no papo, e vinha vermelho como um tomate maduro. Ia para a varanda da casa, que abria sôbre o Douro, e ali dava audiência aos pretendentes ou lia o *The Tablet*, jornal do tamanho de um lençol, com matéria para um livro de 400 páginas. Ao meio dia, almoçávamos; e êle durante o almoço, contava suas anedôtas, que julgava engraçadíssimas; porém, era a coisa mais insulsa do mundo. Nunca falava senão espanhol (e muito bem, isso é verdade). Dizia o brigadeiro Vitorino



José da Silva Tavares, de Fagilde, que depois foi quartel-mestre general d'êle, que o maroto sabia, mas não queria falar português só para não dar *senhoria* nem *exceclência* a ninguém. Parece-me que sim. O que é verdade é que êle tratava o visconde de Montalegre, (único titular que lá foi) os fidalgos do Covo e o Bernardino da Lama; e outros figurões a todos por *usted*.

Depois do almoço, até ao jantar, às 6 da tarde, outra vez varanda, *The Tablet*, e audiência às partes. Foi esta a sua vida até 12 de novembro — três meses e cinco dias!

Nesta conjuntura, chegou a Carvoeiro o capitão da Mota, patuleia, com 75 armas e competente correame. Fui lá com uns poucos de peludos, *roubei* tudo aquilo de noite, e fui esconder-me em um areal da margem direita do Douro. Mas isto foi feito sem barulho, sem vivório, sem nada. Estavam lá 16 cabos de polícia, futuros voluntários da Mota, que todos me conheciam, de guarda às armas. Mandeí à casa que servia de *trem* o tal Mendes que morreu em Braga, ordenando-lhe que dissesse à guarda que nos entregasse aquilo por bem, aliás haveria pancadaria. Ele não disse isto. Chegou e disse aos marmanjos: «Eu sou o administrador do bairro de Santo Ovídio, do Pôrto, e venho, por ordem da Junta, buscar o armamento e correame que para aqui veio hoje que é lá preciso; por êstes dias virá outra partida». E os peludos comeram-a e deixaram ir as armas.

Em outra ocasião, poucos dias depois, fui lá (a Carvoeiro) por me dizerem que tinham chegado mais armas. Era péta. Para não perder tempo, *passei revista* às armas da guarda, e a tôdas as que levavam bala de onça, deitei-lhes o gatázio e desandei. Em a noite de 10 de novembro soube



que tinham vindo 100 armas, 100 correames, muitos cartuxos, pedreneiras e mais trapalhadas para Cabeçais, a fim de armar e municiar uma *companhia franca nacional*, que não passava de uma quadrilha de ratoneiros bêbados e poltrões. Fui com outro futuro oficial e 100 futuros soldados de voluntários rialistas de Paiva, na manhã do dia 11; mas as armas já estavam distribuidas e o maior número dos que as tinham passaram as palhetas. Só pilhámos 43 espingardas, não me lembra quantos maços de cartuxos, um alguidar de pedreneiras, duas cornetas, uma espada e um terçado. Tornamos a Cabeçais pelo véso; e, no dia 13, muito em segrêdo, chegámos ao romper do dia. Éramos ao todo 76. Mas nós a chegarmos, e a chegar do Pôrto o batalhão nacional de Francisco da Rocha Soares e 60 soldados do 6 de infantaria. Ao mesmo tempo chegou da Vila da Feira o administrador patuleia José Soares Barbosa, da Arrifana, com mais de 200 cabos de polícia, e de Oliveira de Aze-meis António Bernardo Pinto Basto com o batalhão nacional da sua vila que tinha mais de 300 homens. Já se sabe, largámos a fugir para Paiva, mas fazendo sempre fogo. Não matámos, nem ferimos, nem prisionámos ninguém, e safamo-nos muito frescos, por que os patuleias faziam-nos fogo de fuzil donde até estávamos fóra do alcance da artilharia de 48. Apesar disso, o *Eco Popular*, o *Nacional* e o *P. dos Pobres* do dia 14 disseram que fomos completamente derrotados, perdendo, *além de cento e tantos mortos, grande número de prisioneiros*.....

.....  
 Como os patuleias berravam *Viva a Junta!*  
*Viva a causa popular!* *Viva o Antas!* *Viva o Passos!*, e era preciso que dêssemos *vivas* a al-



guma eousa, entramos também a berrar *Viva o snr. D. Miguel-I!* *Viva a santa Religião!* *Viva o general Macdonell!* *Viva o Mimoso!* etc. Descobriu-se a meada, e o Macdonell não pôde conservar por mais tempo nem o incógnito, nem — o que lhe era mais eustoso — o *dolce far niente*. Pôs-se pois de nariz torcido, chamando-me estouvado, à frente de 470 homens que constituíam o batalhão de Paiva e Fernando, uns de tamancos, outros de chinelos, uns com armas de caçadores, outros com reíunas ferrugentas. Todos sem sapatos, sem burnais, sem mochilas, sem guardafechos; mas em desforra levávamos sete eargas de eartuxame.

Em Sinfães soubemos da derrota do Sá da Bandeira em Valpassos, dos tiros que o major rialista Figueiredo lhe tinha dado na Régua, e que vinham de eesantilhão pelo Douro abaixo os restos da coluna do Sá da Bandeira.

Maedonell mandou acelerar a marcha, e fomos dormir a Boças, sôbre a margem esquerda do Douro. Já ali achamos em armas ao sul do rio o capitão-mór Luís do Amaral Semblano com uma forte guerrilha, e um tal Lôbo com uns 40 homens da Gralheira e doutras aldeias vizinhas da serra de Montemuro. A gente do Lôbo era pouca, mas valia por muita pela sua excessiva eoragem e eerteza dos seus tiros. Eram verdadeiros deseendentes dêsses herminios indomáveis que tanto deram que fazer às legiões romanas, e talvez deseendentes do famoso Geraldo Geraldes e dos seus que eram dêsses sítios, e aí eonstruíram o famosíssimo castelo da Chã. (Veja o 3.º vol. do *Port. Antigo e Moderno*, pag. 178, col. 2.ª) Se se eonsequisse formar um batalhão desta gente — o que não era fáeil por serem de terras pouquíssimo po-



pulares — e discipliná-lo — o que ainda seria mais diffeil — era com tóda a certeza um corpo temível; mas, se não tinha rigorosa disciplina a guerrilha do Lóbo, eram bravos e fieis, e nunca em tóda a guerra praticaram o menor roubo ou maleffeio.

Ao norte do Douro estavam também já em armas um tal Montenegro com o chamado batalhão de voluntários rialistas de Bem-viver composto de 120 homens, e o chamado batalhão de Baião composto de 200 estafermos da pele de seiscentos diabos comandados pelo coronel Medeiros, conveneionado de Evora-Monte. Mas tome sentido, tanto o Semblano, como o Lóbo, como o Montenegro, como o Medeiros puseram-se em campo por que souberam que nós estávamos em armas na vila de Sobrado, e não por que tivessem para isso ordem de pessoa alguma. Sempre será bom dizer-lhe, para lhe contar a história com a máxima exactidão: — quando nós (quando digo nós, entenda-se a guerrilha do Maedonell) atravessávamos a fregesia de Sinfães, fomos mimoseados com uma descarga que não feriu ninguém, pelos sete irmãos, os *Suíços*. Eram patuleias. Dois formados em direito (Vitorino e Higino) e os mais eram... nada. Foram corridos.

Estávamos em Boaças, no dia 18 de novembro de 46. Ao amanhecer, vimos subir o Douro um bareo com tropa. Eu *estava de dia*. Mandei esconder atrás de paredes, arbustos e silvedos os piquetes que na véspera tinha colocado na margem do rio e as suas respectivas sentinelas com ordem terminante de não darem um só tiro sem aviso. Eseondi-me na praia atrás de uma barraca de pescador. Do barco saíu um offeial e alguns soldados da guarda municipal do Pôrto e estes principiaram a acender lume para fazer o almô-



ço. Saí do esconderijo e fui ter com o oficial. Era o coronel Gromicho Couceiro, de artilharia, que mais tarde foi ministro da guerra. Disse-lhe que estava ali uma fôrça rialista de 500 homens comandada pelo general Macdonell; que, pouco mais acima, estava o capitão-mór de Nespereira com 200 guerrilhas, e pouco mais abaixo o Jerónimo da Escaleira com 100, e na margem oposta as guerrilhas de Baião e Bemviyer. Contei-lhe a derrota de Valpassos, que éle ignorava, e disse-lhe o mais que havia. O homem ficou tam surpreendido da derrota dos seus, e da traição do 3 e 15 de infantaria, como de estarem em armas os miguelistas e que ali estivesse Macdonell. «V. S.<sup>a</sup> vai desenganar-se já — disse-lhe eu — pois vou apresentá-lo ao general». — ; Então, visto isso, estou prisioneiro dos rialistas? — e ia entregar-me a espada. «Não senhor; nós não fazemos prisioneiros, por que não temos por emquanto onde os guardar, nem nos faz conta andar com empecilhos. Tenha a bondade de conservar a sua espada e venha desenganar-se.»

Fomos para casa do abade de Boças, e apresentei o Couceiro ao escocês que o tratou com as mais delicadas atenções e deferências. Convidou-o a tomar o partido do snr. D. Miguel I. Couceiro respondeu com desassombro, dignidade e cortesia de um soldado português, pouco mais ou menos o seguinte: Não tomo o partido do snr. D. Miguel por duas razões: 1.<sup>a</sup>, por que sou republicano; 2.<sup>a</sup> por que entendo que é uma imprudência pôr-se em campo o partido rialista, e isso só fará com que os Cabrais triunfem, pois que a Espanha, França e Inglaterra intervirão forçosamente, por se dar o caso previsto no tratado da quádrupla aliança de 22 de abril de 1834. Se quer que lhe fale com fran-



queza, estou mesmo convencido de que esta revolta miguelista foi sorratamente promovida pelos irmãos Cabrais e pelo Saldanha, na esperança de abafar o movimento popular com a intervenção estrangeira.» Macdonell não insistiu. Convidou o coronel a almoçar, o que êle recusou delicadamente. Disse-me então o Macdonell: «Vá pôr êste snr. a bordo e veja lá que a nossa gente se porte com o respeito devido a tam distinto official.» Couceiro, agradecendo, acrescentou: — Parece-me que não é precisa a recomendação de V. Ex.<sup>a</sup>, todos os homens armados que encontrei no caminho me trataram com o máximo respeito, e por isso lhes dou a minha palavra de honra que, nesta guerra, qualquer que seja o tempo da sua duração, não combatarei contra os rialistas.

E cumpriu a sua palavra.

Mesmo assim, pelo que desse e viesse, pedi ao José Maria de Abreu, ajudante de ordens do Macdonell, que viesse comigo, e levamos entre nós o coronel até ao barco. Êle pelo caminho disse-nos: «Os snrs. andam aqui a ser o juguete dos Cabrais, da raíña, do Saldanha, do Vila-Flor e doutros que tais. O Macdonell veio de Inglaterra de súcia com o Saldanha, e muito provavelmente combinados para meterem os rialistas nesta arriosa e assim levarem a água ao seu moíño...»

Em vista da traição e derrota de Valpassos, Couceiro foi para o Pôrto no barco em que veio.

Da uma para as duas da tarde, começou a ver-se deseer o Douro alguns barcos carregados de tropa, que era o 13, restos da coluna do Sá da Bandeira. Macdonell mandou passar para a margem direita a gente de Paiva, Femedo e Graheira, e ficar na direita Scimblano e Jerónimo da Escaleira com os seus.



O batalhão de Paiva foi tomar posição em Ancêde e Pôrto-manso, estando na nossa frente, na margem oposta, as guerrilhas do Semblano em Pôrto-antigo. O rio ia de monte a monte, e ali, que é muito apertado, corria com a velocidade de mais de 10 milhas por hora. Não queríamos fazer mal aos patuleias, o que queríamos era desarmá-los. Bem nos esganiçávamos a berrar-lhes: «À terra! à terra!» Pois sim! Ainda que êles quisessem, não podiam por causa da rapidez da corrente. Então principiamos a fazer-lhes fogo; os barqueiros saltaram das apégadas e deitaram-se no soalho dos barcos, e quasi todos os soldados fizeram o mesmo, de maneira que os barcos voavam ao sabor da corrente. Parecc-me que a sua velocidade era superior à das nossas balas. Quando passou o barco que levava o Sá da Bandeira, vimos distintamente este vèlho, trôpego, surdo e maneta, empunhando o óculo com a mão esquerda, a examinar-nos com o maior sangue frio. Mas aquilo era um *quadro dissolvente* — era a passagem das régias sombras de Macbeth. Poucos instantes eram passados, e dos 13 barcos nem rasto! Pouca gente lhe ferimos e não matamos ninguém. Tivemos um homem morto, nenhum ferido, e um *capitão* e dois guerrilhas prisioneiros. O morto não pertencia a nenhuma das guerrilhas: era um pobre diabo de Ancêde que não tendo que fazer, se sentou numa fraga, mesmo à borda do rio, a divertir-se atirando aos barcos. Estava com um chapéu de palha, cercado de uma larga fita de lã encarnada. Vi-o morto. Era homem dos seus 30 anos. Vcio uma bala e furoo-lhe a testa, e nem disse *Boas noites*.

O aprisionamento do tal *capitão* e dos dois guerrilhas, teve muita graça. Estavam na margem direita, abaixo do ponto que eu ocupava.



Eram finórios por que escolheram um sítio onde o rio formava uma revessa, e os barcos passavam mais devagar, rentes à terra. O capitão entrou a berrar que varassem, aliás lhes meteria os barcos a pique. Um barco que vinha a mais distância do dos outros, teve medo e parou, ou os barqueiros, por serem rialistas, fizeram varar o barco.

Saltaram em terra os patuleias para deporem as armas; mas, não vendo senão três homens, agarraram neles e levaram-os para o Pôrto. Custou a levá-los inteiros e são até à Casa-Pia; mas ali, o Couceiro, mandou-os à tabúa fazendo-os esgueirar pelas traseiras, por causa da grande multidão de canalha que estava em frente da Casa-Pia.

Macdonell e o seu estado-maior que era o seu quartel-mestre-general Vitorino José da Silva Tavares, o José Maria de Abreu, seu ajudante de ordens, o morgado de Pé de Mourá, e o major António Luís Moreira, não fizeram caso dos seus que ficaram a fazer fogo nos barcos nem nos disseram para onde iam, nem nos deram a mínima instrução.<sup>1</sup> Ao sol posto, como não vissemos barcos,

---

1 António Luís Moreira, ou *major da Crava*, tinha sido alferes de ordenanças durante o cerco do Pôrto, sendo ainda um adolescente, mas já dotado de grande coragem e força muscular prodigiosa. Este major foi o que em Braga, em 20 de dezembro deste mesmo ano de 46, se bateu só, por muito tempo, com 3 cavalaria de Casal, e só se deu por prisioneiro quando o Carlos Brandão de Castro Ferrer e o Antero Albano e outros se chegaram ao pé dele e o convidaram a embaíñar a espada. Os cabrais não o prenderam. Andou sempre com o Antero, grande admirador da coragem do *Crava*, e foi seu íntimo amigo até à morte deste que foi há cousa de dous anos.



nem tropa, nem inimigos por terra, fomos por ali fora perguntando pelo Macdonell até que, de madrugada, chegamos ao Marco de Canaveses onde o general e o seu estado-maior e a gente que não tinha entrado em fogo dormiam muito descansados da sua vida. A música do batalhão de Paiva, não sei por quê, tinha-se perdido do corpo, e foram encontrar uns poucos de machos carregados de sapatos (2:000 pares) pertencentes ao Sá da Bandeira. Agarraram aquilo e trouxeram-o para o Marco, com dous soldados prisioneiros, por que o resto da escolta fugiu. Foi bem bom, por que a maior parte dos nossos soldados vinham de tamanca e chinelos, e alguns descalços. Ficou tudo calçado de sapatos brancos. No Marco apresentou-se-nos um sargento e mais dois soldados de cavalaria 7, aos quais nunca se deu cavalos, e acompanharam o farrancho a pé, até que, depois da nossa junção com os patuleias, se passaram para estes. O Macdonell e o Vitorino eram tam imbecis que nunca tiveram uma única ordenança, podendo ter um bom esquadrão de cavalaria como tinha o Bernardino, que o arranhou num instante.

Tornemos atrás — ao dia 18 de novembro. O Alberto Ferreira Pinto Basto, ou por falta de barcos ou por ordem do Sá da Bandeira, para proteger a gente que trazia embarcada, vinha por terra pela margem esquerda do Douro com o seu batalhão da Vista-Alegre, que eram uns pobres vareiros, armados e fardados, mas trazendo ainda carapuças pretas, em vez de bonés.

Foram cair nas garras do Semblano, que os desarmou com a maior facilidade, sem ser preciso um sopapo. Apanhou 2 cavalos ao Alberto; um deles morreu poucos dias depois, com uma dor — talvez dor de se ver com tam maus donos; e o ou-



tro, que era muito bonito, foi para o José Maria de Abreu que até ali andava montado num cavali-coque que não valia 4 libras.

Chegamos ao Marco uns 600 homens; estive-mos ali e em Canaveses três dias, e quando saímos para Guimarães já levávamos mais de 1:000 ho-mens, advertindo que tínhamos mandado embora muito maior número que se tinha apresentado sem armas, por as não termos para lhes dar, nem que lhes dar de comer, nem dinheiro para lhes pagar. As *praças de pré* do Macdonell venciam 160 réis por dia. Os oficiais, nada.

Estivemos dois dias em Guimarães, e apesar de deixarmos ali ao brigadeiro Luís Leite de Cas-tro mais de 600 homens, chegamos a Braga com 2:500. Se tivéssemos armas, dinheiro e cartuxos, dentro de um mês tínhamos 100:000 homens; mas nada tínhamos — nem sequer um chefe que pres-tasse.

Em Braga, juntaram-se-nos as guerrilhas do padre Casimiro (mais de 2:000 homens), as do aba-de de Priscos, as do padre Manuel das Agrad, e outras. Com gente de Braga também se formou um batalhão que verdadeiramente nunca passou de *relações*; por que, em 20 de dezembro, tendo já mais de 400 homens, nem um único estava far-dado ou armado. Com a charrafusca desse dia deu o tal batalhão em água de bacalhau. A Braga foi dar também o António Carlos de Castro, do Covo, que foi feito ajudante de ordens de Macdonell. A poder de muitas teimas com o general e com o Vitorino organizou-se no 1.º de dezembro, no quartel do Pópulo, um batalhão de infantaria de linha com praças de pré apresentadas ou prisio-neiras, de cabrais e patuleias, tendo por alferes rapazes de boas famílias, e daí para cima oficiais



da convenção de Évora-Monte. Eu fui feito capitão de atiradores deste batalhão.

Daqui por diante sabe tudo V.....»<sup>1</sup>

\*

Estando padre Casimiro ainda escondido, foi aclamado D. Miguel em Vieira pelo *padre João do Cano*, cuja bravura o *Protector* encarece; mas não se esquivava a censurá-lo pelo arrôjo intempestivo da aclamação, sem autoridade nem influência pessoal.

O ousado guerrilheiro não era padre. Chamavam-lhe *padre* por que fizera alguns estudos preparatórios para esse officio. Quanto ao cognomeno de *Cano*, isso ajuizaram-lho por ele morar em Guimarães na rua daquele nome nada higiênico, e que está reclamando um município desinfectante.

Chamava-se João Baptista Rebêlo Pereira.

Na sua primeira mocidade, tinha sido aprendiz de penteiro. Era um modo de vida bastante duro como a matéria prima dos seus artefactos para quem tinha aspirações às moles suavidades de mais lustrosa carreira. O Leite, fidalgo do Cano, simpatizando com o moço, abria-lhe a vereda das letras sagradas, preparando-o para o sacerdócio. Porém, como se interpusessem estorvos, que ignorava, à continuação dos estudos, o João limitou a sua hierarquia eclesiástica a fazer-se nomear sa-

---

1 O restante desta carta já foi trasladado na *Brasileira de Prazins*. Foi uma providência de Pinho Lial que, em Guimarães, salvou os seus correligionários de uma sangria mais copiosa que a de Braga.



cristão da igreja de S. Domingos; e, como soubesse latim sobejo para afugentar demónios, deu-se ao exercício dos exorcismos com grande reputação e bons emolumentos.

Neste útil e rendoso mister o encontrou a revolução do Minho. Pôde tanto com êle o patriotismo que, abrindo mão dos demónios, voltou-se contra os malhados. A mesma coisa, pouco mais ou menos, lá para êle. Enorme devia ser, porém, a exultação no Tártaro, quando as legiões de Lucifer se viram desafrentadas do sacristião de S. Domingos, e conseguiram assim tomar posse de Guimarães desassombradamente!

Este guerrilheiro foi o último cabecilha a largar as armas, como depois veremos.

Decorridos poucos anos, succedeu na casa do Cano João Peixoto de Bourbon da Silva Almeida Macedo e Carvalho, actual visconde de Lindoso, que veio de Alenquer residir em Guimarães. João Baptista continuou a freqüentar a casa do defunto fidalgo que o tinha levantado do inglório fabrico dos córneos pentes de 30 réis, e pela porta da sacristia o guindara, como um personagem de Milton, até às arcangélicas batalhas com o inferno, e daí à comandância de guerrilhas não menos infestas ao demónio da liberdade.

João Baptista começou a requestar a fidalga Bourbon, irmã do visconde; e, dominando triunfantemente o anjo amado, segurou-a pelo coração como agarrava o diabo pela cauda. E casaram-se. Depois, João do ex-Cano retirou-se para Alenquer com a esposa, e lá vive no gôzo dos seus haveres, amnistiando os vélhos demónios que o tinham, e que êle execrava, talvez por lhes ver na cabeça as excrescências odiosas de que fazia os pentes na sua reles juventude.



\*

Outro general.<sup>1</sup>

Entre 15 e 18 do mês de outubro (46) apareceu em Braga um sujeito espanhol, da província de Galiza, que dizia ter lido patente elevada no exército de Carlos v capitulado em Vergara. Chamava-se D. Santiago Garcia y Mendoza. Ele, fugindo de Espanha, desembarcara em Lisboa por outubro de 1846. «Achamos (escreve D. Santiago) este reino desde as floridas margens do Tejo até às saúdosas do Minho, convertido num campo de batalha. Os nossos antecessores de soldado carlista, a veneração pelos princípios que tínhamos regado com o nosso sangue decidiram as nossas simpatias pela bandeira da legitimidade...»

Em Lisboa, ao que parece, lhe pediram que servisse a causa de D. Miguel: «Pediuse-nos que auxiliássemos aquelle movimento com o nosso apoio: não nos recusamos» e explicando com grande fôlego a sua condescendência: «Jovem, amando a actividade dos grandes sacrificios, dotado de uma

---

1 Documentos que pude obter depois da 1.<sup>a</sup> edição deste livro determinam as sensíveis alterações que se notam na 3.<sup>a</sup> edição, respectivas ao D. Santiago. O principal documento, a meu ver raríssimo, é um opúsculo intitulado *Refutação documental oferecida à consideração das pessoas sensatas de todos os partidos por S. Garcia de Mendoza, contra o calunhador convicto José de Sá Coutinho Junior da villa de Ponte do Lima. Valença — 1858*. Devo a posse deste opúsculo autobiográfico ao snr. Gaspar de Queiroz Ribeiro. Sem elle ficariam ainda vacillantes as minhas indicações sobre o carácter do efémero caudilho miguelista em 1846.



natureza expansiva, que nos impulsa a combater os grandes obstáculos, sentindo em nós a alegria da recompensa pelo ardor do risco dos perigos — profunda a nossa convicção que entre a causa earlista e miguelista existe uma solidariedade de princípios e deveres — solidariedade tanto mais justa quanto que, sendo a Espanha a única potência da Europa que tinha reconhecido o sr. D. Miguel de Bragança, que lhe tinha inostrado as suas sympathias a ponto que o ministério Lea Bermudes, tendo reunido nas fronteiras dêste país um exército comandado pelo general Rodil para proteger o sr. D. Miguel e hostilizar o sr. D. Pedro, esse mesmo exército converteu as suas operações nos mesmos contrários desígnios, favorecendo o sr. D. Pedro e hostilizando o sr. D. Miguel...» Acrescenta o secretário de Carlos V outros argumentos a favor da legitimidade dos seus princípios e da coerência com que os exercita em país estrangeiro. «Fomos pois soldado miguelista oito dias, sem receber um rial nem recompensa, sem se nos confiar emprêgo nem pôsto, sem se nos tomar filiação nem juramento: voluntária e generosamente quisemos servir aquella causa; decorosa e publicamente deixamos o seu serviço.»<sup>1</sup>

Safu para o norte D. Gareia. Parte dos rialistas braearenses accilaram-o como enviado de D. Miguel, e alguns mais pataus, em Guimarães, onde êle primeiro estivera, beijaram-lhe a mão na hipótese de que fôsse o rei disfarçado. Contava D. Santiago êsse caso cômico e verosímil na Guimarães de há quarenta anos, onde a Idade-média, foragida do restante da Europa, exalava, numa

---

1 *Op. cit.*, pag. 5 e 6.



caquexia senil, os derradeiros suspiros nos braços da colegiada e dos fidalgos do Cano.

Mostrou o espanhol desejo de encontrar-se com o padre Casimiro, ainda oculto a êsse tempo. Uma família legitimista proporcionou em sua casa o encontro, de noite. O padre, como o visse muito rapaz e imberbe, não pôde acreditar que se desse a tam juvenil figura a melindrosa missão de dirigir com mão armada a conquista da legitimidade. Figurou-se-lhe Santiago ter pouco mais de vinte anos. Calculara erradamente. Pinho Lial, que o tratou então, conjecturava melhor: *Eu lhe digo — quando nós chegamos a Braga, no fim de novembro de 1846, estava ali à frente de uma guerrilha miguelista o tal D. Santiago Garcia y Mendoza que se apresentou ao Maedonell dizendo que era general carlista da converção de Vergara. Era um rapaz bem parecido, accado, parecia galego, e falava menos mal o português. Teria 30 a 35 anos de idade, e era muito estimado dos rialistas braearenses.*

Pinho Lial refere nesta carta de 22 de outubro de 1882 as atoardas que circulavam muito injuriosas para Santiago. Não as reproduzo, por que o arguido já não pode defender-se; e eu, que muito quisera honrar-me na defesa da sua memória, não tenho elementos. Dizem-me que tam destramente rebatera as pontoadas da calúnia, que saú invulnerado na honra; mas não me indicam o periódico em que repelira os aleives alusivos à sua vida política em Espanha.<sup>1</sup>

Garcia, depois de um diálogo preparatório, elo-

---

<sup>1</sup> Nesta nova edição reproduzem-se as calúnias, visto que possuo documentos que as repulsam.



giou o padre chamando-lhe *Cabrera de Portugal*. Passados dias, reuniram-se noutra casa, e combinaram ir no dia seguinte a Vieira ajuntar o povo para atacar o batalhão dos Sirzinos que guarnecia Braga.

Pelo escuro de uma noite tempestuosa, montaram a cavalo quatro conspiradores, e partiram. Além dos dois generais, ia o hospedeiro José Custódio dos Pelames, promovido ajudante de ordens de D. Santiago, e o José Maria, da Rua Nova, aquele lacrimável José Maria, falecido há três anos, sempre no baluarte da imprensa católica, sacrificando dinheiro e trabalho insano a uma esperança que, na hora do trespassse, lhe scria ainda uma saúdade pungitiva. ¿ Quem não dará prantos aos mártires sinceros de tôdas as convicções? Meu pobre morto, eu te envio este *vale* compassivo em paga dos insultos que os teus jornais me liberalizaram, e a tua consciência e algibeira de católico pagaram a razão de — três linhas, 5 réis — e era caro, meu bigodado defunto, era caro, palavra de honra!

E os quatro conspiradores, ao romper da manhã, ouviram missa no Geraz, e foram reunir-se, em Frades, às guerrilhas do padre Manuel da Agra e do padre João do Cano. No dia seguinte, convergiram às Chãs as três hostes clericais. Aí apareceu D. Santiago fardado de general, José Custódio de capitão de cavalaria, um estado-maior de sujeitos em éguas com espadões e botas à Frederica, a música de Calvos a bufar o *Rei-Chegou*, as legiões formadas, *uma vista de respeito*, diz o cronista. O general espanhol fez alocação às massas, a inculcar-lhes coragem no ataque aos Sirzinos. Um efeito doido!

Marcharam sobre Braga durante a noite. De



madrugada, Santiago parou, a meia légua distante da cidade, e mandou avançar dois padres, o do Cano e o das Agradas, e que atacassem o quartel dos Sirzinos. Mais tarde, destacou padre Casimiro com vinte homens a proteger a retirada das duas forças que perigavam em luta muito desigual. Padre Casimiro queixa-se injustamente de Santiago que o fizera passar de *Cabrera-português* a cabo de esquadra; apóda-o por isso de *general-criança*; e parece querer demonstrar estrategicamente, e à vista da grande mortandade dos populares, que o Santiago, em arte da guerra, estava muito àquém do *Príncipe-Negro*, de Turenne e de Napoleão I. O despeitado *Cabrera* entendeu ao arrepio a conta lisonjeira em que o general o tinha, dando-lhe vinte homens que, sob tal capitão, valiam duzentos; mas

*O capitão que não cata em nada,*

como disse o épico, desabona grandemente a pericia do general.

A falar verdade, o leitor, combinando as manobras alvitradas pelo «Defensor» no gabinete, depois da derrota, reconhece que D. Santiago não tinha a bravura do santo apóstolo do seu nome, tam façanhoso em batalhas de Castela. Dir-se-ia que Braga se lhe figurara uma Barataria de fácil conquista como o paçato Pança queria obter os seus domínios. Tudo que nos vem extraordinário de Espanha tem lá o seu tipo enquistado na história. D. Garcia, quanto à guerra, era dos Sanchos.

Como quer que fôsse, as coortes com os respectivos clérigos fugiram, costa acima do Bom Jesus. Garcia, uma vez, sofreu a água espavorida, sobre espravonada, que pela andadura bem parecia raça das antigas egúas lusitanas que, segundo Var-



rão, Columela e Plínio, concebiam dos zéfiros. E, apurando-se no celote, com a espada nua, exclamou: *Padre Casimiro, abajo!* E o padre, bradando: «Deus é connosco!» com pouca corrupção o «Deus o quer!» dos cruzados, foi *abajo*, e meteu os Sirzinos na cidade. Depois, por falta de pólvora, retirou com a coluna para o santuário do Senhor do Monte, onde o general arengou de novo para lhes dizer que se arranjassem como pudessem a respeito de quartéis, e voltassem no dia seguinte quando o sino tangesse a rebate. De resto, pouca eloquência, muita fome, muito frio e muito medo. Naquele tempo, para se obter um quartel razoável no Bom Jesus, era preciso desalojar os judeus de pau.

A meia noite, aconselhados por padre Casimiro, fugiram, receando ser apanhados de manhã. Com a natureza do *Protector*, como temos visto, não se dava o «quem me dera morrer» de S. Paulo, *cupio dissolvi*. Aquelles bravos padres e leigos *rebentavam... de força*, como diz dum português a comédia espanhola.

Como a noite era tenebrosíssima, padre Casimiro caiu de chofre em uma pôça onde tomou, conta êle com resignação faceta, *um banho geral a todo o corpo, remédio tónico e refrigerante que podia curar de pronto qualquer irritação hemorroidal a mais assanhada e renitente...* Ensaios de hidroterapia que valiam bem uma vitória, e depois lhe aproveitariam nas suas escandecências posteriores e ulteriores.

E o certo é que, se não fogem, *éramos mortos pelos Sirzinos*, confessa o «Protector das 5 chagas», aliás muito infelizes com tal protecção, pelo que se vê e verá.

Padre Casimiro foi para Vieira organizar ba-



talhões; os outros padres debandaram; e Santiago, logo que os Sirzinos evacuaram a cidade fugindo a Macdonell que se aproximava de Guimarães, entrou em Braga, e começou a organizar o batalhão do Pópulo.

Macdonell, quando D. Garcia y Mendoza se lhe apresentou fardado de general, não gostou do indivíduo e intimou-o a largar o comando que se arrogara indisciplinarmente. A razão d'êste desagrado é clara. O escocês removia, como perigosos, todos os influentes miguelistas de boa fé que o colocassem na posição de defender-se de um ataque em forma. *Não sei porque, (escreve-me Pinho Lial) embirrou com êle; nunca o quis empregar em cousa nenhuma, e até deu ordem para que fôsse preso; mas o quartel-mestre-general Vitorino José da Silva Tavares avisou o galego a tempo e êle fugiu para Guimarães.*

E já agora acompanharemos o guerrilheiro exautorado D. Santiago Garcia, na sua peregrinação váriamente afortunada, no transcurso de trinta e oito anos até 1884, em que êle morreu funcionário e honesto cidadão português.

\*

Era um rapaz galante êste espanhol. Inculcava homem de côrte, feito nas salas, sem os excessos mesureiros dos adventícios que estudaram a urbanidade em compêndios escolares. Possuía o francês com perfeição. Conhecia o latim; e, de fundamento, a literatura do seu país. Falava a nossa língua com a nitidez possível a um espanhol; e, poucos anos depois, escreveu limpamente um livro em português, que poderia ser clássico para bas-



tantes literatos indígenas. Mas a sua invejável superioridade era em uma cadeira defronte de um sofá, onde se recostasse uma senhora, quer velha digna de respeito, quer nova benemerita de lirismo. Fazia-se estimar na selecção das coisas sérias com que entretinha a educadora de filhos, e nas frivolidades amaviosas com que chegava ao coração das solteiras pelo eneano dos ouvidos.

Nutrido em excesso, hercúleo nas espáduas, pulsos penugentos, pescoço taurino, proeminência abdominal, isto não implicava à flexuosidade grácil dos meneios cortesanescos. De casaca azul, gravata e luva branea, chapéu de pasta, com os cabelos frisados e as guias do espesso bigode negro cofiadas, tinha, encostado aos pianos, umas atitudes estatuárias que para não serem irrisórias careciam da sua grande e genial naturalidade.

Ao retirar de Braga, hospedara-se em Guimarães, na casa do visconde da Azenha:

D. Emília Correia, irmã do visconde e da condessa de Basto, era uma dama primorosa, na florecência das graças, deslumbrante de garbo e elegância que dispensava os realces da formosura. Passava dos trinta anos; mas não seria o seu condão magnético mais penetrante aos dezoito. Contava-se que esta fidalga tinha injectado hipodérmicamente no peito do snr. D. Miguel I, quando elle em 1832 veio ao norte visitar e galvanizar o seu exército alquebrado, uma paixão em que entrava muito da alma imaterial e hastante da outra, a outra do conde Xavier de Maistre — bem sabem a *bêsta*. Segundo os hábitos naturalistas daquelle infante, é de presumir que o músculo de aço da sua compleição de toureiro prevalecesse às transcendências etéreas.

D. Santiago Garcia y Mendôza amou esta do-



minadora mulher, e foi amado com a violência arbitraria, decisiva de um caracter forte, emancipado de preconceitos nobiliarquicos. E ele, a maneira dos fidalgos primaciais das Espanhas, não se considerou desairado matrimoniando-se com a amante de um rei. As amásias dos Sanchos e Afonsos, as Pais Ribeiras e Fornelos, tódas haviam casado com ricos-homens de pendão e caldeira.

O património de D. Emília Correia, pouco importante na proporção da jerarquia, era em Ponte do Lima e arrabaldes, prédios rústicos e urbanos. Afim de se aproximarem dos seus haveres, estabeleceram os noivos a sua residência em Viana, em março de 1848.

Neste ano, organizava-se o partido rialista pela criação de uma sociedade secreta chamada *Ordem ou Sociedade de S. Miguel da Ala*, cujo grão-mestrado exercia o snr. D. Miguel de Bragança. A casa capitular, o cérebro pensante funcionava em Lisboa, no Largo do Intendente, e daí, por uma grande circunferência, irradiava-se pelas províncias em dezenas de conventículos, onde estava inscrita e juramentada a máxima parte da clerezia com a numerosa falange da nobreza hereditária das aldeias. Havia centros legitimistas provinciais com as suas loco-tenências. Refervia pois clandestino um enorme vulcão de entusiasmo que nem sequer fumegava.

D. Santiago Garcia, em Viana, cooperara na instauração da sociedade secreta, em harmonia com o conde de Almada Ventura Reimão Malheiro, com o comendador de Malta António Taveira e outros que derivavam o seu sangue [discraziado] de Guadalcte e das tiufadas dos reis godos Favila e Teodofredo.

Estas manobras, conquanto secretísimas, não



vingaram passar despercebidas ao faro da autoridade superior do distrito.

Era então governador civil Tomás de Aquino Martins da Cruz, um pedreiro-livre muito calejado em dissimulações maçónicas, e já em 1823 notabilíssimo em Coimbra na loja dos *Jardineiros* ou dos *Chicaras*, juntamente com o *Bacorinho*, alcunha que então deram a Almeida Garrett. Foi nesta loja dos *Chicaras* que o padre José Duarte Beltrão descobrira horrorizado *uma atmosfera*; e por isso, em nome da religião, pedira a D. João VI que degradasse aqueles pedreiros-livres para *as Sibérias*. Contava aquela majestosa bêsta pelo menos duas Sibérias à ordem de D. João VI.<sup>1</sup>

O ministro do reino provavelmente foi informado pelo governador civil da atitude revolucionária de Santiago. O conspirador espanhol tinha-se arvorado general em Braga, dous anos antes: cumpria expulsá-lo do reino — a máxima deferência que o ministro podia prestar ao cunhado, visconde

---

1 A representação dos povos redigida pelo padre Beltrão rematava líricamente d'este feitio:

Esta administração  
Ao senhor D. Miguel entregue  
Fará tudo decidir em breve.

Este o único modo  
Porque o recto infante  
Perante Deus e os homens  
Em pouco ficará triunfante.

A força em bolandas  
Andando apressada,  
Da atroz pedreira da  
Acabe as demandas.



de Azenha, vulto importante nas lutas eleitorais.

Em 29 de outubro (1848), o administrador Manuel José Gavinho, muito célebre naqueles dias, com ordem de Tomás de Aquino, prendeu D. Santiago Garcia y Mendoza em sua casa, conduziu-o à cadeia, e no dia seguinte, com uma escolta de infantaria 3, remetteu-o ao castelo da Foz onde entrou no dia 1 de novembro. D. Emília Correia, posto que não fôsse presa, acompanhou o marido.<sup>1</sup> Com a opinião de uns jornais, dizia-se que D. Garcia fôra preso como conspirador miguelista; ao parecer de outros fôra o governo espanhol que requisitara a prisão e desterro do carlista afim de o afastar da fronteira de Espanha. Esta hipótese, conquanto pareça descabida em relação ao personagem, tem visos de ser a verdadeira, como dos documentos se depreende. O *Periódico dos Pobres* do dia 9 dizia que continuava a prisão do sr. Garcia, súbdito espanhol, esperando embarcação para sair do reino. Louva o procedimento da esposa que o acompanha incessantemente, e o das famílias distintas que a tem ido visitar ao castelo, bem como o proceder do governador, barão de Grimancelos e sua família que se desvelavam em prestar ao preso tôdas as comodidades.

Assim que entrou no castelo da Foz, o preso obteve dos principais cavalheiros de Viana o seguinte atestado: *Os abaixo assinados atestam que D. Santiago Garcia de Mendoza, casado com a ex.<sup>ma</sup> D. Emília Correia Leite, filha do ex.<sup>mo</sup> brigadeiro Martinho Correia, visconde da Azenha da vila de Guimarães, veio com sua família estabelecer a sua residência nesta cidade em principio de*

---

1 Nacional de 2 de novembro de 1848.



*março do ano corrente, e nela se tem conservado, mostrando bom comportamento moral e político, não infringindo a lei, nem fallando ao respeito ao governo, nem à obediência às autoridades. Viana 7 de novembro de 1848.*

Entre os sinatários está *Tomás de Aquino Martins da Cruz*, o governador civil que o fizera capturar oito dias antes.

D. Emília Correia requereu e obteve um atestado idêntico da câmara municipal: *que não constava à câmara que D. Garcia tivesse fãttado ao respeito devido ao governo de S. M. a Rainha nem às autoridades constituídas.* Isto induz a crer que a prisão do carlista nada tinha que ver com a política portuguesa; sendo, porém, assim, e que valor podiam ter êsses dois atestados? A meu ver, o embaixador espanhol, requisitando a captura do guerrilheiro carlista, era instigado a isso pelo governo restaurado dos Cabrais que temia o general miguelista no centro do Minho, e não o perseguia directamente em atenção à parentela de D. Emília Correia e à tal qual obrigação em que estava aos rialistas, inconscientes promotores da intervenção das nações coligadas em manutener a dinastia.

Desconfiando, porém, que êsses documentos nada importassem à pronta saída do cárcere, no fim de trinta dias de prisão, a 29 de novembro, D. Santiago fugiu do castelo.

O *Nacional* considera menos cavalheira a fuga, visto que o governador lhe dera a fortaleza por homenagem. Presume erradamente a mesma fôlha que D. Emília Correia ficasse na prisão.<sup>1</sup> O *Defensor* de 31 de novembro noticiava a captura de

---

1 *Nacional* de 30 de novembro.



D. Emília Correia em Leça. O *Nacional* reprova a iniquíssima prisão. Alega ser direito natural esforçar-se um preso para ver-se em liberdade, dado que, neste caso, as leis do cavalheirismo fôsem postergadas. Aconselha as autoridades a que apressem as aveiguações, se tem que as fazer, interrogando a senhora presa; porque o retê-la em eustódia é menos constitueional e muito despótico.<sup>1</sup>

No dia imediato, o *Nacional* publica um *Comunicado* que repele o labéu cuspidto à honra e cavalheirismo de D. Santiago Garcia de Mendoza, detido em eustódia, e intimado a sair do reino, como se tivesse algum compromisso de honra com o governador, e por fôrça do qual não devesse evadir-se da prisão. Aí se declara positivamente que *D. Garcia nunca viu nem falou com o governador, ausente durante a sua prisão; que do govêrno do castelo estava incumbido um comandante em segundo. Todos os que tem conhecimento do sr. D. Garcia, conclue o articulista, farão a justiça de acreditar que, como cavalheiro, não era capaz de faltar à sua palavra de honra, se porventura a houvesse dado.*

Era esta a verdade que ninguém contestou. A fuga de Santiago não causou susto ao govêrno, nem surpresa ao governador do castelo, nem moveu a policia na pista do fugitivo. Podia crêr-se que lhe abriram a porta do cárcere. O conde de Tomar era grato aos miguelistas que haviam rasgado a brecha à intervenção.

D. Emília foi juntar-se ao espôso em Guimarães, jornadeando menos acelerada que êle, depois de repousar em Leça da fadiga nocturna ao longo

---

1 *Nacional* de 1 de dezembro.



do litoral por sobre areia empapada de chuva. D. Santiago homisiou-se alguns meses em Guimarães, protegido por seu poderoso eunhado, o visconde de Azenha. D. Emília Correia foi a Lisboa solicitar do duque de Saldanha, presidente do ministério, o perdão e a liberdade do marido. Só a espada do marechal poderia dar um corte cerce no processo cujas delongas seriam enormes, submetido aos trâmites ordinários do livramento. O duque recebeu gentilmente a súplica da formosa dama que lhe pedia passaporte para seu marido. Fez mais do que lhe rogava. Moveu o conde de Colombi, ministro de Espanha, a desistir da perseguição, se é que em verdade o govêrno do reino vizinho se receava da vizinhança de um revolucionário tam subalterno e desconhecido entre os faccionários de D. Carlos. O certo é que D. Garcia obteve a liberdade sob condição de a gozar em Setúbal, afastando-se do Minho e da fronteira. Volvidos meses, apaziguada a guerra em Espanha, o marechal obteve que o seu protegido regressasse à sua casa de Ponte do Lima. O próprio embaixador o participou a Santiago: *Teniendo en consideracion el pedido del snr. duque de Saldanha no hay reparo en que V. resida en la provincia del Miño siempre que no dé V. por su conducta politica, legitimo motivo de queja a esta legacion dela Reina N.ª S.ª En mi concepto, deveria V. acoger-se ala amnistia, prestando el dcbito juramento de fidelidad a S. M. y á la Constitucion del Estado, y aprovechar-se de los beneficios concedidos por S. M. la Reina, siendo V. util á su pais, y mejorando su posicion. Dios guarde a V. m.ª a.ª Lisboa 20 de junho de 1849. El conde de Colombi.*

Quando, passados onze anos, D. Santiago foi arguido aleivosamente de haver apostatado da le-



gitimidade é denunciado à vingança de Espanha e entregue ao carrasco um seu antigo correligionário em troca da liberdade, D. Emília Correia Leite escreveu ao duque de Saldanha uma carta, estampada no referido opúsculo, rebatendo essa acusação.

No transcurso de vinte e três anos passados em Ponte do Lima, Santiago regrou o seu comportamento pela pauta da restrita probidade, com umas ligeiras verduras outoniças de coração, longe da vigilância da espôsa. Um cavalheiro da sua vizinhança e convivência, naquela terra, enaltece o carácter do espôso que se submetia à privação de regalias pessoais para que a espôsa fidalga as não experimentasse:... «Com relação à vida particular dêle posso dar conta a v. pelas impressões que me deixou de vinte anos a esta parte. O seu proceder não desmereceu do logar de cavalheiro que ocupava na sociedade. E, se as privações a que teve de sujeitar-se, antes de ser nomeado cônsul de Marseilha, lhe abateram o orgulho, nunca puderam influenciar no ânimo dêle, a ponto de deixar de facultar a D. Emília Correia os meios necessários para se apresentar em público e em casa à altura do seu nascimento, distinguindo-se sempre entre as outras senhoras já pela sua *toilette*, já pelas suas maneiras distintas.»

\*

Em 1886 veio D. Santiago Garcia a S. Miguel de Seide ler-me alguns capítulos de um manuscrito que nesse mesmo ano publicou, intitulado *A água, compilação dos principais elementos de geologia para o descobrimento dos mananciais aquáticos, por D. Santiago Garcia de Mendoza. Pôrto, 1866.* Desejava êle ardentemente ser sócio



correspondente da academia real das sciências. Escrevi ao meu querido mestre e amigo António Feliciano de Castilho, enviando-lhe alguns exemplares do livro para serem apresentados na academia com a proposta. Foi Garcia de Mendoza votado por unanimidade, e dêsse, feliz êxito lhe adveio um júbilo extraordinário que eu não podia perceber, por me faltar, penso eu, o plexo sensorial acadêmico.

Nesse tempo escrevia êle um periódico chamado o *Lethes* em que avultavam artigos dignos de mais larga e inteligente esfera de leitores; por que lá em cima, no Alto-Minho, tudo aquilo era uma gente esquecida da letra redonda, ainda antes de passar o *Lethes*... pelos olhos.

Residia Santiago temporadas em Lisboa, quando andava requerendo um consulado. Por carta patente de 2 de julho de 1873 foi nomeado emfim cônsul português em Marselha aquele «general» espanhol que há pouco ouvimos perorar às multidões miguelistas em S. Gens de Calvos. Entre as duas posições sociais antagonistas deve ter derivado um têrmo de provações interpostas que o tornaram digno daquela comissão valiosa. Foi o que sucedeu, e continuou a verificar-se no decurso de onze anos que êle briosamente exerceu as suas funções. Em 2 de agosto de 1884, era nomeado cônsul geral na mesma cidade; e, um mês depois, sucumbia a uma hepatite crônica, já quando a cólera devastadora começava a decrescer. Oito dias antes da sua morte, me escrevia Santiago queixando-se de que eu lhe não enviasse o *Vinho do Pôrto*, um opúsculo com aquele rótulo, por lhe ser *muito necessário semelhante tônico para convalescer da prostração em que o abateram as desgraças daquela terra*. «Entendi (dizia êle)



que eu não devia ser uma das cem mil pessoas que daqui tem fugido, sem excepção dos representantes das nações, que foram os primeiros a dar o exemplo».

O entêrro de Garcia foi feito a expensas do governo. Não havia espólio que chegasse para o transporte do cadáver ao cemitério. Não podia ser. D. Garcia tinha as jóias da espósa, tinha dinheiro pouco antes recebido dos seus rendimentos em Portugal. Foi roubado. Assevera-o o seu procurador em Ponte do Lima, um cavalheiro que lhe administrava os bens. <sup>1</sup> Ele mesmo previra o roubo. Em 16 de agosto escrevia ao seu procurador: *Logo que vi como as coisas corriam, fechei tudo, e fiz o testamento, por que, vendo-me só, tinha a certeza de que, se fôsse atacado, seria roubado, como muitas casas tem sido, particularmente dos que fugiram.*

E êle fugia para não voltar: podiam roubá-lo impunemente.

D. Garcia literalmente não era pobre. Tinha solvido as dívidas importantes contraídas nos tempos difficis, antes do despacho. Pago o restante dos pequenos débitos, a sua casa de Ponte, mobilada com fausto, onde expirou D. Emilia, e os seus prédios rústicos em S. Tiago da Gemieira e S. Bento valêm o excedente de oito contos de réis, que uns sobrinhos reclamaram.

A última vez que o vi foi em 1878 quando êle veio a Portugal assistir aos paroxismos de D. Emilia Correia que entrêvecera e quasi cegara nos seus últimos dois annos de vida. Aqueles olhos que

*Veja Primeiro de Janeiro de 12 de novembro de 1884.*



a si mesimo se queimaram pela intensidade da sua luz... cegos ! Aquelas curvas esveltas paralizadas ! Sêco e atrofiado o último seio onde um rei desastrado apanhara a fronte já sem corôa ! Os últimos lábios portuguezes que lhe balbuciarão entre dois beijos uma palavra de esperança, a murmurarem agora os actos contritos, e a colarem-se nos pés chagados de um Cristo !

\*

Macdonell, entrando em Braga, repreendeu padre Casimiro por sair a campo sem ordem sua. Desculpou-se o «Protector» alegando que supusera D. Santiago o general director da restauração. O escocês, satisfeito com a desculpa, nomeou-o «comandante geral do batalhão ou batalhões de Vieira». Quis o padre organizar em Braga, com estudantes e artistas, uma brigada. Macdonell não consentiu. Bem que Pinho Lial nos haja dito que o presbítero capitaneava 2:000 homens, padre Casimiro, segundo assevera, apenas dispunha de uma guarda de 60 rapazes decididos.

Quando o Casal se avizinhou de Braga, o valente de Vieira preparou-se para ir à sua terra buscar os batalhões; mas Macdonell mandou-o para o quartel, que descansasse e esperasse as suas ordens; e por volta da uma hora da noite mandou-lhe dizer que fôsse. A calúnia contemporânea assacou ao padre a aleivosia de que elle fugira, e não recebera tal ordem. Fundavam-se os defraudadores em que o general havia rejeitado as massas que se lhe apresentaram; que não era verosímil mandar o padre arregimentar dali quatro léguas, à última hora, batalhões indisciplinados para re-



sistirem a uma brigada de 1:600 homens comandados por um general destemido como o Abreu.

O que a mim, e em honra do padre, se me afigura muito natural é que o anjo-da-guarda do levita, com o pseudónimo de Macdonell, o fôsse enganar ao quartel, à uma hora da noute, para o salvar da carnificina do dia seguinte.

Quando padre Casimiro voltava com o seu povo, a distância de duas léguas de Braga, encontrou a notícia da derrota levada pelos que fugiam, e que o Macdonell ia fugindo também à desfilada, caminho de Guimarães. Sem embargo do desastre, o «Protector» ainda gizou o heróico plano de desarmar a divisão do Casal. *Marchávamos com a maior coragem contando ficar com o armamento daquela brigada; o que de certo aconteceria se o povo de tôdas as terras referidas satísse a dar fogo.* Felizmente para o Casal, que marchava sobre Valença, começou a chover. Foi o que lhe valeu, visto que padre Casimiro não fez à chuva o que Josué fez ao sol. Depois, como lhe faltasse dinheiro, foi a Guimarães pedi-lo ao doutor Cândido, logar-tenente de D. Miguel.

O doutor Cândido de Figueiredo ia no quartel-general do Macdonell. Tive o dissabor de conhecer em Amarante, onde o escocês se demorou vinte e três dias, numa bebedeira permanente depois da derrota de Braga, aquele logar-tenente. Vi-o de casaca de briche cossada, com uma gola em rôsca muito oleosa, e nas lapelas um alto relêvo de pingas de caldos gordos e matises de um oiro fosco de simonte. Cobria tudo isto com um capote azul de três cabeções. Calçava sapato de fivêla e polainas de saragoça abotoadas até aos quadris. Trazia chapéu embicado de castor sem penacho com umas badanas móveis que fechavam para cima



como a concha de um mexilhão enorme. Cavalgava, quando entrou em Vila Rial, um garrano já jubilado, que parava numas scismas quando o doutor lhe batia com ambas as pernas a um tempo na barriga insensível. O cavaleiro, da cinta para cima, estava túrgido, orgasmático, numa tatura tetânica. Era o emblema personificado do partido êste logar-tenente que passeava com um sério desassombro de idiota a sua desgraça carnavalesca pelas províncias, representando D. Miguel I. Ele tinha dinheiros, ainda assim, por que deu 96\$000 réis ao padre Casimiro.

Nunca pude saber como êle conseguiu safar-se ao último baque das guerrilhas de Macdonell. Sei que morreu plácidamente em terras de Basto presidindo a uma Junta miguelista.

É natural que abandonasse o Macdonell quando o Vinhais e o Lapa se aproximavam de Vila Rial. Horrendíssima noite, de neve e escuridão, aquela da fuga que Pinho Lial nos contou com o seu sorriso, e Manuel Negrão nos vai contar como quem hrinca a recordar-se saudosamente dum lance terrível da sua mocidade.

\*

Manuel Nicolau Osório Pereira Negrão, filho do desembargador Pereira Negrão e neto do célebre e erudito chanceler-mór do reino, Manuel Nicolau Esteves Negrão, co-fundador da Arcádia Ulisseponense, retirou há vinte e cinco anos do Porto para a sua casa solar de Mosteirô, na margem direita do Douro. Entre os rapazes mais prezados; mais cavalheiramente briosos em que o Porto primava nesse tempo; Manuel Negrão era



modelo dos mais selectos. Acercando-se de raros amigos, eu fui um dos mais honrados com a sua estima e confiança desde 1847. Separados pela distancia das léguas e dos anos, quando raramente nos encontramos, sentimos remoçarem-se por momentos aqueles dois rapazes nada românticos, em pleno romantismo, que endureciam o corpo em passeios a cavallo de dezoito léguas, até Coimbra; e elle, se lhe pruiam saúdaes, metia de esporas e ia ali a baixo até Lisboa, visitar sua avó, a snr.<sup>a</sup> viscondessa de Magé, ou os seus primos, os Teixeiras, da Pampulha. Eram assim os duros Marialvas antes do sibaritismo da mala-posta e da estúpida celeridade da via férrea. E, nos intervalos dessa gymnástica restaurante, amolentávamos a alma, recitando com muita ternura as poesias lacrimáveis dos menestreis nossos contemporâneos, quasi todos da rua das Flores. As vezes apeávamos dos nossos fouveiros à porta das tavernas donde vaporavam chanfanas predilectas, e digeríamos com as estrofes da *Lira poética* as coladas rescendentes de colorau. Eu vim daí, de cólica em cólica intestinal, até esta ruína gástrica que sou hoje.

Manuel Negrão está forte, muito surdo como em rapaz, donoso cavaleiro como sempre, e sobretudo rejuvenescido pelas delicias da familia que lhe foram, toda a vida, as supremas.

Ele ainda não tinha dezasseis anos quando cingiu uma espada, e se alistou sob a bandeira treda do general escocês. ; Levaram-no para ali as tradições, o apelido heráldico, a raça? Não: elle nunca me disse os nomes de seus avós, nem se julgava obrigado a dar o sangue por uns preconceitos muito alheios da sua índole. Manuel Negrão seguira o estandarte dos rialistas para ex-



perimentar a impressão dos perigos extraordinários.

Se Macdonell morresse como um bravo no campo da batalha, o meu querido amigo teria morrido ao seu lado.

\*

Aqui está, referida por Manuel Negrão, a scena final da tragicomédia que Costa Cabral fez representar para poder manter-se mais dois anos nos conselhos da corôa:

«Pela noite, já tarde, dous homens indígenas, julgo que irmãos, que constituíam o nosso corpo de guias, bellissimos tipos serranos, duros de corpo e de crenças, chegaram, no desfechado furta-passo dos seus garranos, a trazer-nos aviso de que o Vinhais, reunido ao Lapa, marchava sôbre Vila Rial. Retiramos. Entramos em Vila Pouca de Aguiar com uma fome única, a fome dos guerreiros acoçados. Não poderei dizer-te o que es mais fizeram.

Entrei numa casa que tinha a taboleta — *Hospedaria*; e, arrumando o cavallo, pedi o que havia. 7 Um caldo, a *penosa*<sup>1</sup> e o paio, cujo era... O caldo com grandes sôpas foi engolido numa beatitude de frade que tu estás bcm longe de compreender... Nisto, havia na rua um reboliço do inferno, por que o inimigo, que nos seguia, dava sôbre nós, transpondo a cumiada da serra. Tocou a marchar. Entrei nas fileiras com a penosa em punho, abraçando o meu pão com o paio dentro. Estes víveres foram providenciais ao meu bom Pinho Lial

---

1 *Galtinha* — gíria de caserna.



e Ferreira Rangel, cujos patrões não tiveram tempo de os socorrer, e se achavam em estado de jejum cenobítico. Aí por Sabroso, deparou-se-nos uma casa nobre bastante espaçosa onde nos acolhemos, os do quartel-general. Eu instalei-me na cozinha, sôbre a preguiceira, onde uma santa vêlha, com a minha cabeça no regaço, me cobriu de desvelos e de arestas da sua rocada. Quando, repousado e enxuto, soube que o general velava, fui fazer-lhe companhia. Encontrei-o sentado a uma mesa junto de um caco grande de rescaldo. Lá fóra a camada de neve era altíssima. Ele era um vêlho rijo e belo de sua pessoa, de estatura elevada, grosso sem ser gordo nem pesado. Cabelos brancos, um pouco calvo, cara rapada, com umas pequenas suíças alvas de neve a destacarem-se do apresentado da face. Era um daqueles belos tipos à Wellington. Eu, António de Castro (Côvo) e Ferreira Rangel conversávamos. O general percorria a sala e de espaço a espaço fazia libações na garrafa de *ardose*<sup>1</sup> que estava sôbre a mesa. Na ante-manhã mandou reúnir.

Quando tudo a postos, êle, já a cavalo, entregou o comando das aguerridas hostes ao brigadeiro Vitorino Tavares, e falou dest'arte: As forças vão marchar sôbre a ponte do Cavez que será para logo entrincheirada. Eu vou em pessoa efectuar um reconhecimento com que vou salvar a causa de el-rei.

E voltando ao estado-maior: «Quem quiser que me siga», e deu de esporas ao seu bonito cavalo castanho doirado que fu tantas vezes viste, mais tarde, arrastando a carruagem de um tal barão de

---

1 *Ardose*, calão de *águardente*.



S. Lourenço, sem perceberes o valor histórico da bêsta. Quando eu, na candura dos meus 16 anos incompletos, o vi sozinho a caminhar para o inimigo, senti um ímpeto que de dois trancos me punha ao seu lado esquerdo. Ele, encarando-me sorridente, disse:

*¿ No tiene usted miedo? — A nadie, general!* Alguns disseram-me depois que por minha causa o seguiam: se bem me lembro, foram António de Castro, José de Abreu, Aguiar Carneiro, um dos dois irmãos Ferrazes e Ferrreira Rangel, o *escrivão-fidalgo*, que o filho como porta-bandeira tinha marchado no seu lugar. Este *escrivão-fidalgo* era a unha da carne do Macdonell, e, a meu ver, foi um fanático de uma grande boa fé, comido pelo outro em corpo e alma. Tinha mulher, três filhos e quatro filhas. Tinha fortuna e tudo sacrificara a D. Miguel e ainda ao próprio Macdonell. Naquela hora estava ele arruinado e desesperado já.

Aqui nos tens em marcha.

O sol brilhava esplêndido por sobre a enormidade da neve que enchia os barrancos e corgos das serras, e apresentava uma superfície lisa: parecia estar de lá fazendo-nos troça. O homem caminhava a passo curto. A coisa demorava-se. Os mais prudentes foram alegando várias causas que os impossibilitavam de seguir a marcha; o general foi-os despedindo com boa sombra. António de Castro, Aguiar e Ferrazes retrocederam. Instado pelos camaradas, perguntei ao general se queria que fôsse à descoberta, ao que ele anuiu. Devíamos de estar perto de Vila Pouca. Na minha frente havia um monte por onde descia uma estrada pela qual vinham a passo alguns cavalarias cujas armas e guarnições brilhavam ao sol. Convencido que fôsse a guarda avançada do



inimigo, voltei a dizer o que observara. O general disse: *Esso no puede ser!* Afastei-me para lhe dar passagem e tratei de convencer os camaradas a que retirassem. O Ferreira Rangel disse-me que estava mal montado, e que, de mais, era o seu destino aquele... Um pouco adiante demos logo de cara com as tropas. O general soltou um só *God damn!* Meteu o cavalo à direita por um como portal de uma tapada; eu e Rangel metemos após êle. Chegado a certo sítio, apeou, deitou fóra o chapéu de bicos, e pôs na cabeça um pequeno boné de lista vermelha, desafiou a espada embrulhada-a no talim e quedou-se.

O Ferreira Rangel apeara também de uma pequenina garrana que montara desde Braga onde tivera o cavalo morto; mas vi-o desembainhar a espada, e tomar aperrada uma enorme pistola que usava a tiracolo. Vi-lhe no belo rosto a decisão de vender a vida cara. Os inimigos entraram pela quebrada da parede. Cheguei-me ao Macdonell com o seu cavalo e disse-lhe: «General, não quer montar?! — Si. E, já a cavalo: *Pero, me quiedo... Vate por ali. Adios, muchacho!* E o Ferreira: «Adeus! um abraço ao meu João...»

Achei-me livre como a brisa das serranias, que me fustigava com uns eristaisinhos mordentes arancados da neve.

Voltando-me, vi que estávamos cercados; mas eu tinha debaixo das pernas aquele meu incomparável cavalo, o *rabicha*. Por entre dois tropas, larguei direito à parede que êle transpôs de um salto; os cães apontaram-me dois tiros; mas aquela parede era-lhes uma barreira insuperável. Quando já na encosta do monte, volvi atrás os olhos, não pude ver mais que um grupo num ponto, e alguns cavalos dispersos.



Considerando-os mortos, e tendo-lhes lançado de lá o meu *sit vobis terra levis*, tratei da vida que o cavalo perdia bastante sangue de um ferimento de bala que tinha na tábua do pescoço...

Mais tarde um soldado de cavalaria 7, que se achava no conflito, me contou que, quando o comandante do piquete se aproximou do Macdonell, êle lhe dissera: «queria entregar a sua espada ao comandante da força» e o sargento respondera que o comandante era êle e lhe dera uma cutilada na cabeça; e que o Macdonell com a cara coberta de sangue tirara uma pistola dos coldres e desfechara com êle, valendo-lhe deitar-se a terra rápidamente pois que o tiro lhe queimara o xaibraque; e, nesle lance, um camarada o varara pelas costas. E o tal sargento, Carmona, se bem me lembro, ficou arnanjadinho, pois lhe tirara bom relógio de ouro, um grosso cordão e muito dinheiro em peças. E que o outro, (Ferreira Rangel) se defendia como um danado encostado a umas pedras; mas êsse não *escorrera* nada.

Aí perlo de Famalicão, Airão ou Ronfe, poderás encontrar, se não fôr já morto, o meu camarada Carneiro, que já aponlei, um lalagão de barbas enormes que pretende dever-me a vida. Se o topares, vê se êle subscrve o que deixo dito, que também por lá se achou, e creio que te fica à mão.»<sup>1</sup>

Janeiro de 1885.

---

1 Os dois companheiros de Manuel Negrão, vizinhos de S. Miguel de Seide, eram Agular Carneiro, Senhor da Casa da Brela, e o outro, Carneiro Teles, de Requião, o das grandes barbas. Este há muitos anos que morreu no vigor da idade.

O primeiro casou com uma filha do ministro de estado Félix Pereira de Magalhães, já em anos avançados. Deve



\*

Entra agora no teatro da guerra o general Canêta. Os fastos dêste Canêta prendem sincrónicamente com a cronologia das minhas finanças de há 39 anos. Não só a saúde dessas finanças que também a filosofia da história obrigam a minha pena a mover-se vagarosamente, com uma poética

---

ter hoje próximamente setenta, e vive em Coimbra acompanhando alguns filhos que se estão formando.

Lembrarei alguma coisa que deve estar esquecida a respeito de Ferreira Rangel, morto com o valor cego da desesperação, ao lado do Maedoneli. No largo de Santo António do Penedo, no Pôrto, em frente do palácio da snr.<sup>a</sup> condessa de Azevedo, está um prédio elegantíssimo de que é morador e proprietário o snr. Teixeira Pinto. Esta casa foi mandada edificar por Ferreira Rangel em 1829 ou 1830. Nesse tempo, o *Escrivão-fidalgo* possuía trem montado quando esta regalia, indicativa de grandes posses, era rara no Pôrto. Ferreira Rangel, que se distinguira no ódio aos liberais, homizlou-se quando o Imperador ocupou o Pôrto. Esteve escondido muitos anos, com família numerosa, consumindo assim os haveres que não podiam suprir a tanto. A sua morte — bem o deixa entender Manuel Negrão — foi um suicídio.

Tinha um irmão seu antípoda em política, um republicano radical, o poeta Ferreira Rangel, muito conhecido há trinta anos pela exaltação com que declamava nos cafés, servido por uns fortes pulmões e por um aspecto medonho com que muito auxiliava o terror das suas doutrinas desmanteladoras da sociedade actual. Morreu há muitos anos. Os filhos do outro irmão, parece que ainda vivem todos com honrada independência nos subúrbios de Lisboa — a independência adquirida pelo trabalho de um a quem o pai, ao despedir-se de Manuel Negrão, enviava um abraço. Aerbo lance!



volúpia, na factura desta meia dúzia de páginas em que, num ou noutro período, aparece o meu antigo coração em vitrine de muscu como uma peça de anatomia mumificada.

Os jornais de 46 discordam quanto ao nome dêste general. O *Periódico dos Pobres*, uma vez chama-lhe *António Joaquim de Sousa*, outra vez, *João Canêta*, e até chega a confundi-lo com o *João Corneta* a quem já dediquei neste livro uma nota assaz tocante. Uma embrulhada católica que ficará impenetrável aos especialistas históricos desta qualidade de generais, se eu não desenhencillar semelhante meada. O verdadeiro nome do *Canêta* era José Maria de Sousa.

Este homem fôra um negociante falido, de Braga. Prestara serviços na revolução popular fornecendo víveres e salitre às massas por conta dos setembristas. Depois, quando o ministério cabralista baqueou, fornecia aos miguelistas por conta dos patuleias enganados, e espalhava proclamações incendiárias contra os liberais. E, como era um pouco idiota, deixou-se prender pela autoridade de Braga que o fez encarcerar na Relação do Pôrto em 24 de setembro de 46.

Quando ali entrei preso, em 11 de outubro, foi o *Canêta* o primeiro homem que no salão dos quartos de malta me fez os seus cumprimentos. Eu tinha sido preso a requerimento da minha família, quando ia para Coimbra continuar, no *Pdtio*, as minhas explorações científicas, bebendo nos mananciais latino e retórico do padre Cardoso e do padre Simões, — Deus lhes fale na alma em latim ciceroniano. Os meus inimigos em letras, dois anos depois, farejavam delitos execrandos na causa misteriosa daquela prisão de sete dias. E eu que, amordaçado pelo pudor, não podia esclarecer a opi-



nião pública do botiquim *Guichard* e da *Águia* e das *Hortas*, mandei pedir à pessoa, que requerera a minha captura, houvesse por bem explicá-la. Pode ser que o divulgar-se agora, na velhice extrema, este lance de uma juventude já esquecida, venha a ser estôrvo à inauguração da minha estátua, uma coisa que eu havia de ter por fôrça, sôbre um pedestal de adjectivos plangentes com altos relevos de advérbios, nos oito dias imediatos ao do meu trespasse. Lamento muito e por antecipação êsse dissabor que me há-de consternar na minha individualidade cósmica de cernelha de boi, de cauda de cometa ou de couve lombarda; mas já agora não posso esquivar-me a ser um pouco Santo Agostinho.

O bemfeitor que me tinha feito prender respondeu assim, nos jornais de 1849, à minha solicitação:

*Snr. Redactor:*

*Insto pelo favor de transcrever no seu jornal as seguintes linhas:*

*Quem fez prender na Relação dessa cidade Camilo Castelo Branco, fui eu que sou seu tio. A causa porque eu o prendi não é essa que os seus detractores lhe fulminam. É um «raptio», não é um «roubo». Para obstar a uma ligação que o faria desgraçado busquei um pretexto; se é d'êle que se aproveitam os seus inimigos, declaro que é falso, e autorizo meu sobrinho a tirar a desforra legal de qualquer ultraje que se lhe faça com alusão à sua captura.*

*Vila Rial, 27 de fevereiro de 1849.*

*João Pinto da Cunha.*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> *Nacional* de 10 de março.



Este bom homem, para me salvar de um enlaace indiscreto, ordenava ao seu agente no Pôrto que me fizesse prender como *raptor* de uma mulher sem pai nem mãe e de maior idade que me acompanhava espontâneamente para Coímbra; e, a não ser êste delito eficaz para a prisão «requerida por meu tio» como se eu fôsse o *raptado*, então autorizava o agente a queixar-se de que eu o esbulhara de ricos valores em jóias e baixela, 20:000 cruzados, calculava-se no botiquim do *Guichard*.

Para que os genealogistas provindouros da minha linhagem se não vejam embaraçados com esta vergôntea de *Pintos* e *Cunhas* na minha árvore, devo eselareeer que êste homem não me era nada — era marido de uma tia minha. Provavelmente, se eu teimasse em matrimoniar-me honradamente com a *raptada*, seria pronuneiado como ladrão de jóias e baixela, 30:000 cruzados — computava o botiquim da *Agua*.

Honado e querido tio da minha alma! Uma semana depois que saí do cárcere, era apertado nos braços carinhosos do meu salvador que pagou generosamente o aluguer do macho que me conduziu sem dificuldade, por que eu ia tam leve que não levava um pataeo — nem a jóia dum pataeo, senhores, e logo saberão por quê.

Que saúdades me fazem estas alegres e esplêndidas misérias dos meus vinte anos! Vejam que nem tenho pejo de contar as misérias nem as saúdades, hoje que algumas centenas de eontos levantam entre mim e êsse passado pelintra uma alta muralha de ouro de lei! Naquele tempo, os rapazes tinham desvarios trágicos até ao ridículo, e entravam muito cedo e depressa na previsão dos escolhos infamados em que haviam de ir a pique, sempre impertérritos e armados como Xerxes do

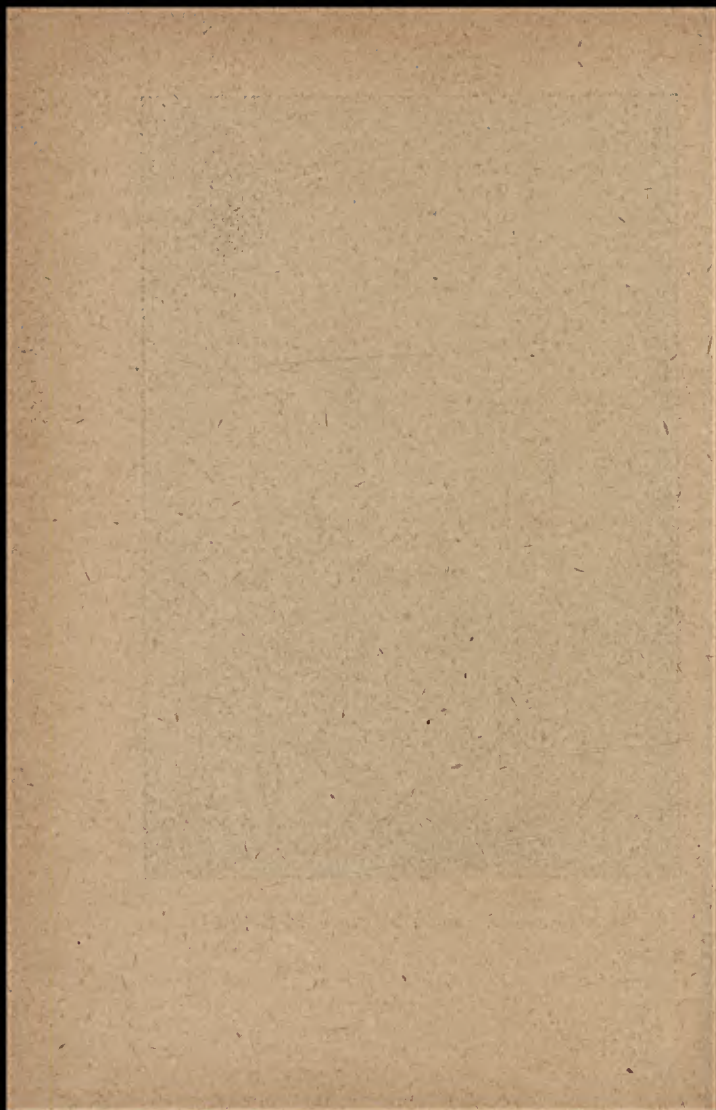




As dez moedas que eu levava para Coimbra

*M. da F.*





tagante para azorregar as ondas aparceladas... Mas que saúdaes eu tenho daquelas jóias e baixela — 50:000 cruzados, para cima que não para baixo, conjecturava o botiquim das *Hortas*!

\*

Canêta era um sujeito esgalgado, de meia idade, com suíças de *maitre d'hotel*, semblante espasmódico, duma imobilidade cerâmica, ares doentios e um sorriso abstracto de idiotia feliz. Trajava sôbre-casaca preta clerical até aos tornezelos, e um chapéu alto de sêda, e por debaixo um lenço escarlata de Alcobça apertado na cabeça com as duas pontas sôbre a nuca, em riste, tesas como orelhas fitas numa desconfiança de onagrô. Jogava o monte e a esquineta num quarto dos políticos, encarcerados nos dias seguintes à prisão do duque da Terceira. Era bom ponto e tinha muita sorte. As dez moedas que eu levava para Coimbra ganhou-mas êle. Era visitado no salão por um setembrista importante. Alguns presos cabralistas, por causa dessa visita, desconfiaram que êle fôsse espião e acautelavam-se. O Barbosa, das Airas, um maneta valente da Vila da Feira, chegou a ameaçá-lo.

O Canêta, quando não jogava, tinha desmaios de tristeza e chorava copiosamente por se ver entre ferros e com uma catarral de maus sintomas. A cadeia enfraquecera-lhe o carácter e abastardara-lhe as convicções. Se a venda da consciência lhe abrisse os ferrolhos do cárcere, êle não duvidaria vender essa quimera incômoda quando é preciso nutri-la na cadeia.

Os setembristas sabiam que êle tinha intimi-



dade com o padre Casimiro, rebelde às ordens da Junta. Empreenderam suborná-lo a entregar o padre, a tróco da liberdade e algum dinheiro. Esta negociação estava pendente quando eu saí da Relação, e fechou-se alguns dias depois, sendo êle posto em liberdade. Tam reprecensível veniaga não o impediu de praticar comigo, quando saí, um acto bisarro. Sabia Canêta que eu, na véspera, tinha perdido os últimos cruzados novos nas dobradas contra as singelas. Ganhara-os êle. Ofereceu-me dez pintos emprestados que eu aceitei e recolhi ao coração, ou, sem metáfora, à algibeira cheia de algodão e lágrimas de reconhecimento. Depois, em 1851, fui a Braga e pedi a D. João de Azevedo que me levasse à casa do Canêta. Encontrei-o com o mesmo casaco, e o mesmo Alcobaça por debaixo do chapéu alto. Estava muito magro, queixando-se do intestinal, e que morria breve. Dei-lhe a sua moeda que êle julgava perdida, por que nem sequer se lembrava do meu nome para me fazer citar.

Ele aí vai agora no infeliz exercício da sua pérfida missão; e eu confirmarei as suspeitas do snr. padre Casimiro, depois desvanecidas, por um sentimento sublime de caridade com a miséria de um seu correligionário, ou provavelmente para ensaboar essa nódoa do seu partido.

Quando o padre se preparava para dar um assalto a Barroso e fazer presa em um conto de réis e mais trinta moedas *com mais alguns miúdos* e grande quantidade de pão embargado para os cabrais, apareceu em Vieira José Maria de Sousa, o Canêta, muito alegre e com muito dinheiro. Deu grande ceia aos oficiais, pagou as dívidas nas tavernas e distribuiu um pinto por cada praça. Não aprovou a surtida a Barroso, alegando abundância



de dinheiro, e arbitrou, *como agente de el-rei e comandante das fôrças, que saíssem a dar novamente os «vivas» a D. Miguel em Guimarães.* O padre cedeu-lhe o bastão de general, por que o seu maior empenho era vencer-se a causa. Perto de Guimarães, o general Canêta abeberou as massas em aguardente, a fim de escorraçar da cidade a tropa que lá estivesse. Ora a tropa que lá estava eram 800 praças de infantaria, cavalaria e lanceiros. Veio êste aviso, de dentro, e padre Casimiro, pouco disciplinado, fugiu com a sua gente; e, se não transpõe a serra do Carvalho, de noite, era agarrado pela tropa que já se movia em Guimarães. Aqui, falhou o plano do traidor. Ao outro dia, — nova cilada — foram de súbito atacados pelos sirzinos: estiveram perdidos. Canêta quis que almoçassem as fôrças a pequena distância do inimigo. A resistência do padre e a velocidade da fuga salvou-o. Seguiram-se outras emboscadas. Padre Casimiro dá miúda notícia e conclue *que eram mais que suficientes para o reputar traidor que queria a todo custo dar cabo de mim.* Porém, não desconfiava porque o *homem não tinha cara de traidor;* mas à cautela, abandonou-o com o seu batalhão; e o general Canêta, ao ver-se sem gente, e, perdida a esperança de dar boa conta de si à Junta, *caiu dumas escadas abaixo com desmaio e ficou sempre muito mal,* diz o sr. padre Casimiro. Esta síncope e queda pelas escadas revelam talvez o bom fundo do homem, uma dilacerante cólica de consciência. Caiu simplesmente pelas escadas, por que a vítima da sua perfídia não chegara a ser imolada; mas, se o padre caísse atravessado em alguma das armadilhas, Canêta enforcava-se tam certo como Judas se enforcou. O certo é que o malogrado traidor nunca mais teve



saúde, e morreu pobremente, seis anos depois, em 1853.

\*

Padre Casimiro, investido outra vez no protectorado das ehagas, e brigadeiro régiamente promovido, retirou com os batalhões para Vilar da Veiga. A excepção do padre João do Cano, todos os elérgicos beligerantes, transigindo com a Junta, o haviam desamparado. O brigadeiro rialista, chefe do estado-maior de Maedonell, Bernardino Tavares, que se bandeara com a patuleia, pedira-lhe em nome da Junta que não desse «vivas» a D. Miguel para não prejudicar a causa pública. O presbítero respondeu que sim, que não daria «vivas», *se lhe dessem fardamento, armas, munições e dinheiro, e com a condição mais de que, vindo o snr. D. Miguel ou alguém de mandado d'ele, estava o contrato desfeito.* A Junta não compreendeu as vantagens do contrato. Um ovo por um rial. Estabelecer em Vieira um pé de exército, fardado e municiado; endinheirar o padre já convertido à religião do eapital; e, depois, quando D. Miguel viesse ou mandasse, a Junta, se não aderisse ao padre, teria de eombater os batalhões que organizara. A proposta do snr. padrè Casimiro era de una tal ingenuidade que ehaga a torná-lo irresponsável por êsse acto de mentalidade inoeente.

Ouvidas as eondições impostas, a Junta dispensou-o dos seus serviços, ordenou-lhe que se apresentasse às autoridades e mandou-o bater. Reüniram-se os liberais da Póvoa e Vieira e, juntamente com a tropa, puseram-lhe eêrcos. Fizeram junção os dois padres, e então se feriu o grande combate de Calvos. Tropa, empregados e o povo



de três coneelhos fugiram vergonhosamente diante de eem homens que tantos eram as forças aliadas dos dous padres perseguidos. O general Proteetor supõe que foi a Mãe de Deus quem dirigiu a batalha e a vitória: *Se não fôra a proteeção da Virgem, eomo poderiam pouco mais de 100 voluntários, quási sem pólvora, arrostar eom tanta tropa e povo de três coneelhos, e levá-los de carreira por caminhos ásperos e íngremes como aqueles das vizinhanças do Gercz... Se não appareera ali de pronto a Mulher Forte a eomandar em pessoa e a animar aquele punhado de valentes, como poderia chegar a pólvora para se conseguir tam gloriosa vitória sôbre as hostes de Satandás que contavam acabar connosco?! Pareee, pois, que esta batalha foi da natureza transcendente da outra do Batoea, em Cabeeeiras de Basto.*

O povo assim triunfante eafu sôbre Vieira. Os liberais, abandonando as casas, tinham fugido à morte infalível, assevera o padre, que não pôde evitar a destruição de alguns edífieios e muito conseguiu êle salvando a vida de um prisioneiro e fazendo restituir os roubos. Aí proclamou largamente que não podia consentir que em parte alguma se roubasse, ou prejudicasse, ou matasse alguém, nem mesmo acompanhar com ladrões ou assassinos, porque seria olhado depois por tôda a gente com horror e teria vergonha de aparecer mais em público, etc.

O capitão da sua hoste abandonou-o. Seria, talvez, um alentado ladrão que deseorçoara ouvindo a última parlenda moralista do brigadeiro. Os sirzinos ataearam o padre em Vieira, escalaram a casa, e roubaram-lhe tudo, ineludindo os livrós. Afinal, repellido e perseguido pela Junta, pelos eabralistas e atraído pelos seus correligionários,



padre Casimiro desanimou, entregou o comando ao padre João do Cano, e desapareceu de scena em 10 de março de 1847.

Decorrido um mês, não havia já vestígios de guerrilhas miguelistas. O padre João do Cano, último general, sofreu montarias de lobo, debaixo de fogo por espaço de duas léguas, não levando consigo um só companheiro que pudesse ser testemunha da sua morte. Finalmente, este sacristão, o mais valente homem de quantos então saíram a campo, abandonando o funesto Marte, voltou-se para Cupido próspero, e fez a conquista da fidalga de Bourbon que lhe tirou da mão o bacamarte hostil aos liberais, e o hissope exorcista infesto ao diabo.





## PARTE QUARTA

# EPISTOLÁRIO, PEDREIROS-LIVRES, ETC. <sup>1</sup>

**P**ADRE Casimiro escondera-se na sua terra algum tempo; depois, receando ser descoberto, passou para Felgueiras, e viveu bastante desassombrado, na companhia de Barros Lima, generoso official rialista que o hospedou seis anos.

O hospedeiro, bom católico, dizia freqüentemente ao hóspede que, na encosta de um outeiro de-  
frontante com Felgueiras, deviam edificar-se oito capelas consagradas às oito irmãs de Santa Quitéria, advogada contra as mordeduras de animais

---

<sup>1</sup> A página 266 dos APONTAMENTOS, escreve o reverendo historiador: *Foi só até aqui que teu o snr. Camillo Castelo Branco, excepto os capitulos 14 e 15 antecedentes desde a página 145 até 163, porque foram escritos depois de elle ter os APONTAMENTOS em seu poder por quatro meses.*



danados. O padre, entusiasmado com a piedosa idéa, começou a caboucar, de noite, com o auxilio dos devotos de ambos os sexos, (sem equívoco) os oito ângulos na montanha para as oito capelas. Na abertura de certa estrada, opuseram-se estorvos por parte dos influentes da terra. Os proprietários do terreno queriam ceder apenas vinte palmos de largura, e os devotos precisavam de trinta e seis. Expõe diffusamente estes casos o snr. padre Casimiro. Aí reluz a indefessa energia de uma alma acerada pela idolatria, através de nove páginas, nas quais há um período sintético que nos dispensa de forragear nos outros. Já sabem que os proprietários cediam vinte palmos; e os devotos das irmãs de Santa Quitéria queriam trinta e seis, e não os conseguiram com discursos pios. Aqui vai ver-se quanto uma idéa piedosa é produtiva de

---

*(Advertência, página VII). Também não leu o que se segue daqui para diante, porque as notas foram compostas depois da obra estar já a correr na imprensa.*

Tendo o snr. padre Casimiro José Vieira, a meu benefício, publicado as minhas cartas favoráveis ao manuscrito que eu lera, a probidade aconselhou-me esta declaração.

As 220 páginas que não li antes de impressas, se o meu voto pudesse modificar o juízo do autor, seriam rescindidas do seu livro, 1.º como despropositadas na história da revolução do Minho, 2.º como inconscientemente humorísticas em demasia num livro de alguma seriedade, 3.º como destemperos de misticismo que desluzem a racionalidade da parte histórica do volume e destoam do tom profano em que essa outra parte do livro é escrita, sob uma inspiração natural e humana. Aí mesmo convinha cancelar as notas recentemente escritas — nuvens escuras, crepusculares que se condensam no ocidente da vida, aterrada pela morte, quando o espírito se alquebra e descai na idiotia da sua vaidosa immortalidade.



expedientes; e será o padre quem nos há-de edificar com a noticia da sua traça: *Forcejaram também* (os proprietários) *quanto puderam para fazer que tanto a estrada como a rua ficassem com a largura de 20 palmos, e também o não conseguiram; mas para isso foi preciso engand-los no acto da medição, tirando a medida de 36 e mostrando-lhes na fita o número 20.* Esta engenhosa mentira tem tanto de honestidade quanto os proprietários tinham de entendimento. Mas foi piedosamente bem pregada a burla.

Havia também o pensamento de construir meia-laranja com um eafariz e por cima do lago um *Santo António a prègar aos peixes*, com o fim talvez de envergonhar os proprietários menos ateneiosos à palavra de Deus que os salfos. É certo que não vingou esta pia sátira como vingara a pia fraude dos 36 por 20.

Barros Lima prometia, quando o snr. D. Miguel viesse, obter que s. majestade aceitasse ser juiz perpétuo da confraria de Santa Quitéria e bem assim promover a entrada da maior parte dos officiais legitimistas, cedendo eada um seu dia de sòlido a favor das obras. Que dispendiosa laracha para os officiais irmãos da confraria de Santa Quitéria!

Ergueram-se, porém, tamanhos embaraços que os devotos das nove irmãs desistiram, abandonando as obras que permanecem como principiaram porque, diz amargamente profundo o snr. padre Casimiro — o *progresso desta gente é o do caranguejo.* Com efeito, se as capelas não se fizeram, uma nação que assim anda às arrecuas é uma caranguejola de caranguejos.<sup>1</sup>

---

1 Assim como se diz *ostreira* a um viveiro de ostras, é bom se diga *caranguejola* um viveiro de caranguejos.

\*

Além do impedimento canónico — o uso de armas em guerra civil — que o inibia de dizer missa, padre Casimiro estava pronunciado em Vieira como amaldado com ladrões. Era uma calúnia. Ladrões não faltariam nas joldas do ex-Protector das 5 chagas; mas o padre mais uma vez dissertara excelente moral contra os bandidos.

Esteve, pois, dez anos sem poder exercer o sacerdócio na parte mais gananciosa — a missa, a confissão, os mortuórios, etc. Hostilizavam-no implacavelmente, na relação arquiiepiscopal, os padres liberais de Braga, mas afinal, com a protecção de outros padres legitimistas e especialmente do general Francisco Xavier Ferreira, pôde obter licença para sacrificar, e a despronúncia dos aleivosos delitos. Há uma coisa rara e grande neste livro: é o vulto venerando do general Ferreira, protegendo e salvando o caudilho das guerrilhas que lhe enviara do Bom Jesus as vacas e algumas balas sobre os seus soldados. Aquele homem de aspecto duro e antipático escrevia ao padre homisiado, oferecendo-lhe o agasalho da sua casa no Pôrto, onde seria tratado como filho. ¿ Porque não perdôa padre Casimiro a todos os liberais, por amor daquele santíssimo homem ? !

Começaram a chegar-lhe do Brasil boas encomendas de missas, umas de 480 réis, outras de cinco tostões, e até de dez tostões disse algumas que nunca cessaram, no decurso de vinte e tantos anos. Esta forte exportação de missas brasileiras inculca ser lá muito diminuto o concurso ao género. Eu tenho scismado como é que a alma que se despediu do corpo no outro hemisfério, em Je-



quitinhonha, por exemplo, é sufragada por antípodas no concelho de Felgueiras, a milhares de léguas de distância ! Deve ser engenhosamente complicadíssimo, no ministério da justiça divina, o organismo da repartição geográfica das almas em purga, com os seus respectivos nomes e apelidos para se não darem equívocos importantes — podendo acontecer que uma missa de dez tostões, moeda forte, seja averbada por engano a uma alma que não deixou um níquel para sufrágios !

Com estas missas e outros emolumentos clericais, conseguiu padre Casimiro construir uma casa *no sítio mais lindo e saudável do Minho*. Denominou-a o jubilosó proprietário a *Casa da Alegria*, donde *desfruta a vista deliciosíssima pelo menos de sete freguesias, e parte pelo menos de mais cinco: terreno*, prossegue o ditoso possuidor, num bucólico enlêvo, *que compõe um jardim extensíssimo, galante e ameno, como nenhum fidalgo de Portugal goza, sem com elle gastar um rial, por estar repartido por milhares de moradores que o cultivam à sua custa...* Tudo isto denota exuberância de facécia e contentamento, que na mesma página é revezado por uns assomos de tristeza com palpites de vir a morrer de fome. Desgraçado dualismo humano !

Depois de atribuir a nossa Senhora a sua felicidade mundanal — os bens terrenos, para com elles poder *conseguir o céu e defender-se dos continuos ataques do diabo e seus emissários* — parece que sua reverendíssima, fiado nas missas e na protecção divina, deveria recear mais as indigestões que a fome. Queixa-se, porém, dos pedreiros-livres que tem feito arrefecer a fé; que já não se fazem endoenças em Felgueiras e os enterros de esmola maior são já rarísimos, «consistindo



todo o luxo em acompanhamento de seculares com tochas apagadas;... e missas gerais de esmola crescida mais raras ainda apparecem». Daí o terror da fome.

Efectivamente as pompas litúrgicas e cultuais desceem num decrescimento lógico. São as deslocções da civilização, fases fatalíssimas da peregrinação do género humano através das religiões que êle faz e desfaz, assim como o temor fizera os deuses:

*Primus in orbe deos fecit timor...*

Quando na Itália dominou a ingênua e singelíssima religião de Jesus, os imperadores romanos por mais esforços que envidaram não conseguiram restaurar o culto dos ídolos. A rainha Maria, filha de Henrique VIII, também não pôde repôr o culto católico na corrupta magnificência anterior ao rompimento de seu pai com a idolatria romana levada ao politeísmo dos 30:000 deuses convertidos nos 30.000 santos das cristandades. *As ruínas de uma casa podem reparar-se; as do culto não se restauram*, diz P. L. Courier. A *Carta VII* deste panfleto incomparável ensina o processo de restabelecer o culto da religião católica esmorecido, não pela luta, mas pela indiferença: *Au lieu de gagér les prêtres mettez-les en prison et défendez la messe; demain le peuple será dévot.*

Noto, porém, que, a pag. 247, recomenda padre Casimiro a devoção diária do responso a Santo António e o rosário de nossa Senhora. *E acrescento*, afirma êle, *que, cumprido isto, não faltarão os recursos necessários para viver e todos os negócios correrão certos, por que o Santo se constituirá procurador geral.* Se isto é sério, logo que tôdas as nações de comum acôrdo se entreguem



às camáldulas e ao responso, todos teremos não só o que precisamos, mas até a próspera resolução dos nossos negócios. E acabou-se o proletariado — o cancro roaz das entranhas do género humano. ¿ Santo António garante-lhe os recursos necessários para viver e o bom andamento dos seus negócios? ¿ que mais quer o padre? Se com um responso eu arranjo uma diária suficiente e além disso enfiio todos os meus negócios direitinhos, isto é melhor que ser conselheiro do tribunal de contas — uma pechincha, sem concurso, sem instrução primária e sem o patrocínio do deputado local. Pior seria se os governos liberais se lembrassem de tributar os responsos de Santo António.

Não obstante a sua fé fortalecida pelo contraforte dos bens materiais, diz o snr. padre Casimiro: «*Se Deus nos não aeode brevemente, pelo menos nós os padres temos de morrer de fome.* Receia que Deus não aeuda oportunamente a êste péssimo estado de coisas. Também não apela confiadamente para a reforma pelo milagre ordinário, quando a página 303 declara que *só Deus pode valer ao mundo, mas por um milagre nunca ouvido.* Os milagres conhecidos e triviais já não servem para tirar a limpo una situação que possa garantir aos padres vituálhas copiosas e restaurantes. E acrescenta com uma justiceira sinceridade humorística, muito para cauterizar a consciência cancerada de tabeliães, advogados e médicos: «Por tôda a parte se grita que os padres estão caríssimos por aceitar o que se lhes oferece... e ninguém se queixa dos cirurgiões ou médicos, dos advogados e tabeliães que reduzem à miséria ôs que tem a infelicidade de lhes cair nas unhas. Os cirurgiões em tôda a casa onde sentem que rilhar exigem logo uma junta para cada um dizer: — eu conformo-me

com o colega, e apenas sou de parecer que misture na receita um bocado de chicória ou ruibarbo — e no fim, em vez de duas, três ou quatro coroas, que levam pelas visitas comuns, exigem uma libra por assistirem a esta brincadeira de conluio, e contra êstes ninguém grita. O mesmo que acontece em Portugal, observa-se em tôdas as nações onde impera o maçonismo, e, por isso, se Deus nos não acode brevemente, pelo menos nós os padres temos de morrer de fome.»

Sim: pelo menos os padres. Tabeliães, médicos e advogados parece que hão-de rebentar de fartos, — castigo único, a meu ver, que a Providência lhes há-de infligir.

¿ Não basta, pois, aos padres o responso de fr. António de Bulhões? ¿ E mister que os fiéis supram alguma negligência do santo? Sofra o clero reportadamente as mesquinhas dos mações, e lá virá tempo em que os sovinas, os médicos, advogados e tabeliães do público, judicial e notas saltem no inferno os conhecidos pulos. Bem lho disse inútilmente o prêgador Barlette: «Irmãos caríssimos, ¿ quereis saber como se vai ao céu? Vos *quæritis a me, fratres carissimi, quomodo itur ad paradisum? Hoc dicunt vobis campanæ monasterii.* Os sinos do convento vo-lo estão dizendo: *dando, dando, dando.*» Vê-se que o badalo, na linguagem portugueza, dá o mesmo som da latina: *dando, dando, dando.*

\*

Vamos entrar no *Epistoldrio*.

Afóra pessoas menos graduadas, os destinatários das cartas do padre Casimiro são D. Maria II,



D. Miguel I, António Ribeiro Saraiva, Silva Tavares — *Sacra-Família*, generais Bernardino Coelho e Xavier Ferreira, D. Miguel II, Pio IX, Imperador de Alemanha, bispo do Rio de Janeiro, D. Carlos VII, D. Margarida de Bourbon, D. Afonso de Bourbon e D. Maria das Neves.

Nem Vitor Hugo, o mortal mais apistolar que se conhece, tem escrito a tantos príncipes!

Da carta à rainha já dei as notas essenciais, deixando ainda larga margem para os comentários do leitor estudioso. Quem leu as cartas do padre escocês Knox a Maria Stuart reconhece que a história de Inglaterra não abriu sulcos estéreis no cérebro do padre português.

Seguirei à ordem das missivas importantes.

Ao general Bernardino, que aderira à Junta, pede que o proteja na perseguição que lhe fazem os setembristas armados. Compara a sua terra aos *cristãos da primitiva*, depois da morte do Salvador; — que os soldados comem todos os salpicões e galinhas, como as trezentas raposas de Sansão, e ameaça a Junta de voltar às armas, se ela não lhe retirar de Vicira os sirzinos, ali enviados de propósito para o desfeitearem.

Seguem-se quatro anos de silêncio. Presume-se que seria esse longo período o mais activo da perseguição.

Em setembro de 1851, escreve à *Assembleia legitimista de Braga*, lembrando-lhe que *oferecera o seu sangue em defesa da religião*, cinco anos e meio antes. Este ofertório de sangue é uma figura que vai ter copiosa efusão por todas as cartas do reverendo holocausto... a seco. Não consta, porém, que vertesse gota daquele licor importante. Sabe-se quanto ele foi sempre refractário à idéa da sangria, e nunca ninguém o viu no ofertório de



sangue sem ter a sua clavina engatilhada para metralhar os sacrificadores na ara expiatória. Bem haja êle. Para isso pedia ao general Ferreira que lhe obtivesse licença de usar armas defensivas. Nessa carta, sente não poder ir pessoalmente à Assembleia legitinista dar o seu voto, por que tem mêdo que o acabem; mas, se fôr necessário, não duvída expor a vida.

Em outubro de 1851 envia à *Nação* carta de *parabens pelo casamento do snr. D. Miguel I.* Levanta, como convinha, extraordinariamente o estilo. *Já o sangue dos inocentes, exclama êle, que foram esvaziados do principio vital pelo punhal da liberdade subiu ao trono do Altíssimo.* Em consequência dêsse repuxo de sangue, o anjo Rafael desceu e inculcou ao anjo Miguel a jovem princesa com quem casa. Feito isto, a sorte dos rrealistas mudou; vai cair a Carta, isto é, o *código infernal do Nabucodonosor do Brasil*, e a princesa vai propagar a *descendência. quâse extinta da régia estirpe.*

Puxando sempre pelas guitas do estilo, trata de entoar cantares ao Deus de Israel, como um judeu de raça — um hino dos dois doutores Santo Agostinho e Santo Ambrósio, contemporâneos, como se sabe, de Jeová. Depois, lembra-lhe se será mais próprio cantar o cântico *Trium puerorum*, entoado na fornalha de Babilónia; finalmente, melhor avisado, assenta que se entõe o hino de Moisés, na passagem dos israelitas pelo mar vermelho. Não se sabe qual foi a opinião do Bruschy, de João de Lemos e de D. Jorge de Locio a respeito dos três cantares. No arrôbo da cantiga, o padre diz à *Jerusalém aflita que enxugue as lágrimas*, que D. Miguel vem af na próxima primavera, o mais tardar, março. Ele o diz com imagens asiá-



licas: depois de passar o inverno e cessarem as chuvas, depois de aparccerem as flores e chegar o tempo da poda, quando na terra se ouvir a terna voz da rôla.

Em 29 de novembro escreve ao snr. D. Miguel I congratulando-se pelo seu casamento. Recorda-se de ir atrás de sua majestade para o Bom Jesus, em Braga, com outros inocentinhos — este gaiato costume de todos os rapazes atrás das pessoas reais. Declara-lhe que *tem razões para supor* que foi ele o principal ministro que, em 1846, Deus escolheu para mostrar aos bárbaros opressores que *ele é o mesmo Deus forte que no campo de Ourique batalhou ao lado do grande Afonso*. Diz que naquele ano *ofereccra o seu sangue*; mas, o certo é que se via perigo de lhe aceitarem o ofertório, fugia com o sangue pelos telhados de Braga, e servia-se de ardilosos embustes para evitar o derramamento das suas artérias.

Queixa-se da Nação e do Portugal, gazetas legitimistas, que lhe não dão importância, e promete viver homisiado até el-rei regressar ao seu trono; porém, como D. Miguel não chegasse com o terno gemer das rôlas, tratou de arranjar liberdade mediante um general liberal, e construiu, à sombra da liberdade, o seu delicioso *chalct da Alegria*. Incute no rei desconfianças quanto à fidelidade de alguns membros da Ordem secreta de S. Miguel da Ala. Acha incrível que a êsses traidores se dêem os graus principais da ordem, e que venham a ser êsses os colocados por el-rei nos empregos mais importantes, com desprêzo dos mais dedicados e prestantes servos de sua majestade. Diz que os grandes *estão degenerados e esquecidos da honrosa estirpe*, e foram os mais culpados nas traições que motivaram o exílio do rei. Está na escola



intriguista dos seus mestres D. fr. Alexandre Lôbo, e fr. Fortunato de S. Boaventura, o do — *Punhal dos Carcundas*. Padre Casimiro, receoso de ficar sem mitra, vai apunhalando confidencialmente os próprios correligionários.

Esta carta foi por via de António Ribeiro Saraiva, a quem o padre diz que *ofreceu o seu sangue em defesa da justa causa*, etc. Honra lhe seja feita: nunca diz que *verteu*; é sempre que *ofreceu*.

D. Miguel respondeu-lhe de Langenslebod, mediante o seu secretário *Sacra-Familia*. Asseverou-lhe que os empregos não-de ser dados aos verdadeiros serviços; que os dele padre jámais serão esquecidos: e recomenda-lhe que *promova a santificação de todos os portuguezes sem excepção*. Esta carta de el-rei sacudiu o padre em tamanhas exultações que o adoentaram, privando-o de dormir muitas noites. Diz êle: *passaram de oito em que não pude pregar olho, e só depois comecei a conciliar o sono, engolindo por vezes bocados de cânfora*. Não scria antes a ténia? Eu também tenho usado cápsulas de cânfora não para acalmar febres de júbilo, mas para aplacar rebelliões de lombrigas. Nas violentas nevroses de alegria, o espojar-se a gente está mais aprovado que a cânfora. Este sedante anafrodisíaco seria bom que os padres minhotos, inimigos figadais de Malthus, o usassem contra a satiríasis — uma epidemia que pode considerar-se o floxera da vinha do Senhor.

Depois que dormiu, padre Casimiro escreveu ao *Sacra-Familia* períodos de uma envergadura bélica a espirrarem faíscas de entusiasmo e ânsia de batalhas. *Não haja receio, exc.<sup>mo</sup> snr. Quando nas montanhas do Minho retumbar o som terrível da trombeta do Arcanjo, e no relógio da Providência bater a hora fatal em que o nosso Deus mande*



*dar a última e decisiva batalha aos réprobos, que mandaram edificar no inferno o impio sistema da chamada constituição moderna, conhecerá v. ex.<sup>a</sup> os descendentes dos bravos que pcelejaram às ordens do grande Afonso, e verá então (se Deus nos não faltar) como em cras remotas foi possível que um punhado de portugucses desbaratasse as inundações dos mouros e castelhanos que secavam as fontes e cobriam os vales.*

Era o padre José da Silva Tavares um erudito que fundara em França o célebre colégio de *Fontenay-aux-Roses*. Deviam engasgá-lo froixos de riso, quando lia ao príncipe esta carta em que padre Casimiro estofava parágrafos piegas deste feito:

*Todo o povo se inflamava tanto com a minha presença que em umas partes me recebia com aclamações debaixo de nuvens de flores; em outras ao som de um hino camponés que se inventou por meu respeito e que correu por toda a provincia, e em outras com lágrimas de alegria que corriam de todos os olhos.* As mulheres de Salamonde elegeram entre si algumas autorizadas a obrigarem os maridos covardes a ir para o fogo. Que maridos! e que boas companheiras do lar o snr. padre Casimiro excitava à rebeldia com os seus elogios! Um bom padre moralizador diria aos maridos que refrigerassem as escandecências políticas das espôsas com algumas fricções de estadulho e bálsamo tranqüilo de valentes pontapés.

Promete apresentar-se às portas de Lisboa com 100:000 combatentes e colocar no trono D. Miguel. Tenciona levar consigo missionários que preguem a contrição e confessores que absolvam, para assim o povo e mais ele fazerem a penitência que Jonas aconselhou aos Ninivitas. Por essa ocasião



declara, talvez para não assustar D. Miguel com as despesas, que em todo o tempo que dirigiu a revolução apenas recebera 30\$000 réis com que comprou seis arrôbas de pólvora. Lapso de memória. Noutra parte (veja pag. 100) declarou que recebera 72\$000 réis, como consta da sua honrada declaração no *Periódico dos Pobres*. Se vai assim adelgacando o fio do milagre, pode parti-lo por ser ser milagre de inais. *Nequid nimis*. Por fim, manda dizer a sua majestade que cá fica promovendo a santificação de todos os portugueses sem excepção. Esta promoção santificante produziu talvez no Minho uma nova fornada de 11:000 virgens de ambos os sexos que passaram pela roda.

\*

Escreveu à *Nação* quando faleceu D. Miguel. Historiando o génesis dos liberais, vai busear-lhes a raiz à manada de porcos endemoninhados que, por ordem de Jesus, se preeipitaram no mar, donde saíram poueo a poueo, apossando-se dessa raça maldita que hoje atropela as pessoas de bem. A funérea comemoração à morte do príncipe tem estes traços elegíacos: *Que os liberais ou mações, segundo o sistema ímpio do liberalismo ou maçonismo, estão possessos dos demónios por que se revoltaram contra Deus, ninguém de boa fé o pode duvidar ou negar. Eu porém, observando as suas obras e doutrinas, não posso convencer-me que eles estejam possessos de todos e quaisquer demónios indistintamente; mas só de todos os demónios que entravam nos porcos e dêles saíram por se terem afeito às obras de porcos e comunicarem o seu gosto aos seus possessos; por que na verdade*



o seu obrar e discorrer é só próprio de porcos. Fez esta descoberta na demonologia católica.

Atauxiando a história com alegorias bíblicas, diz que o defunto snr. D. Miguel, *pequeno David*, saíu em 1824 «de cajado e funda» a combater as varas dos tais cerdos. Redige poéticamente, ao uso hebraico. O *cajado* no pulso da polícia da côrte chamava-se *cacête*, e a *funda* jogada pelo João Branco era a corda da estrangulação. As *môças de Portugal*, prossegue o poeta dedilhando o psaltério, como as *môças de Israel*, dançando e cantando em testemunho de alegria ao som de tambores e de sistros por toda a parte o aclamaram vencedor dos filisteus. Esta reinação das raparigas de Israel a dançarem, tirante os tambores e pandeiros, repetiu-se com o padre quando retirava das *Sete-Fontes*. Perseguido pelo inferno, D. Miguel-David foi para Austria correr as montanhas de Engadi. É notório como o infante lá por fora frequentou as montanhas, à imitação do foragido penitente David. Em resultado dessa penitência feita nas montanhas, Deus sentou-o no trono luso (1828); mas como os portugueses eram réus de grandes pecados, Deus permitiu que os Semeis de Sines (1834) apedrejassem David, o qual, passando a torrente do Cedron, caminhou descalço até embrenhar-se nas campinas do deserto. ¿Está muito engenhosa esta parábola, não está?

A propósito dos nossos pecados, enervava na elegia espécies agrícolas correlativas: *Antes de nos empêcer a praga dos liberais os pedreiros-livres, havia todos os anos sem interrupção uma abundância tamanha de vinho, castanhas do ar e de todos os mais frutos, e todos saborosíssimos, que o vinho que sobrava do jantar não se aproveitava para a merenda, nem o da merenda para*



*a eeia: agora aproveita-se o tirado de oito dias e de mais.*

Estou a ver o padre com a caneca vazia entre as mãos, a espreitar-lhe o fundo, com o gesto amargurado de Hamlet contemplando no cemitério o crânio de Iorick! Relata que, em tempos felizes, se vendera em Margaride a pipa de vinho a 1\$200 réis, e em 1878 se chegara a vender a catorze moedas. Suprema calamidade para o lavrador vender por 67\$200 o vinho que vendia em tempos prósperos por um quartinho! Se há alguém mais infeliz que o vinhateiro são os bêbados.

Esta alta no vinho vem como prova de que, desde 34, Deus amaldiçoou Portugal. *Foi desde então, exclama o padre, que o céu que está por cima de nós se tornou de bronze e a terra que pisamos se tornou de ferro. Foi desde então que nos temos visto na última miséria... com fome, com sede, com desnudez e com falta de tudo.* Que diria padre Casimiro, ingrato ao responso de Santo António, se não possuísse a sua *casa da Alegria*, edificada com missas caras, e sobranceira a um panorama de sete freguesias e mais parte de cinco! Ele nos contou que pôda os seus vinhedos e cultivava os talhões das suas hortaliças, com um sabor patriarcal de geórgica; pois agora nos diz que tendo morrido o sr. D. Miguel, *terá de comer até à morte o pão com lágrimas de amargura e que há muitos anos pendurara como os cativos de Babilónia a sua harpa nos salgueiros, e se assentara a ehorar junto aos rios, lembrando-se da sua antiga Sião.* Quanto às *lágrimas de amargura*, quem bebe o azêdo vinho verde de Felgueiras, torna-se refractário aos amargos como Mithridates aos venenos. Acontece, porém, que os padres do Minho em geral preferem ao apresigo das lágrimas comer



o seu pão com lombo de porco ou com fritada de chouriço e ovos; e apenas poderão experimentar nas oftalmias a acidez do muco lacrimal. Quanto a dependurar a harpa nos salgueiros, isso bom foi, por que produziu uma benigna esterilidade nos sonetos de província. Os poetas, sentados à ourela dos rios, quer a pescar à cana, quer a chorar, podem ser idiotas; mas não perpetram o delito de alinhar consoantes com o projecto homicida de quem carrega revólveres de dez tiros.

Na cerração da sua angústia, preluz-lhe a esperança em D. Miguel II, *inclito filho do David* defunto. Espera que êle seja *outro grande Salomão cujo govêrno fará admirar todos os povos da Europa*. Este advento estava profetizado por uma *santinha de Itália*, Ana Maria Taigi. Ele virá *regar a nação mais briosa e mais valente do mundo que já deu leis à terra*. Isto parece um plágio dos brindes de seu vizinho *Eusébio Macário*. Conclue padre Casimiro os seus trenos, contando que os liberais, como soubessem que se iam fazer exéquias solenes em Margaride, *começaram a dar um cavacão*. São favas contadas. Coisa que êle fizesse ou dissesse, os liberais davam logo um cavacão.

\*

Imprimiu o snr. padre Casimiro em 1871 um *Protesto contra a sacrilega invasão de Roma e a apreciação da liberdade liberal*. Este opúsculo, com as suas dedicatórias particulares, enviou o autor a vários príncipes, ao pontífice e a prelados. D. Miguel II é o primeiro contemplado. O segundo é Pio IX.

O folheto profliga rijamente os mações. Os



epítetos de que usa para adjectivar variadamente os pedreiros-livres — variedade necessária à beleza da composição — tem esta doçura apostólica: *ladrões, ímpios, salteadores, incendiários, assassinos, e salteadores de porporções colossais*. Pio IX que havia sido mação, e com certeza não fôra salteador nem ímpio, devia sentir-se da insolência com que o português lhe desfechava calúnias obliquamente. No *Jornal do Comércio* de Lisboa de 12 de fevreiro de 1876, e no *Grande Dicionário português*, sob a direcção de Fernandes Costa, art. *Maçonaria*, pag. 344, encontra-se o seguinte documento, extraído do *Popolo*, jornal de Génova: «Oriente de Nuremberg, Respeitável Loja «Fidelidade Germânica», filha da Grande Loja de Baviera, com letras de constituição da Grande Loja Mãe: Os três Globos de Oriente de Berlim. Possuimos nos nossos arquivos, sob n.º 13:715 o seguinte documento, certificado e autenticado em devida forma, escrito em italiano, e munido do grande selo da Grande Loja «Luz Perpétua», no Oriente de Nápoles. Respeitável Loja «Eterna Catena», oriente de Palermo. Nós, mestres e oficiais dignitários dos três graus maçónicos de S. João: certificamos em nome do Grande Arquitecto que dirige tudo, que hoje à meia noite reecemos nesta loja com todas as formalidades prescritas pelo ritual e com completa obediência às prescrições da ordem, o irmão João Feretti-Mastai, natural dos Estados Pontifícios, o qual, depois de ter prestado juramento em presença de nós todos, afirmou não pertencer a sociedade alguma secreta, além da nossa loja; e pagou os direitos que correspondem ao seu grau. Por consequência, ordenamos a todas as lojas maçónicas do universo que o reconheçam como verdadeiro e perfeito mação, recebido



numa loja regular e perfeita, por que assim o julgamos e testemunhamos como pessoas conscienciosas e honestas. E para que este documento seja tido como verdadeiro, nêle pomos as nossas assinaturas. Em Palermo, na primeira quinzena do mês de agosto do ano profano e civil de 1839. — Ne varietur. *Giov. Feretti-Mastai*. — O venerável da Loja, *Matheo Chiavo*. — O secretario da Loja, *Pauto Duplessis*. — O grão-mestre na Grande Loja de Nápoles, *Sixto Calano*. — Eu abaixo assinado certifico que tudo o que fica aeima relatado é exacto, e que este documento existe nos arquivos sob o número supra-mencionado. *Guilherme de Wittelsbaeh*, Grão-mestre da Grande Loja da Baviera (Príncipe da Baviera)».

Contestou-se a autenticidade d'este documento; mas os pedreiros-livres mantiveram a veridicidade d'êle, fundados nas formalidades autênticas em que o encontraram; e alegaram que Pio IX, no começo do seu pontificado, proeclera harmónicamente com os alvitres da maçonaria.

Parece, pois, que o opúseulo virulento do sr. padre Casimiro José Vieira não devia ser extremamente agradável a *João Feretti-Mastai*.

O mesmo aconteceria com o imperador de Alemanha, Grão-Mestre da Maçonaria no seu império. Mas onde iria o imperador descortinar em Alemanha um tradutor que lhe fizesse sentir a grandeza épica d'este período: *Não ouvis, senhór, os sibilos medonhos, que dá na ilha dos antigos pescadores a hedionda serpe, que decidiu reduzir a cinzas todos os monumentos da admiração dos homens, e assassinar todos os monarcas do mundo e todos os proprietários do universo ??? E não vedes como em altas lavaredas, por ela excitadas, já ardem as extensas e espessas matas da Argélia ??? Não*



*vedes como a furibunda Internacional, última expressão do liberalismo ou maçonismo, toma vulto de gigante e que antes de pouco vos será impossível abarcá-la ? ! !*

Posto isto, recomenda-lhe que, auxiliado por Bismark e Moltk, cumpra a tarefa de que Deus o incumbiu de repor nos seus tronos os monarcas legítimos e de preferência Pio IX. Pede-lhe êsse favor.

Padre Casimiro sabia perfeitamente que o imperador não era católico; parece, porém, confiar ao seu opúsculo a conversão do hereje. Infelizmente, Guilherme, por ignorar a língua portuguesa, está ainda fora do grémio da verdadeira religião, e os monarcas legítimos continuam dentro da igreja, mas fora dos seus tronos.

\*

A carta a *Carlos VII* tem instruções estratégicas bastante aproveitáveis neste ciclo que vamos atravessando de guerra acelerada, exterminadora, em manobras instantâneas. Esta carta coincidiu, mais ano menos ano, com o aparecimento do *fuzil Mauser* na Prússia, com a *carabina Chassepot* dos Ulanos, com a *espingarda de agulha, à Landsturm*; e o *revólver-Scharp*, e a *pistola-Werder*, e a *espingarda Ramington* e a *Springfield* e a *Enfield-Snider* e a metralhadora — tudo métodos de matar abreviados para uso da humanidade civilizada, adicionando-lhes para completo regosijo a peça de Ferris, de Blakley, de Wetworth, de Perusns, de Pavrott, de Freadrel, e o Armstrong, e o canhão-revólver Hotchkiss.

D. Carlos, como sabem, florescia, em terras de Espanha o estandarte do absolutismo com



fortuna adversa. Em meio dos seus desalentos, leu, tarde talvez, alguns períodos de uma carta do snr. padre Casimiro, datada em 12 de maio de 1874. Depois de lhe oferecer um caderno de receitas terapêuticas para curar os seus valentes voluntários feridos, acrescenta: «Proponho últimamente à consideração de vossa Majestade a lembrança que ao nosso falecido Rei o snr. D. Miguel I propôs em um plano de restauração da monarquia legítima o meu vizinho e íntimo amigo snr. António Joaquim de Barros Lima, que militou como voluntário legitimista e como oficial em tôda a guerra de Portugal desde 1828 às ordens do distinto general D. Alvaro, até 1834, assim como em 1846 e 1847, e que está designado para comandante de brigada. E consiste ela em armar de revólver e roçadoura uma ou duas companhias em cada batalhão, para substituírem a cavalaria, e baterem-se com ela, e, principalmente, para nas cargas a ferro frio decidirem as batalhas com mais rapidez e segurança que os botes da baioneta.

E explica:

«A roçadoura é a mesma fouce de podar as videiras, mas com ponta aguda na direcção das costas, do tamanho de meio palmo acima dela, para poder cortar para o lado, e espetar para a frente, encaçada em um pau da altura de um homem, como a figura aqui desenhada ao lado. O manejo desta arma é o mesmo do jogo do pau, pegando-se dela com a mão esquerda, e com a direita no meio d'ele para o lado da fouce, ficando o ombro direito em frente com o inimigo. Para saber o manejo dela basta aprender a dar um passo para a frente e para a rearguarda, já por um lado já por outro, dando de cada vez, junta com o passo,



«uma volta de roçadoura em redor do corpo e por cima da cabeça para se cobrir das pancadas inimigas, como no jôgo do pau quando se faz varriamento; e acrescentando em cada passo, quando o ombro direito fica para o inimigo, uma pontada para a frente ou para êle.

«Um qualquer dos vossos Navarros, armado de roçadoura, e estando bem convencido da firmeza, serventia e efcitos desta arma, pode arrostar com cem republicanos, nas cargas a ferro frio, e até com os cavalarias ou lanceiros, devendo procurar-los sempre pela esquerda ou frente do cavallo, por que por una e outra parte alcança pouco tanto a espada como a lança, e o rocena pode espetar o cavallo pelo peito, ou cortar-lhe as pernas, ou os quexios, ou as rédeas.»

Afirmar que êstes conselhos respiram a mansidão de Jesus parece-me temeridade. O snr. padre Casimiro não pretende inculcar, penso eu, êstes expedientes dilacerantes a Carlos VII como linimentos balsâmicos de paz, de caridade, de submissão ao destino impreterível das nações e aos desígnios da Providência. Nesta carta, o coração do padre católico pulsa oprimido pela couraça do vêlho general das «Sete Fontes». O temperamento do montanhês de Vicira espirra borbotões de sangue e froixos de bilis. Arqueja em estos de paixão vingativa o bravo lidador vencido pela fortuna sinistra da guerra e excruciado pela hepatite crônica. Como padre, é irresponsável, porque a natureza restaurou nêle o homem biológico, o político, o valente; e a velhice inerme, com tôda a sua cacoquimia de raivas senis, expede da garganta do leão prostrado êsses rugidos temerosos.

Aí está uma vítima do meião. Esse homem, se o acaso lhe deparasse na juventude a carreira



das armas num país aguerrido, seria a esta hora um marechal de campo reformado, laureado de cicatrizes, ou teria uma estátua mostrando à posteridade o seu peito de bronze impávido aos pelouros, às baionetas e talvez às fouces roçadouras.

Posto de parte o ministro de Deus misericordioso, o apóstolo de Jesus que poupou a Malco a segunda orelha, — desculpado, emfim, o levita como um artifício que a natureza repulsa quando a paixão desenfreia as convicções sociais, muito há que admirar nesses alvitres da arma, já usada, mas esquecida na arte da guerra. A fouce roçadoura, *podendo cortar para o lado e espetar para a frente*, não se encontra nas panóplias dos hunos e ostrogodos. A roçadoura aparece na idade do ferro, juntamente com a partazana: mas o gancho, *a ponta aguda na direcção das costas*, é invenção adicional que poderia exalçar um padre português ao nível do monge dinamarquês, fr. Bertoldo — que inventou a pólvora, usada scis séculos antes — se o conselheiro de Carlos VII não imputasse lial e magnânimamente o invento ao seu amigo brigadeiro Barros Lima, de Felgueiras

Ao snr. padre Casimiro, porém, pertence a lucidez com que lecciona o jôgo da fouce, passo para a frente, passo para a rectaguarda, já cortando os queixos ao cavalo, já as pernas, já espetando-o pelos peitos; e com tamanha vantagem que um só navarro pode arrostar a ferro frio uma carga de cem republicanos.

Todos nós, os que ainda temos juízo e detestamos a república, agradecemos a lembrança da fouce de gancho ao snr. padre Casimiro, e nos devemos munir cada um com sua para a hora da grande batalha que se espera. Já sei que eu, sozinho, passo atrás, passo à frente, posso dar num



cento de republicanos fouçada de criar bicho, depois de lhes espetar o peito ou cortar-lhes os queixos aos cem cavalos, acto que deve preceder o córte dos queixos dos cem cavaleiros correspondentes. Que o senhor D. Luís I se não arreceie dos demagogos sedentos do sangue dos Braganças e da gente séria. Que os cidadãos honestos, possuidores de inscrições e outros fundos, recolham fources de gancho; que se exercitem esgrimindo em família, pegando das fources com a mão esquerda junto à extremidade do cabo e com a direita no meio dêle, e passo atrás, passo adiante, *trapezape*, e era uma vez a república.

De modo que o intransigente partidário do sr. D. Miguel II, involuntária e inconsciamente, salva o governo representativo ameaçado, seja por quem fôr. Porquanto, se vem os republicanos ignaros no jôgo da fource, levam com ela; se vem os absolutistas, exercitados e armados com a mesma, já nos encontram a nós os ecléticos com um pé para a frente e outro para a rectaguarda, prontos a cortar-lhes os queixos dos cavalos e as orelhas dos donos indispensavelmente.

\*

Ao mesmo tempo, 12 de maio de 1874, escrevia à belicosa D. Margarida de Bourbon, felicitando-a por haver conquistado a corôa do tempo e mais a corôa da eternidade, afora a que os anjos lhe estão tccendo para lhe engrinaldar a régia frente. Envia-lhe também um caderno manuscrito de receitas para com elas aliviar os que sofrem, e além de tudo isso a *Maçonaria*, e a *liberdade liberal* — o fatal opúsculo.



Igual mimo liberalizou a D. Afonso de Bourbon: — corôa de glória tecida pelos anjos, receitas para os feridos — e o opúsculo.

Não foi menos ditosa a senhora princesa D. Maria das Neves, *filha do mártir de Heubach*. Envia-lhe a certeza da esmerada corôa que lhe tecem com o maior afan os anjos todos da pátria celeste, receitas — e opúsculo. Quatro exemplares farmacológico-terapêuticos para a mesma família. A ruína dos boticários de Espanha. O que êstes príncipes de-certo receberam mais mediatriz para as suas más noites históricas e nervosamente agitadas foi o folhêto.<sup>1</sup>

Precede êste folheto uma *Prefação* explicativa. É um *protesto contra o sistema da liberdade liberal ou constituição que Deus permitiu vicisse à terra como flagelo da sua ira para castigo nosso, e que tem arruinado o mundo, afogado em sangue uma porção enormíssima dos filhos de Adão e arrojado aos eternos abismos almas sem conta.*

Se a liberal constituição veio à terra enviada por Deus como açoute da sua cólera contra os pecadores, claro é que os liberais, os algozes, são instrumentos de Deus irresponsáveis; e, se o são, sacrilegamente procede o sacerdote fulminando-lhes censuras, injúrias, excomunhões e ordens de mar-

---

1 Os leitores enfermos podem adquirir a posse de um exemplar destas receitas que vem assim anunciadas na capa dos APONTAMENTOS: *Vai imprimir-se no mesmo formato desta obra, e em folhetos à parte, (que podem comprar-se nas mesmas casas em que ela se vende) uma collecção de receitas do mesmo autor muito experimentadas, para curar rápidamente com módica despesa e com remédios os mais innocentes, feitos em casa com poucas drogas, muitas moléstias reputadas geralmente de uma cura difficil.*



cha para a geena. Estes sujeitos não são políticos da esquerda nem da direita: são documentos biológicos, fisiologias escravas de transcendências incoercíveis, sem faculdades volitivas. Obedecem a expansões psicológicas como a bala à explosão da pólvora, e tem entre si atracções e repulsões automáticas como as electricidades — tudo para nosso castigo. Eles é que podem dizer afoitamente quando pintam a manta e fazem aí o diabo: *Deus est in nobis*.

Quando Jcová enviou a Sodoma e Gomorra os gládios de fogo, de-certo não houve um padre que insultasse os anjos da destruição. Os liberais são tam inconscientes e irresponsáveis como os anjos incendiários das antigas cidades corrompidas. Improperar, pois, com diatribes os liberais investidos de missão divina, é reincidir no delicto da impenitência e irritar a ira do Senhor com reacções sacrílegas. O nosso dever de peccadores é submeter as costas ao flagelo de humildade contrita: tanto importa que nos vibrem o tagante os regeneradores, como os progressistas, como os constituintes. Roguemos, pois, ao Senhor que, satisfeita a sua justiça ou raiva, haja por bem de repôr no palácio da Ajuda o snr. D. Miguel II, e no salão do parlamento um succulento refeitório de monges beneditinos, e no cais do Sodré e na Praça Nova algumas forcas.

\*

Teve duas edições este *Protesto*. Um jornal de Guimarães respigou, na primeira, em frases de causticidade voltaireana, os desconcertos principais. Padre Casimiro leu as facécias que podcriam fazer



ehorar um católieo menos ilacrimável; e, refutando-as com uma seriedade patológica, disse que a leitura delas lhe *despertara algumas barrigadas de riso*. Isto alegra-me, na certeza de que vou ter a satisfação de *despertar* também algumas timpanites de riso na barriga hilariante do festival teólogo.

\*

Direi agora sucintamente do opúsculo enviado aos príncipes, e reimpresso nos APONTAMENTOS com recheio de notas. Invectiva os liberais que primitivamente se chamaram *manicheus*, depois *pedreiros-livres*, e por último *revolucionários*. Já o Espírito-Santo, há dezoito séculos, lhes chamou *demônios* e outros epítetos deseortescos pela bôea de S. Paulo. Padre Casimiro faz estendal das injúrias de Saulo, — raivosas como as insolências de todos os apóstatas — desfechadas contra os ímpios que hoje dominam pela maçonaria, isto é, os partidários do regimen representativo; e tanto lhes quadra a nomenclatura afrontosa do santo, que o presbítero não hesita afirmar ser assim que o *Espírito-Santo designa os tais ratões liberais*. Ora, o Espírito-Santo havia-lhes chamado tudo, menos *ratões*. Noutra página, para os variar de sexo, chama-lhes *ratazanas*, o padre. E, como S. Paulo os qualifica de desamoráveis, *sine affeccione*, o intérprete do «Vaso de eleição» manda acautelar as mulheres — *que fujam dêles às léguas por que são os partidários do easamento civil*. Se acontee êsses homens exercitarem a caridade por amor ao próximo sem consagrarem ao amor divino essa virtude tôda humana, o teósofo com uma interrogação penetrante, exclama: *que tais são os mel-*



ros ? É preciso que o esmoler faça a caridade usuáriamente, como um Schilock, com a mira posta na ganância do céu. Se faz o bem por compaixão do miserável, sem esperança de recompensa noutra vida, é *melro*.

Encontrou êle em uma epístola de S. Judas o profetismo dos liberais que se apartam em conciliábulos, *segregante semetipsos*. São os pedreiros-livres, os carnívoros à sexta-feira, os que ajoelham com uma só perna na igreja, enfim, *umas bêstas* que não tem de que se queixar do sur. padre Casimiro. Ele se defende da injúria arreMESSADA em primeira mão: *Não se queixem de nós por lhes chamarmos bêstas: queixam-se do Espírito-Santo que lho chamou antes de nós e já há dezoito séculos; por que já então os conhecia melhor de que nós agora. E latinizando: Animales spiritum non habentes*. De que são bêstas, vem ao propósito, justificando o epíteto, contar que há poucos anos, andavam os homens amantados de cobrejões de burros, e agora (referindo-se talvez aos *chales-mantas*) *andam com trastes de mulheres*. E acrescenta com um riso de troça sarcástica: *Mas que parvos !*

Pondera que a pena de morte foi abolida entre nós por que os legisladores se *julgavam dignos dela, e, se a lei penal vigorasse, podia tocar-lhes algum dia*. Eu já tinha suspeitado isto mesmo a respeito dos snrs. Mendes Leite e bispo D. António Aires. A êstes dois sujeitos necessariamente hancorejou-lhes a força pelo muito que se afadigaram em derrubá-la. Afirma, porém, o padre que *agora só se aplica aos rialistas*. É preciso acabar com esta excepção odiosa que já começa a fazer má impressão no público—o enforcarem-se rialistas tanto a miúdo. *Não quero a pena de morte para nenhum*



*cidadão português: oxalá que nunca mais ela seja executada sobre a terra. Não quero também penas perpétuas, por que até no fundo de uma prisão a nenhum desgraçado deve faltar o bálsamo consolador da esperança.* Isto dizia no parlamento de 1835 o sclerado Manuel Passos quando pedia com lágrimas que não se perseguissem os rialistas. Dissimulação. Manuel de Passos queria abolida a pena de morte para se desafrontar do palpite da força; mas os rialistas continuam a ser enforcados, como evangélicamente nos assevera o rev. padre Casimiro.

Perlustrando as criptas de abomináveis defuntos da história moderna, cita a morte horrenda dos perseguidores da religião. Cavour, Bruni e Marcadanti, mações e inimigos da igreja, morrem apopléticamente. ¿Quer o snr. padre Casimiro ver morrer do mesmo feitio um incorável perseguidor dos pedreiros-livres? Foi o arcebispo primaz D. José da Costa Tôres que mandava queimar-lhes as casas na Madeira e em Braga, por 1809. António José Maria Campelo, ministro de estado, falecido em 1851, fez-lhe o seguinte soneto:

¿Es tu Bispo ou Sultão? Tu que apregôas  
Cruel perseguição que jámais cansa!  
¿Es tu Bispo ou Sultão? Tu que a esperança  
Murchas nos peitos que de dor magôas!

Génio do mal! Aonde quer que vôas  
Levas o espanto, fartas a vingança;  
E sem temer a mão que os ralos lança  
Evangelho e calúnia a um tempo entôas!

Detem a fúria. O coração te engana.  
Se pensas que o trovão que os maus fulmina  
Já se apagou na dextra soberana;



Eis a morte... (e que morte o céu te assina!)  
Ai que escapaste da justiça humana,  
Para caír nos braços da divina.

Vê ? morreu apoplético o perseguidor dos maçons. Quer ver como pagou, roubado e assassinado, um dos denunciantes do Grão-Mestre da maçonaria, Gomes Freire de Andrade, enforcado em 1817 ? Chamava-se João de Sá Pereira Soares, desembargador e intendente geral da polícia no Pôrto. Em 1834 seguiu o exército até à Asseiceira; e, quando fugia com catorze baús repletos de ladroeiras, foi assassinado na fronteira de Espanha. Outro denunciante dos pedreiros-livres foi Pedro Pinto de Morais Sarmiento que morreu varado de balas no cêreo do Pôrto, ao serviço de D. Miguel. Apenas José de Andrade Corvó de Camões teve a morte do justo com todos os socorros da farmácia e da igreja. De maneira que não é fácil decidir quando a morte é teológica ou patológica.

\*

Tinha vaticinado S. Pedro uns «mestres de pêtas» *magistri mendaces*, para os quais reserva Deus *uma horrorosa escuridão de trevas*. Estes mestres de pêtas bem interpretados pela exegese bíblica do snr. padre Casimiro são os actuais professores dos liceus que reprovam os estudantes clericaes preguntando-lhes *curiosidades, só próprias dos caixeiros, e que à maior parte dos padres nem são necessárias em tôda a sua vida nem lhes servem de nada*. A tais mestres do liceu está reservada a *horrorosa escuridão das trevas*. Não euídem êles que a sua escuridão há-de ser clara, feita de trevas



*gris-perle*. Se alguém argüir o sr. padre Casimiro do pleonasma por chamar às trevas *escuras*, responda-lhe que o seu mestre de língua portuguesa é Luís de Camões, e cite-lhe a *est.* xxx do *cant.* v.

«Mas logo ao outro dia seus parceiros,  
 Todos nus e da cor da «escura treva»,  
 Descendo pelos ásperos outeiros  
 As peças vem buscar que, est'outro leva.

Quanto ao pleonasma, está justificado; mas o que me intriga é as curiosidades próprias de caixeiros que os mestres dos liceus perguntam aos ordenados. ¿ Seriam problemas da pre-história? ¿ a interpretação difícil de alguma inscrição egíptológica? ¿ em que ponto do firmamento fulgura a constelação da cabra Amaltea? ¿ a estética da escola pre-rafaelita inglesa? ¿ a importância do pâncreas na digestão? ¿ Se era tudo isso ou parte, o que havia aí importante como propriedade de caixeiros? Não ousou afirmar; porém pendo a crêr que as curiosidades próprias do caixeiro e inúteis ao elero seriam as duas operações aritméticas, *diminuir e repartir*, — um luxo de matemática, por via de regra, desnecessário aos vigários.

Assenta o teólogo investigador de raças que os liberais descendem dos judeus, e toda a perversidade lhes vem herdada de semelhantes avoengos. Padre Casimiro, sempre que pode, espumeja de raiva contra os israelitas. Isto deve ser uma bilis plástica de artista que lhe ficou desde o acampamento no Bom Jesus onde via a toda a hora aqueles judeus obscenos das capelas. Ele crê, talvez, que à exceção de Jesus, judeu circunciso, todos os outros semitas eram feios como aqueles de madeira que figuram na trágica facécia do Senhor do



Monte. Neste rancor aos israelitas, povo dilecto de Deus, quão longe está o snr. padre Casimiro do apóstolo por excelência! Veja a mansidão paciéntíssima com que S. Paulo diz aos de Corinto que cinco vezes fôra azorragado pelos judeus levando de cada vez quarenta tagantadas menos uma! (*Epist. 2.<sup>a</sup>, cap. XI, v. 24*). Do continuador de Jesus Cristo só lhe serviu a autoridade em profecias patetas.

X. Queria o grande José Agostinho de Macedo (o liberal furioso de 1820, ou o rialista energúmeno de 1824?) que se chamasse aos liberais, por suprema ignomínia, *malhados*; porém, o snr. padre Casimiro, mais adscrito ao Espírito-Santo que à côr das mulas de D. Miguel, opina que êles conservem o estigma ignóbil que S. Pedro lhes encarroou na testa, isto é — *liberais*, visto que êles prometeram a liberdade, *libertates promittentes*. E corrobora o seu alvitre com o de um grande filósofo português, dr. Vaz, o qual asseverou que *os liberais são piores que o demónio*. Os grandes filósofos portugueses dizem estas coisas e não chegam a ser conhecidos fóra da sua freguesia. Triste condição dos países insignificantes!

Pelos modos, os liberais são discípulos dos manicheus, que perderam êste nome para adoptarem o de «pedreiros-livres», *monstros afrontosos à natureza*, atascados nos esterquilínios de obscenidades que S. Círiilo não ousava exprimir; mas padre Casimiro, menos pudibundo, nos vai contando. Em uma cidade perto de Margaride havia uma casa onde se ajuntavam os pedreiros-livres: e alguém, espreitando pelo buraco da fechadura, *vira uma enfiada de camas mais bastas que num hospital*. Seria talvez um gineceu de educandas da *Deusa Boa*. Ai do padre, se lá entrasse, como



Públio Cláudio, disfarçado na alva túnica lasciva das *psaltrias*! (Consulte eruditamente *Juvenal*, sat. VI, *Plut. Cic. pró domo sua*, *Ovid. Ars amandi*).

Pessoa de maior crédito lhe contou que em certa casa de outra cidade também perto de Margaride, e em casa de família sua conhecida, *em uma reunião dos veneráveis e das veneráveis, à meia noite, apagavam-se de repente tôdas as luzes, e... quem pilhou pilhou, quem não pilhou pilhasse, que é a tradução do promiscui scxus et primi capientis.*

Se essas duas cidades anónimas, vizinhas de Margaride, tem ares de modernas Babilónias, ¿ quem sabe se isso que o sujeito espreitou pelo buraco da fechadura era o templo de Mylita — símbolo da natureza fecundante — onde as mulheres, à imitação das caldaicas, se reúniam todos os meses desavergonhadamente? — ¿ Seriam reliquias étnicas dos fenícios colaboradores da raça mixta luso-galega?

Quer fôsse em Braga, quer em Guimarães, aí é que eu queria ouvir trovejar pela bôca do leuita a profecia de Isaias, cap. XIII: *Babilónia, a nata do reino, o primor do orgulho caldeu, será como Sodoma e Gomorra, depois que Deus as assolou. Nunea mais terá moradores; nem os drabes armarão aí suas tendas, nem os pegurciros hão-de lá apascentar os porcos. Virão aí abrigar-se as bêstas-feras; as casas serão o valhaecouto das fúrnhas, ninhos de corujas que csvoaçarão por lá com os filhos. Animais ferozes se corresponderão bramindo, e os dragões arrastar-se hão por êsses castelos desolados. Sim, esta é a sorte que espera Guimarães e Braga, se não se fecharem quanto antes êsses estabelecimentos [obnoxios] que o informador do verídico presbítero espreitou pela fechadura da porta.*



Já em Basto há também um pouco de Babilónia. Basto, e especialmente Cabeceiras, andou sempre na vanguarda do progresso. Sá de Miranda cantava há trezentos anos:

Eu já vi correr pardaus  
Por Cabeceiras de Basto.

Aí se dizem, assevera o snr. padre Casimiro por lho referir outro padre, palavras lascivas diante de senhoras, e elas a regalarem-se de as ouvir e a puxá-las. *São estes os efeitos das assembleias nocturnas em que se ajuntam os diversos sexos que estão em moda nessas reuniões infernais.* Por esta redacção não percebo o que está em moda — se são os *diversos sexos* ou as *reuniões infernais*. Seja o que fôr, estas junções dos diversos sexos, pelo menos as dos dois mais conhecidos, são triviais mesmo em outras aldeias pela razão naturalista que dá o filósofo Lefébre: *l'instinct génésique rapproche momentanément les bêtes les plus solitaires*; e em outro lanço da sua filosofia positiva escreve: *Il faut combler les vides*. Bem percebe. Quer dizer que não se admite vácuo na natureza, e acrescenta: *Necessité ineluctable dont n'est pas exempt le plus étheré des metaphysiciens ou des idéalistes*. Mas metafísicos, elércos e idealistas em Cabeceiras de Basto, a não ser algum romântico Raul, bacharel petrificado, aí por 1850, na contemplação de uma prima que bordava chinelos de tapête e corações de missanga em talagarça preta, não se encontra um por aquelas terras. O certo é que semelhantes junções de sexos não se recomendam como requinte de limpeza honesta; mas, ~~emfim~~, é o que dá o *Carnet mondain* da Raposeira e o *The five o'clock tea* da Gandarela e os *Routs*



de Fafe. Vê-se, porém, que é essa uma gente rija, apostada a não sacrificar a sua carne palpável ao espírito intangível. É depois, bem sabe, se acontece não haver espírito — o que é vulgar nas terras scrtanejas — faz-se mister que haja equivalentes compensações na região subalterna do átomo, da fibra vibrátil, do glóbulo inflamado. Em fim, Babilónia — está dito tudo !

Pergunta o snr. padre Casimiro: *¿ Haverá homem de senso que queira para casamento mulher de semelhante terra sem haver primeiro escrupulosa inquirição sobre a sua vida e costumes ?* É de crer que não haja. Ninguém aceitará mulher de Basto sem vir documentada com certidão do pároco, do regedor e talvez da parreira. Cumpre que a noiva prove onde convier que se manteve insexual, na especialidade junções, até casar.

\*

Exemplificando o que seja um republicano, personaliza o *malvado Garibaldi com a sua enorme matilha de salteadores que tem sempre alimpado tudo por onde tem passado.* Em outro trecho chama-lhe — o *maior dos asnos.* Com referência a governos republicanos, repete o argumento dos Estados-Unidos, por que esta república não obedece a influências de lojas. Em bibliografia maçónica, o snr padre Casimiro revela uma ignorância louvável. A opinião pública nos Estados-Unidos é elaborada em 38 Grandes Lojas e em 4731 Lojas subalternas. Foi mal escolhido o exemplo de um sistema de governo independente da colaboração política das sociedades secretas. É muito mais sensata a sua crítica sobre impostos e empregados



públicos. Ele conheceu, há poucos anos, alguns desses empregados, uns *filantropos de socos, sem meias, de jaqueta e chapéu velho*; e agora andam aceados *que nem uns descambargadores, gordos como nabos, vermelhos como pimentos, falando de papo, e com sua senhoria ou excelência, a escolher, por que estamos na época das excelências que não tardarão a dar-se aos cães e aos gatos.* Ele conhece em Felgueiras estes *gommeux raffinés*.

Declara como é que o ouro e a prata do país caíram nas algibeiras desta gente. Os governos, para chamarem a si e aos seus pedreiros-livres o capital, vendem uns *papelitos pintados*, que se chamam *Inscrições*; e a maior parte dos tolos, afinal, ficarão sem vintém. É provável que fiquem. Mas padre Casimiro tem grande esperança no imperador da Alemanha, conquanto seja protestante e maçã, por saber que éle presenteou Pio ix com uma alcatifa. Persuade-se que Deus se serve d'ele como instrumento da sua justiça, e lhe envia os seus anjos para o ajudarem. O imperador não é católico; mas é protestante de boa fé e por erro de entendimento; porém, como peca por falta de inteligência, Deus serve-se d'ele, e rejicita os serviços de soberanos puramente católicos e ilustrados. Ainda assim classifica de *milagre estupendo* a confiança que Deus deposita no mação-protestante. É que palpa o absurdo e recolhe-se ao milagre. Ele diz estar convenido, em 1870, que, terminada a guerra franco-prussiana, o imperador, abjurando os erros, entrará na igreja católica e depois no eeu. As convicções do snr. padre Casimiro orçam quâse tôdas pela prova real da conversão do imperador.



\*

Quem houver de definir a *Idéa Nova* tem de desnócar alguns véelhos galhos da árvore de Alembert, enxertar vergôntees novas, e endireitar as antigas fazendo-as convergir, centralizar no positivismo de Littré. Defini-la é desdobrá-la na sua extensão encielopédica. A definição da *Idéa Nova* abrangeria, passo a passo, o itinerário da observação do homem através das idéas véelhas no percurso histórico de seis mil anos. Pois o snr. Padre Casimiro define em duas palavras a *Idéa Nova*: — É o *progresso do diabo*.

Neste progresso estão incluídos alguns brasileiros, espíritos fortes que levam a sua dose ricamente dêste feitio: «Alguns brasileiros enehem a bôea por tôda a parte com as palavras asnáticas — «nós somos espíritos fortes.» Para êstes e para os mações e liberais, *que são todos a mesma fazenda*, virá, afinal, horrenda morte e inferno sem fim, *emquanto Deus fôr Deus.*» ; Mas será permitido esperar melhor posição quando Deus não fôr Deus ?

Gambetta é um dos tais que já lá estão. Logo *que se carregou de milhões pelo roubo enormíssimo que fez à França, deixou de socorrer os seus irmãos fraternos da fraternidade maçonica.* Devia acrescentar *que fraternizavam fraternalmente*, para lhe sair mais lúcidamente a feliz idéa. Conta que Gambetta fôra assassinado como Marat por certa mulher. A história de França, quando chega a Margaride, vem assim estropeada. Por essa ocasião, chama-lhe *um dos maiores ladrões do mundo.* Podia dar a primazia a outros salteadores famige-



rados de terra e mar, por exemplo Benzel, Chender, Makandal, o padre Inácio, Marco Sciarra, etc. Ao menos seria equidade pô-lo depois de Caco e antes de Carlouche sem ofensa de Diogo Alves.

¿ Mas não haverá hipérbole no conceito nada caritativo que o exemplar sacerdote faz de um homem defunto, um estrangeiro que não cooperou para que as missas no Minho estejam baratas como os cercais? ¿ Se êle, o *maior ladrão do mundo*, roubou milhões à França, como é que os franceses, os roubados, em dezembro de 84, já tinham contribuido com sessenta e seis contos para a subscrição de um monumento a Gambetta na Praça do Carroucel? O devoto de Santa Quitéria e das 8 manas, se não puder provar o aleive, submete-se à responsabilidade da calúnia, e não deve sacrilégamente ingerir nas suas mucosas intestinais o Deus sacramentado sem reconciliar-se dessa difamação. Padre Casimiro sabe que *Diabo* vem do grego *Diabolos*, derivado de outro vocábulo grego que exprime — *caluniador, difamador*.

As vezes vibra o látego das larachas contundentes às costas dos maçons. Faz uma picaresca descrição, pulverizada de sal aristofânico, das cerimónias maçónicas na admissão do recipiendário. A religião, a moral e o bom senso vingam-se em três páginas que fariam desarticular de riso os tristes escapados ao antro de Trofónio. Se a maçonaria não fôsse um crime invulnerável ao ridículo como o diabo, cuja filha é, acabaria rebentada pelos valentes ponta-pés que leva, dados com todos os pés de mestre.

Gostava êle que as cerimónias se fizessem no campo da Vinha em Braga, para ver os garotos às pedradas aos maçons quando êles fugissem a dar *com os calcanhares no traseiro*. Aqui brilha o



típico, subtilíssimo *humour* do americano Mark Twain.

Afirma que também há assembleias de mulheres maçónicas; e que a final, *depois das muitas saúdes, estas beberronas, tornadas ôdres ambulantes, vão para casa a cambalear e a soletrar o grego primitivo... amparadas pelos seus ajudantes fraternos da loja, que sem o querer as vão arremedando nos movimentos indecisos das pernas e da lingua.* Padre Casimiro, se viu esta scena, posso asseverar-lhe que o ôdre ambulava; mas não afirmo que as maçónicas fôssem os ôdres. Há aí uma diagnósis de perversão nervosa. O código penal modernamente costuma corrigir essas alucinações ópticas com policia correccional.

Certo padre Bernardo contou a padre Casimiro que os adeptos à maçonaria desfechavam tiros contra a imagem de Cristo. A êstes deicidas pertenceram Saldanha que abjurou, Romero Ortiz que em perigo de morte pediu perdão ao papa telegráficamente, Littré que, em paroxismos, foi baptizado pela mulher, cuidando talvez o moribundo que lhe lavavam a cara, e Emilio Girardin que morreu contrito como Voltaire; e, a respeito de Voltaire, renova umas vélhas e requentadas invencionices há muito expungidas da sua biografia. Quanto ao meu prezado amigo Romero Ortiz, um poeta, creio que morresse abraçado à cruz do Cristo santíssimo a quem êle tinha feito o serviço de refugar de Espanha algumas congregações religiosas.

Declara que os liberais ou mações tratam de repartir entre si a propriedade geral, fundados na teoria de um taverneiro de Felgueiras o qual alega que, tendo morrido sem testamento Adão e Eva, todos os seus descendentes pobres tem direito à repartição da herança. Padre Casimiro, contra-



riando, escreve que só os legitimistas e católicos tem direito à herança como descendentes daquele patriarca bíblico; e os liberais, como descendentes de animais peludos e rabudos, não tem nada a haver em partilha. E acrescenta que se não descendem do macaco, procedem do diabo que *também tem rabo e cornos*. Puro Sterne. Epigramista de uma cana só.

Claro é que s. reverência revela não ser estranho às novidades biológicas. Tem compulsado Darwin com mão diurna e nocturna. Rejeita a teoria da descendência ou transformismo. Devem sobrar-lhe argumentos para repelir do concelho de Felgueiras as teorias de Haeckel sobre a concepção monista do mundo mecânico. Ele nunca permitirá que o regedor de Margaride se persuada que as espécies orgânicas resultam de transformações provocadas pela acção recíproca da adaptação e da hereditariedade. O seu olho vigilante não cessará de espreitar a propaganda insidiosa dos biólogos e morfólogos evolucionistas de Basto e Guimarães. Emfim, as violentas e precipitadas afirmações de Spencer tem-lhe preocupado o intellecto; mas não conseguirão jamais despersuadi-lo de que descende de Adão. ¿ Quantos, por isso mesmo, desejarão proceder do gorilha? Disse Karl Vogt: «Antes descender dum macaco aperfeiçoado que dum Adão degenerado.»

\*

¿ Será profanar a seriedade argumentar sisudamente contra semelhantes descocos relativos a maçonaria?



Direi ao snr. padre Casimiro o que são em Portugal as *sociedades secretas*.

¿ Não nos diz s. s.<sup>a</sup> em mais de uma página do seu livro que foi *comendador de S. Miguel da Ala*? Pertenceu, pois, à maçonaria, a uma *sociedade secreta*, e tam clandestina que, sendo fundada em 1848, só os liberais tiveram dela notícias positivas depois da sua extinção em 1859.

A loja principal cra em Lisboa, e tinha muitas filiais em larga periferia do reino. Os estatutos promoviam o desenvolvimento e esplendor do catolicismo e a restauração da legitimidade, por meios suasórios, ou, sendo necessário, com braço armado. Havia três graus fundamentais na ordem: noviço, professo e dignitário. O noviciado tinha três classes: aspirante, pagcm e escudeiro. Nos professos, 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> grau de cavaleiro; e, nos dignitários, comendador, e daí para cima Grão-Cruz e Grão-Mestre que era o snr. D. Miguel. Todos os membros tinham *nome de guerra*. Nas províncias, havia associados efectivos e supranumerários. Não é ao padre-comendador que estou contando estas coisas, que êle sabe perfeitamente: é a uns juízes que hão-de decidir se o snr. padre Casimiro foi ou não foi mação, e mais façanhoso que os liberais por que conspirava contra a dinastia reinante, secretamente, protegido pelas leis liberais. A ordem tinha colégios, capítulos e províncias que se correspondiam por cifra — tal qual como os pedreiros-livres.<sup>1</sup>

---

1 Antes da instauração da ordem da Ala, já desde 1845 que as Juntas absolutistas se carteavam em fraseologia dissimulada, talvez mais difícil de interpretar que a *cifra* adoptada depois em 48. Em parte da bagagem de



Os graus dados aos recipiendários eram sinistramente solenes. Logo lhe contarei como era. É provável que o snr. padre Casimiro não subisse gradualmente a escala até comendador, nem passasse pelas cerimónias lúgubres do juramento inicial. O snr. D. Miguel deu-lhe a comenda num

---

Macdonell, ou de algum dos seus oficiais do estado-maior, apanhada pelo barão do Casal, em dezembro de 1846 na derrota de Braga, appareceu uma espécie de dicionário para a versão das cartas procedentes das Juntas legitimistas. Parte d'este dicionário está impresso desde pag. 210 até 215 de um aprecíavel livro, publicado em 1847, sob o título de *Carta dirigida ao cavalheiro José Hume... vertida em portuguez*. Tem palavras de uma finura engenhostssima que ninguém seria capaz de adivinhar. Por exemplo: os «inimigos» (liberais) são *bêstias*; «inimigos em movimento» *bêstias desinquietaes*; «cultores» o *clero católico rialista*; «cultores maus» o *clero liberal*, etc. Um exemplo de linguagem figurada: «Na quinta da Galisa está atrasada a cultura pelo mau tempo; e daí vem que nem há sementes boas de trigo, posto que haja bons pastores, e sobejam trabalhadores para as terras de trigo e milho.» Tradução: *Na provincia de Trás-os-montes está demorado o nosso rompimento por falta de dinheiro; o que faz que carecemos de armamentos, apesar de termos bons officiaes e soldados de infantaria e cavalaria*. Manda eserever com sílabas invertidas os nomes das terras donde partem os officios, começando pela última e acabando pela primeira sílaba. Exemplo: «Lhene-a» quer dizer *Anelhe*; «To-por» *Pôrto*. Ninguém seria capaz de pescar que *To-por* era *Pôrto*. Seria mais fácil descobrir que *Ens-rama-gui* era *Guimarães*. Não se comprehende por que o redactor do dicionário alterou para aquella cidade a regra, denominando-a *Torquemada*. Seria por que no cabido da coleglada naquele tempo florelam espíritos assaz católleos para excitarem em Portugal a missão purificante do céebre inquisidor espanhol?



jacto de graça, por que sua reverência já tinha as inquirições tiradas e direitos adquiridos extraordinariamente.

Agora, para o entreter com alguma coisa nova, contar-lhe hei uma história.

Conheci no Pôrto, há muitos anos, um rapaz transmontano que estudava grego para seguir em Coímbra a formatura em teologia. Era filho de certo morgado, major de cavalaria que, aos quarenta anos de idade, perecera no assédio do Pôrto, ao serviço de D. Miguel. O major tinha arruinado e empenhado o vínculo nas prodigalidades de fidalgo provinciano aparentado na côrte, onde se aquartelava o seu regimento.

Sobreviveu-lhe poucos anos a viúva, e deixou o seu único filho entregue a três tios paternos, doutorados em teologia e cânones. Um era egresso de Alcobça; o outro havia sido desembargador da Relação eclesiástica; o terceiro, explorara uma opulenta abadia que apenas visitara quando se apossou das rendas. Vivera na côrte onde confessava as fidalgas primaciaes, e vendia muito caras as suas medicinas das consciências canceradas. Todos três muito ricos. O egresso saíra do mosteiro com o seu dote multiplicado em pedras preciosas encravadas em um cális do reinado de D. João II. O desembargador, quando a legislação geral absorveu a canónica, secando o manancial da Relação arquiépiscopal, já tinha estabelecido a sua posição independente dos cânones. O abade, que seguira D. Miguel até Roma, repatriara-se perdida a esperança na prometida mitra de Lamego.

Como era grande latinista, o desembargador ensinara o sobrinho a traduzir Ovídio e Propércio com elegante frescura. O bernardo doutrinará-o em retórica; e o confessor das fidalgas, sus-



pirando, contava-lhe casos de Lisboa, scenas de Queluz, as grandes fôrças de D. Miguel e as grandes fraquezas das infantas. Se falava de D. Carlota Joaquina, à parte o respeito devido à rialeza, usava sempre do parêntesis — *feito diabo!*

Estava o sobrinho apto para frequentar grego em Coimbra, onde tinha feito brilhantes exames, quando lhes constou que um padre António, boticário da Calçada, recrutava adeptos para mações e já tinha aliciado alguns académicos. Deliberaram confiá-lo à vigilância de um cônego da Sé do Pôrto, e demorá-lo por ali dous anos a profundar línguas mortas até perfazer idade bastante *dura e madura* (dizia o retórico aliterando enfaticamente as palavras) para resistir às tentações satânicas da maçonaria.

O cônego hospedou constrangido o provincialino. Ele tinha duas afillhadas filhas de duas comadres que se gabavam de ser mães das filhas do compadre. Uma trapalhada. As raparigas alvoroçaram-se com a presença do forasteiro; e o padrinho desconfiou logo do esmero com que elas ungiam de inacassar os bandós e desquadrilhavam as cinturas abaixo das ancas. O hóspede pela sua parte encarava-as de um modo palerma, — a contemplação dos românticos. Eram três peitos inexperitos a fermentarem embriões de amor; porém, o cônego apressou-se em evitar que germenasse a ninhada de ovos naqueles corações virginais. Pretextando a inconveniente distância de Trás da Sé, sua residência, à Academia Politécnica, arranjou-lhe quartel em casa de uma vélha fidalga de poucos meios.

Esta fidalga tinha consigo uma pensionista, filha natural de um primo casado. Era muito galante a Diana. Parecia-se muito com a mãe, uma



actriz famosa em 1830, com quem o morgado andara fugido por Espanha para não ser preso à ordem do pai. Diana viera de Bilbau, onde nascera, quando tinha dez anos, e a mãe acabara por lá, variando de amantes como de palcos, visto que o pai de sua filha regressando à pátria casara com uma prima ciosa e zelosa que se enroscou nêle como uma serpente assanhada. Ele trouxera a pequena e entregara-a à parenta com uma boa mesada.

O aluno de grego ia de casa do cônego com o coração alvorecido na aurora do amor, quando viu a pensionista. As afilhadas do padre aqueceram-o; mas a espanhola queimou-o. Quando teve de dizer, na presença de Diana, que seus tios queriam fazê-lo clérigo, còrou e sentiu as lágrimas soluçarem-lhe na voz; e ela, com uma desgarrada denguice de espanhola, ria-se do irrisório destino que preparavam a um moço tam perfeito. A vêlha, pelo contrário, elogiava o sacerdório e animava o hóspede a não desistir do melhor modo de vida que ela conhecia para o corpo e para a alma. Quanto ao corpo, citava os sádios cônegos do cabido portuense; a respeito da alma, não exemplificava cônego algum para não se enganar com hipóteses.

Fez-se a paixão. O provinciano faltava à aula regularmente, fazia versos a Diana e jurava-lhe que nunca seria padre. O cônego informara-se com o professor de grego, compreendera o resto e avisara os doutores, asseverando-lhes que o sobrinho havia de ser padre quando êle fôsse general. E citava versículos do *Eclesiastes* contra as mulheres.



\*

Quando o conheci, ano e meio depois que se matriculara em grego, já o provinciano fôra duramente apalrado pela desgraça.

Os tios abandonaram-o como incorrigível; a fidalga hospedeira despedira-o como insolúvel; e Diana, a transformadora daquela alma, casara, mais ou menos constrangida, com um irmão bastardo de seu pai, chegado de além-mar com uns 50 contos arredondados no tráfico de escravos.

*Três estrélas* (dê-se ao rapaz êste pseudónimo sideral, respeitando a seriedade actual da sua velhice) morava com um amigo meu, estudante de medicina e seu conhecido de Trás-os-Montes. Lecionava latim e lógica em um colégio que lhe dava duas moedas mensais. Como era expansivo, contou-me os seus trabalhos. Falou-se de Diana; e eu, com êste meu génio curioso, convidei-o às mais íntimas confidências. Disse-me que em 18 meses de namoro apenas lhe dera um ósculo. Acreditei. Era assim que se amava em 1845. Os mais atrevidos davam dois ósculos. Chamavam-se *românticos* êsses anjos de pudor que os *realistas* actuais acusam de apodrecerem famílias e freguesias inteiras.

Remia-se apertadamente com a mensalidade do professorado, e suspirava por um emprêgo que lhe permitisse vestir-se com decência; porém, se eu o aconselhava a congraçar-se com os tios, preferia arrostar o inverno com o seu velho casaco de sarja ao sacrificio estúpido de ordenar-se. Tinha perdido a fé — dizia êle. O seu companheiro de casa, Alexandre Tomás de Azevedo, de Vila Flor, falecido há anos, era republicano, maçã Rosa-Cruz



da Loja dos Passos. Aconselhou-o a filiar-se na maçonaria — que se fizesse politicamente notado, sem o que difficilmente alcançaria empregar-se. O professor estremeceu. Os preconceitos da educação revoltaram-se contra a palavra *mação*, não obstante o tiroesnio de ano e meio em contacto com acadêmicos do Porto, onde era raro um *peludo*, como lá diziam, que aceitasse a existência de Deus fora do exame de metafísica. Ainda assim, o sobrinho dos três furiosos inimigos da maçonaria adoptou com relutância o alvitre, depois de informar-se que não se davam tiros de pistola em Jesus Cristo nem se jurava guerra desabrida à religião; *porque* — dizia elle — *foi minha santa mãe que me ensinou a crer em Deus e a invocá-lo nas minhas allições*. Isto era tocante: mas o Alexandre Tomás dizia-lhe, com um sorriso dissolvente, que pedisse ao supremo Architecto o emprêgo, e, se não fôsse atendido, apelasse para o Grão-Mestre Manuel da Silva Passos.

\*

Na extinta Viela-da-Neta fazia-se naquele tempo grande consumo de política e azougue. Ali morava José da Silva Passos, o logar-tenente do Grão-Mestre, que ministrava os graus aos adeptos, num velho casarão, repartido em cubículos, com as paredes desealçadas e os tetos abafadiços e sarapintados de nódoas excrementícias dos mosqueiros que se levantavam em revoadas dos esgotos da viela. Ao lado de uma sala com estantes de livros, gazetas, milhares de folhetos políticos, e litografias dos liberaes de 1820 encaixilhadas em pinho pintado e pendentés de pregos ordinários, havia um quarto com uma banca de noqueira, duas



cadeiras de palhinha e uma espada de cavalaria a um canto. Foi para êste quarto que um criado em mangas de camisa e tamancos conduziu o neófito e mais o seu apresentante Alexandre Tomás. Minutos depois appareceu José Passos, esbaforido, a suar, com o chapéu arriado sôbre a nuca e o laço da gravata sôbre a espádua esquerda.

Alexandre apresentou o cavalheiro «em que lhe tinha falado». Passos remirou-o de esconso, a piscar ambos os olhos, e disse esfregando as mãos: «Vamos a isto.»

E, sem descobrir-se para a cerimonia, foi buscar a espada que meteu na mão direita do recipiendário, e desenrolou numa impetuosidade pastosa e ininteligível uma catadupa de vocábulos salivados, acompanhando-os de gestos afirmativos de cabeça aos quais o provinciano correspondia afirmativamente sem perceber palavra do juramento. Diz o snr. padre Casimiro a pag. 447 dos seus *Apointamentos* «que as palavras maçónicas são em lingua hebraica que era e é a dos judeus». Provavelmente José Passos falava em hebraico.

— Está pronto! — disse o logar-tenente, abraçando os dous maçons, com uns movimentos affectuosos de quem empurra para a porta dois importunos.

Aqui tem o snr. padre Casimiro como se faz um pedreiro-livre — um Rosa-Cruz. Posso asseverar ao mal informado clérigo que êste mação não foi circuncidado. Sua reverência escreve a pag 449: *...Até praticam entre si a circuncisão, posto que de diferente forma, por que todos êles são marcados em alguma parte oculta do corpo, que escolhem, com o sinete da Ordem, ou selo em brasa, operação que corresponde exactamente à circuncisão dos judeus.* Parece-me que o snr. padre não



forma idéa perfeita e etimológica do que seja *circuncisão*. A palavra compõe-se de *circum* «em redor», e *caedere* «cortar». Se os pedreiros-livres não cortam ou golpeiam algum órgão do seu corpo eireularmente, seja qual fôr a marea de que se sirvam para se assinalarem, é impropriedade chamar-lhes *circuncisos*; e, se a circuncisão não é a judaica, outro órgão que se ageite a um corte circular só conheço-o nariz, excluido o apêndice étnico, o genuino. Repare o snr. padre Casimiro José Vieira nos narizes dos pedreiros-livres — se não pode nem quer examinar o resto — e observará a ausência completa de narizes *cortados em redor*, circuncidados. Torno a asseverar-lhe que o neófito safu na mais completa e inviolada inteireza do seu organismo da Viela-da-Neta — *et ce n'est pas peu dire*.

\*

Dai a meses, agitou-se a insurreição das aldeias do Minho; e, caído o ministério-Cabral, o professor solicitou o emprêgo, atendo-se ao patrocínio de José Passos que lhe figurou a sua pretensão como *um negócio feito*. Depois, veio a emboseada de 6 de outubro, e constituiu-se a Junta. Passos fez despachar o transmontano primeiro official de um governo civil da província, e o ministro da guerra promoveu-o a alferes dos «fuzileiros da liberdade». Como funcionário civil não chegou a tomar posse do lugar, por que o distrito onde devia exercê-lo estava ocupado por fôrças da rainha.

Quando aos tios doutores chegou a notícia de que o sobrinho cingira espada ao serviço dos republicanos, no Porto, onde seu pai perecera defendendo o altar e o trono, acordaram entre si extr-



miná-lo para sempre da sua família; porém, ao saberem por via de um liberal de Vila Flor que o scelerado pertencia à Loja maçónica dos Passos, então os três clérigos fizeram disposições testamentárias, de modo que o sobrinho nunca pudesse herdar um ceutil dos seus haveres. As janelas da casa não se abriram quinze dias. Os três doutores, a impar, convulsos, rubros de cólera, desengonçados em gesticulações e berros contra o sobrinho, pareciam uma trindade antropomorfa de apoplexias. O único desafogo por onde podiam explosir a sua raiva era reduzir o filho de seu irmão à indigência.

Depois da convenção de Gramido, o pedreiro-livre voltou ao professorado de latim e lógica, numa desanimação que lhe tornava odiosa a pedagogia. Alguns pais dos educandos, amigos da ordem e feridos pela Junta na inviolabilidade das suas acções bancárias, retiraram os filhos do colégio onde o patuleia ex-alferes de fuzileiros ia leccionar. O seu ordenado diminuíra. As privações compeliaram-o a escrever suplicantemente ao mais tolerante de seus tios, o antigo confessor das açafatas de D. Carlota Joaquina.

Nem recursos nem resposta.

Ao cabo de ano e meio de luta e reacção aos impulsos do suicídio, leu um anúncio oferecendo grande ordenado a um profesor idóneo em latiniidade para leccionar num colégio de Pernambuco. Procurou o anunciante, apresentou-lhe as certidões dos seus exames na Universidade e atestados dos proprietários dos colégios. Foi contratado vantajosamente, e saiu em uma galera que fazia escala por Lisboa, onde iria receber adiantado um semestre para preparar o seu enxoval.

Sem grandes exigências de elegância, vestiu-se num algibebe, achou-se ligeiramente ridículo



enfreado em uma sobrecasaca de cintura curta e ombreiras de refêgo, e foi passear Lisboa, muito de espaço, porque a embarcação tinha demorado um mês a receber carga. Uma tarde, quando subia o Chiado, reconheceu à porta do Marrare um seu comprovinciano e parente, o morgado Pinto Magalhães.

Contou-lhe a sua vida, a sua pobreza, o ódio inexorável dos tios por que não quisera ordenar-se. O Magalhães sabia tudo. Argüiu-o de se ter metido na maçonaria e cingido uma banda a favor dos liberais que lhe mataram o pai. O morgado, conquanto rapaz, era miguelista estreme, da roda dos velhos fidalgos da corte, intransigentes com a liberdade, mesmo na aresta da voragem dos nulos onde iam resvalar. pobres e inúteis, com as suas tradições, com a sua legenda de sete séculos, com os seus brasões na sala de Sintra. Como era rico, não teve que replicar ao trãsfuga da legitimidade quando êle lhe disse: «Teus pais não te obrigaram a ser padre sem vocação, e a tua riqueza permitiu que não te desviasse da linha da dignidade. Não custa ser honrado na tua posição. Ora eu estava pobre e já tinha experimentado a fome quando me ofereci aos liberais que prometiam dar-me de comer e vestir em paga dos meus serviços.»

Prometeu-lhe Pinto Magalhães salvá-lo, congradá-lo com os tios e com a fortuna, se êle abjurasse a maçonaria, e se filiasse na Ordem de S. Miguel da Ala. E explicou o que era a sociedade clandestina dos legitimistas, instaurada naquele ano. Asseverou-lhe que os três tios eram comendadores da Ordem, e muito considerados pelo Grão-Mestre, o snr. D. Miguel I. O latinista «engajado» respondeu que sim, que tentaria êsse meio, ainda sacri-



ficando as suas idéas, se algumas tinha em política; mas que a sua especial posição de professor contratado e já pago do ordenado de seis meses, não lhe consentia evadir-se desonradamente a restituir o que recebera por antecipação. Magalhães pôs à disposição do parente a sua bolsa para rescindir o contrato sem desaire, pretextando qualquer causa ou dando a verdadeira. Concordaram.

Magalhães apresentou seu primo, no escritório da *Nação*, à primacial aristocracia do partido. um grupo de fidalgos encanecidos entre os quais rutilava uma estrêla de máxima grandeza que ainda hoje irradia os esplendores da sua juventude, e tôdas as facções respitam como uma glorificação nacional. Era João de Lemos na flor e no perfume da mocidade. Viam-se, à volta de Silva Bruschy, o marquês de Abrantes, um poeta de levantadas inspirações místicas, o conde de Pombeiro, o Bobadela, o de Redondo, Magessi Tavares, D. Sancho e D. Cristóvão Manuel de Vilhena, Aires Pinto, Loureiro, o lívido autor do *Magriço*, Lucas Castelo, um rapaz encantador; e às vezes ouvia-se a risada cristalina de Francisco Palha, que borboleteava pelas mesas dos redactores desavincando as frentes enrugadas pelas zangas da polémica. Naquele recinto estranhava-se o que quer que fôsse. Esses homens velhos, ou envelhecidos pela nostalgia da riezza, segregados das regalias práticas do predomínio e da ostentação, saudosos dum tempo irreparavelmente perdido, eram tristes, taciturnos. recolhidos na intuscepção das suas desmaiadas esperanças, ou bastante esclarecidos para nada esperarem.

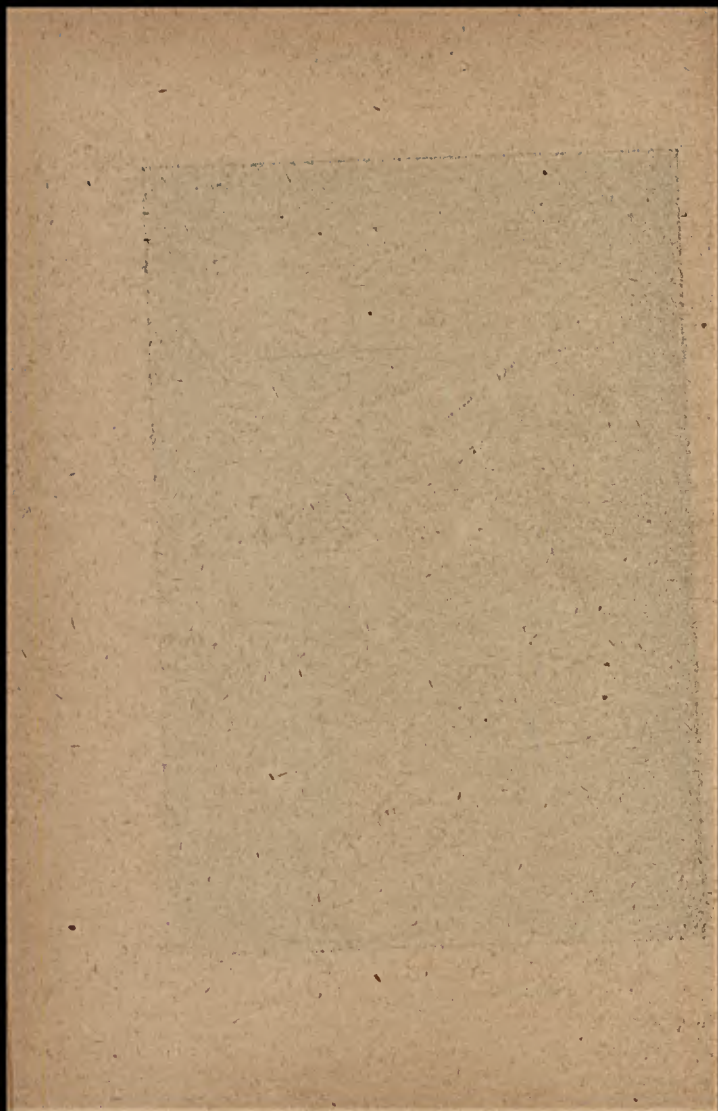




... o juramento que lhe foi insinuado

*M. da F.*





cm

1

2

3

4

unesp

7

8

9

10

11

\*

Os fidalgos tinham concorrido ao palácio do Largo do Intendente no dia em que o sobrinho dos três dignitários de S. Miguel da Ala havia de ser iniciado e ajuramentado. O neófito, conduzido pelo padrinho a um corredor contíguo à sala da redacção, prestou-se a que lhe vendassem os olhos, e o levassem pelo braço em direcção tortuosa. Quando lhe desataram a venda, achou-se em uma quadra, forrada de crepe, com tochas acesas ante uma ara em que se arvorava uma escultura de Jesus crucificado. Ao tópo do recinto fazia relêvo na escuridão do pano um vulto trajado de negro, rosto coberto com uma sanefa de sêda que caía do capuz do *dominó*, muito análogo à túnica sinistra dos penitentes em procissão, e dos oficiais do Santo Offício no tribunal. Além dêste, havia sete ou oito *dominós* perfilados ao lado do crucifixo. O recipiendário respondeu a umas breves perguntas daquele que parecia de mais alta categoria na ordem, e proferiu o juramento que lhe foi insinuado, ajoelhando diante da imagem cujas chagas vermelhavam ao reflexo dos cêrios. Depois, abraçaram-no, um por um, os assistentes, em profundo silêncio; vendaram-o outra vez, e reconduziram-o ao escritório dos jornalistas onde já encontrou, como distraídos em uma palestra, os fidalgos que tinham assistido à iniciação.

Nesse mesmo dia, o cavaleiro de S. Miguel da Ala, industriado pelo primo Magalhães, escrevia na cifra da Ordem a um de seus tios participando-lhe que, em véspera de sair para o Brasil a ganhar a sua vida, e no dia em que depurara a sua alma das manchas que a desgraça lhe pusera,



se considerava digno de pedir perdão aos tios das ofensas que eles não poderiam perdoar-lhe sem o facto da abjuração da maçonaria em que a proterva necessidade o precipitara. E ao mesmo tempo, o Magalhães escrevia a vários morgados e abades pedindo-lhes que levassem aos doutores a fausta nova de que o sobrinho se reconciliara com Deus, com o rei, e com a sua honra, abjurando solenemente a maçonaria e recebendo dois graus da Ordem.

Para concluir o enfadonho episódio, e abrir os diques à reprêsa da moralidade do conto, falta dizer que os doutores impuseram ao sobrinho, sob obediência, que fôsse imediatamente à província. Lavaram-no com lágrimas de júbilo; rasgaram os testamentos; deram-lhe muitas peças de duas caras para êle reembolsar o primo Magalhães dos dinheiros restituídos ao empresário de professores, e nunca mais lhe falaram em sacerdotício. Os velhos morreram; e o sobrinho, herdeiro de todos, ainda vive, viúvo há muito, pai de muitos filhos, com grande riqueza na sua casa solar; mas, segundo me informaram, muito místico, muito scismático e assustado das penas do inferno, por que não tem a certeza de estar bem purgado do crime em que claudicou respondendo afirmativamente ao juramento ininteligível, provavelmente hebraico, de José Passos. A solidão, a raça, a inércia intelectual, a depressão que se faz no cérebro quando um homem conversa todos os dias com abades transmontanos, tudo isso concorreu para essa inofensiva idiotia em que o antigo professor resvalou, a ponto de não querer que lhe lembrem a sua mocidade. É o que eu fiz não lhe escrevendo o nome. Porém, quando medito que a ordem que o resgatou de ir ensinar latim a brasileiros era de *S. Miguel*,



ereio que desta vez o santo arraneou de-véras uma alma do inferno, salvando-o de ensinar a Arte do padre António Pereira, o Novo Método, as patranhas do Tito Lívio, e sobretudo defendeu o seu ouvido virgiliano do sutaque incorrigível dos mulatinhos dados à latinidade.

\*

Eu desejo convencer o snr. padre Casimiro de que não está em uso nas funções maçónicas o idioma hebraico, nem as descargas em Jesus Cristo, nem o juramento de hostilidade à religião católica. Nas lojas maçónicas admitem-se tôdas as religiões. A primeira vez que nas Lojas portuguesas se aventou a precisão de reagir contra os ultramontanos foi em 1862 quando as irmãs da caridade francezas foram expulsas de Portugal. O fanatismo do clero, amalgamado com o romantismo mistico das salas aristocráticas, ia levando de vencida a indiferença religiosa dos homens preocupados na direcção positiva da sociedade, e de todo o ponto surdos ao rumor subterrâneo das manobras do obscurantismo. Eu, a falar verdade, tenho esperança de grangear para a maçonaria o snr. padre Casimiro, dando-lhe conhecimento da eloquente alocução de um Grão-Mestre que foi o mais brilhante orador parlamentar do seu tempo. Vai sua reverência deliciar-se na leitura de um discurso de José Estêvão Coelho de Magalhães, quando tomou posse do malhete da confederação maçónica portuguesa:

«Eleito Grão-Mestre da confederação Maçónica Portuguesa, aceitei este cargo com a consciência dos deveres que êle me impõe e das honras que



me conferc. As honras não me desvanecem: os deveres não me acobardam.

«A maçonaria sem crença, sem dedicação, sem fraternidade é a desconsideração de um instituto ennobrecido por muitos trabalhos e virtudes, e a profanação de um rito que está consagrado por muitos rasgos heróicos e muitas empresas memoráveis. Vale mais fechar os templos, abater as colunas, do que conservar estas exterioridades de um culto a que não correspondem os trabalhos do espírito e as obras de coração. A *maçonaria* é uma religião que todos escolhem espontâneamente, e em que ninguém pode ser constrangido a persistir. O mação que se conhece inferior às obrigações a que se ligou, ou que descrê da Ordem em que solicitou entrada, pode abandonar as oficinas e romper a cadeia que o liga a seus irmãos. O abandono dos trabalhos maçónicos é um mal, porque debilita e pode extinguir a Ordem; mas a relaxação no cumprimento das obrigações maçónicas, o esquecimento das virtudes essenciais a todo o mação, o interêsse pelas formas, e indiferença pelas realidades, desacreditam-na, ridiculizam-na, e também por êste meio vem a extingui-la.

«Caríssimos irmãos, os tempos de perseguição acabaram; mas a missão da *maçonaria* não acabou. Os inimigos dela são de diversas espécies e guerreiam-na por diferentes formas. As lutas em que tem de assinalar o seu valor são muitas, e em cada época tomam novo carácter.

«A *maçonaria* não foi criada só para valer em apuros: o seu fim é eterno, o seu trabalho quotidiano. Deve manter o que conquistou e preparar novas conquistas. Estuda o que falta à humanidade e empenha-se em o obter. Para isso é preciso vigilância contínua e acção incessante.



«Na época em que estamos, os inimigos da verdadeira luz não trabalham para imediatamente a abafar e apagar. As suas esperanças não chegam tam longe como os seus desejos. Durante séculos cansaram o poder dos crimes e dos embustes para ter o mundo em trevas. Mas uma vez rasgada a cerração, nunca mais obtiveram sumir o filete luminoso que avolumou e fulgiu até se tornar farol inextinguível. Presentemente resignam-se a desarranjar-lhe a rotação e a embaciar-lhe os revérberos.) Por êste modo enleiam as derrotas da humanidade, trazem-na a paragens perigosas, e expõem-na a naufrágios. Cumpre à *maçonaria* vigiar as praias da civilização, e ter bem polieitados todos os sinais e precauções para evitar aqueles enganos, desassustar a navegação, e tornar a viagem dos homens e das nações neste mundo mais certa, mais livre, mais virtuosa e mais honestamente aprazível.

«O que é a reacção que invadiu o nosso país senão um dêsses trabalhos insidiosos e solapados contra todos os grandes princípios por que a *maçonaria* tem sempre combatido com tanta coragem e perseverança? Esta forma de combater não é a que êles preferem: adoptam-na por necessidade. Se lhes fôra possível num momento derrubar a obra da razão e da filosofia, não demoravam esta almejada catástrofe. Mas transigem com as circunstâncias e adoptam o arbítrio de temporizar.

«Os inimigos, porém, caríssimos irmãos, são os mesmos. Os gritos de peleja são os que eram bradados em tempos de mais poder. Agora segredam-os, mas exprimem as mesmas paixões e os mesmos intuitos. Ao som dêles, foram ganhas execráveis batalhas contra os foros da humanidade. Agora com as mesmas evocações vão praguejados



os seus progressos, e embaraçada a sua marcha no caminho da perfeição.

«A *maçonaria* deve acordar do seu letargo, levantar a sua bandeira, inspirar-se das suas recordações, tomar o seu posto tradicional. Se assim não fizermos, traímos o juramento que prestamos, injuriamos a memória dos irmãos nossos passados, e usurpamos o título de mação, por que o não é, por que não merece tal nome aquele que é tardo em acudir pela defesa dos princípios da sua Ordem, aquele que se cansa na luta e deixa as armas no campo.

«A *maçonaria* portuguesa é numerosa. Muitos obreiros de virtude provada e de reconhecido mérito teem desamparado os trabalhos. Cumpre que eles reapareçam nas Lojas por que a sua presença autorizará o trabalho maçónico que muita gente com boa fé julga já desnecessário no nosso século.

«O exemplo dos maçons beneméritos e experimentados servirá de estímulo à geração nova que deseuida o culto da verdade e da liberdade. Por esta forma a *maçonaria* tomará ineremento e vida, e a abóbada de aço poderá cobrir o país todo.

«A Confederação Maçónica Portuguesa, elegendo-me Grão-Mestre, não quis fazer da *maçonaria* um corrilho político, nem comprometer os maçons em empresas contrárias ao verdadeiro espírito da Ordem. Nem esta confederação abriga tam mesquinho pensamento, nem eu era bem escolhido para executor d'ele.

«Caríssimos irmãos, a *maçonaria* portuguesa pode prestar grandes serviços à humanidade e ao país, penetrando-se sem reserva do espírito da Ordem, e trilhando com desassombro a senda que



a constituição e a história maçónica lhe marca. Una-se pelos laços da verdadeira fraternidade que consiste na páridade da crença, dos desígnios e dos meios. Chame a si os maçons a quem o mau estado da *maçonaria*, a pouca fortuna de alguns dos seus trabalhos, e a descrença na sinceridade maçónica possa ter apartado dos quadros. Abra as suas oficinas a neófitos que lhe tragam probidade, fervor, luz natural sôbre as verdades morais e sociais, e corações que as sintam e as amem. Nas suas escolhas não confie com facilidade nem desconfie sem motivo. Seja prudente e desprevenida.

«Desta forma, a *maçonaria* portuguesa terá no seu seio as excelências do país e assim constituída poderá prestar grandes serviços a tôda a humanidade.

«Dirigir a *maçonaria* portuguesa segundo êstes princípios; persuadi-la a pôr em prática êstes conselhos; prestar-lhe todo o auxílio para qualquer empresa de engrandecimento e glória maçónica, tal é a minha tenção e tal me parece ser o meu dever.

«Caríssimos irmãos, coadjuvai-me todos; que, se todos tivermos de-vêras a mesma fé, e a mesma resolução, o Grande Arquitecto do Universo não nos há-de faltar com o seu auxílio».

\*

¿ Sabe como procedeu José Estêvão com as crianças subtraídas às irmãs da caridade expul-sas? Fundou o Asilo de S. João, a expensas da *maçonaria*, e aí foram recebidas as crianças de todos os estabelecimentos fechados à influência da caridade francesa.



\*

Em um artigo de grande fôlego chamado *Governo e eleições liberais*, verbera padre Casimiro os reis, os ministros e os representantes da nação. Pelo que toca aos deputados é moderado. Na cortesia da sua língua de prata, diz que êles *travavam infalivelmente de se enriquecer a todo o custo com os dinheiros da nação a que possam deitar as unhas*. Tendo de exprimir uma verdade notória, podia dispensar-se de ser tam deliado. *O serviço do rei que reina e não governa*, escreve o sociologista, *consiste em escrevinhar de vez em quando o seu nome ordinariamente pouco legível em alguns papeis e receber anualmente dos cofres públicos por este importantissimo trabalho uma avultada soma de pccúnia*. A respeito da assinatura pouco legível dos reis constitucionais, quer ealigráfica quer ortograficamente, padre Casimiro pode citar o exemplo de um querido rei absoluto que, chegado à adolescência, assinava-se *Miguel*, num bastardinho de treslado com finos e grossos tam claros e legíveis que logo se eonhecia que as cinco letras diziam *Miguel*. Já o seu inelito avô, o snr. D. Afonso vi, aprendera a fazer o seu nome quando casou. Quanto à *pccúnia*, ealão latino que o presbítero trouxe dos botiquins *de lepis* bracaraenses, finge ignorar o publicista que o rei constitucional, exautorado dos antigos e opulentos privilégios patrimoniais, recebe o que a nação lhe arbitra; ao passo que o rei absoluto, esgotados os réditos da casa rial, arbitrava o que devia receber, reclamando-o em côrtes, enquanto as houve, ou exigindo-o directamente do erário.

Há quáse dois séculos que um sacerdote ve-



nerável, o místico oratoriano Manuel Bernardes aquilatava assim um dos reis absolutos do seu tempo, quer fôsse o incestuoso Pedro II, quer D. João V, o Sardanápalo do ocidente.

«Que são os reis, senão uns ladrões grandes? Ao jôgo do xadrez chamam os latinos *latrunculum ludus*: — jôgo dos ladrõesinhos. Este mundo é o taboleiro onde jogam os reis; e como é taboleiro grande, e não são reis só de pau, ou de osso, senão de osso, carne e sangue, para nutrir essa carne e sangue, alguns dêles não são só ladrõesinhos, senão ladroassos; ladrões, senão omnipotentes, como uma vez ideava um grande prêgador, ao menos muito poderosos: ladrões ou aves de rapina tam grandes, que não arrebatam a um homem pelos ares... senão que arrebatam cidades e reinos, e nas unhas lhes ficam: ladrões finalmente que nas suas unhas não tem pintados em figuras todos os passos e tormentos da paixão de Cristo... senão pintados os tormentos e vêxações da paixão dos povos, e pintados com o sangue dos mesmos povos que nas unhas lhes fica, ou embebido ou escorrendo. Estes pois bem podem vir a ser ladrões... fugindo, sem embargo de ser monarcas imperando» (*Floresta*). . A parte a vernaculidade primorosa dêste mestre da língua, não lhe parece que leu um trecho do *Século*? Pois desta arte o escrupulosíssimo espírito do muito claustral e douto padre do período social mais abslutista considerava os reis, sem discutir-lhes a caligrafia da assinatura.

Pois o não menos católico, mas talvez um pouquinho menos esclarecido estadista de Margarede, decide que ao govêrno de um rei, nas condições do nosso, não pode chamar-se monarquia constitucional. Afirma-o com este arranque: *Custa*



a acreditar que haja homem de probidade e sem razão que ao chamado governo de um tal rei dê o nome de monarquia constitucional, ou mixta, a não se lhe supor grande balbúrdia nos miolos, e desmancho completo nas faculdades intellectuais, ou grande descmbaraço na arte de berliques e berloques aprendida nas cafunas maçônicas. Em sociologia, e no criticismo das modalidades governativas, nem Jeremias Bentham nem Macaulay criaram fórmula mais expressiva que o *berliques e berloques*. É original como este risonho padre, desde 1846 até 1884, manteve sempre a caracterização definida por Pinho Lial há 38 anos — *um pândego!* — Que feliz temperamento! Quando lhe dá, para chorar retóricamente, nem assim consegue descaracterizar-se: então mesmo o leitor lhe presta a vassalagem do seu sorriso.

Quanto aos ministros constitucionais do *reisinho ou reisête*, a lei que os isenta de toda a responsabilidade, afouta-os a *fazerem-sc ladrões*. Diz o padre «que reza há 38 anos o officio divino e ainda não encontrou no calendário romano um ministro beatificado nem 'lhe consta que algum se confesse de oito em oito dias: e, como elles vivem em ocasião próxima com os cofres da nação, é mui provável que lhes deitem as unhas». Sempre tudo *à unha!*

¿ Quereria êle que eu lhe ofrecesse para o seu agiológio alguns ministros do governo absoluto, de cristalina consciência, sem sinal de ferrete na testa? Ora, dê-me de lá um ministro concuSSIONÁRIO na monarquia constitucional, que eu em troca lhe envio para o seu calendário alguns ladrões autênticos da monarquia absoluta. ¿ Serve-lhe o marquês de Pombal? ¿ e o visconde de Vila Nova da Cerveira? ¿ e o conde de Basto? ¿ e o João



de Matos de Vasconcelos Barbosa de Magalhães ? Reze-lhes por alma, se é que elles não exercitam no inferno irremessivelmente a perpetuidade do *pulo*.

¿ Que ladrões me oferece, em troca, na série dos ministros liberais ? E escolha entre os vivos que aí estão a rebentar, uns como Cresus, outros como Crassus. ¿ Quer exemplos dos mortos ? O bispo de Viseu, cuja veneranda sombra s. reverência morde, algumas vezes ministro, quando estava no poder, cedia os rendimentos da mitra, e não podia sustentar dous sobrinhos em Coimbra por falta de meios; e, por sua morte, o espólio da guarda-roupa prelatícia eram dois pares de calças, umas muito no fio, outras com fundilhos. Aqui tem o depredador que s. senhoria insultou boçalmente por que elle reelamara o seu voto pérfidamente dado a favor da infalibilidade do papa. ¿ Quer outro ladrão ? António Rodrigues Sampaio, um lutador de meio século, que legou à sua família um miserável monte-pio. ¿ Está ansioso por me falar de Costa Cabral ? O conde de Tomar estava pouco menos de pobre quando o conde de Ferreira lhe legou cem contos. ¿ Fulmina-me com o Saldanha ? ¿ O padre pode lá medir com a sua iniopia o gigante, o Cid cavalheiroso, o lidador indomável, o atleta desta Lilliput, que contraía dívidas, quando ministro, para as pagar com os seus ordenados de diplomata ? Como aquella mal compreendida alma, desenganada dos homens, do Larmanjat e do guano, se refugiava nas quimeras do teologismo e da homœopatia ! E morreu pobre, ¿ não sabia ? ¿ E que me diz da imaculada alma do gentilissimo duque de Loulé ? ¿ E da probidade austera do duque de Avila encouraçado de comendas e eruzes para que o demónio dos mans pensamentos lhe não penetrasse no peito ? ¿ E Rodrigo da



Fonseca, rival de Passos Manuel no desinterêsse ?  
¿ E Fontes Pereira de Melo invulnerável em pontos de honra como Anselmo Braamcamp ? ¿ Não sabe que António de Serpa e Mendes Lial e Andrade Corvo, quando deixavam de ser ministros, iam ganhar a sua vida no jornalismo, e no magistério, e saldar com êsses mesquinhos salários as suas dívidas contraídas no poder ? ¿ E Lôbo de Avila, um destro gymnasta de talento que se tem dado por bem pago com a benemérita reputação de muito esperto ? ¿ E Latino Coelho ? um ministro que, em matéria de ladroagem, só correu eminente risco de ser roubado nos diamantes do seu estylo, se se demorasse no gabinete a ler e a subscrever portarias bordalengas. ¿ E o lovelaciano Barjona, grande salteador de corações incautos e mais nada ? ¿ Não viu Tomás Ribeiro, quando largou segunda vez a pasta, abrir escritório de advogado ? E Lopo Vaz que tem saído do govêrno mais ilibado e menos mártir do que safu do govêrno da Índia outro Lopo Vaz, seu problemático avô. Pinheiro Chagas escreve correspondências para o Brasil e artigos avulsos nos jornais literários a fim de conservar a vêlha freguesia dos seus admiradores. José Luciano de Castro acinge-se às restrições de uma austera parcimónia para educar os filhos com o seu património. Ao conde de Casal Ribeiro perguntem-lhe por metade dos seus haveres herdados.

Pois tôda esta malta de salteadores dos cofres, com o que amealharam sendo ministros, não vingariam edificar um *cottage*, como o do presbítero de Felgueiras, arranjado com hóstias e cantochão, uma delícia bucólica alcandorada num sêrro donde se avistam sete freguesias e mais parte de cinco.

De ministros ladrões no govêrno absoluto de D. João VI fala-lhe um dos mais severos historia-



dores da Europa: «Portugal, o vólho conquistador das costas de África e Ásia, o colonizador da América tinha-se tornado por sua vez uma colónia do Brasil, onde um govérno corrupto, os ministros de D. João vi, desperdiçavam loucamente os impostos ou os roubavam para se locupletarem ou para enriquecerem aventureiros sem mérito e fidalgos abastardados» (A. *Herculano*).

Outro historiador da mesma austeridade e inteligência não menos lúcida, Oliveira Martins, descreve-lhe assim a engrenagem do maquinismo político que preparara o advento de D. Miguel ao trono: «Tudo estava absolutamente podre, caíndo a pedaços, esboroando-se numa gangrena. Contava-se de desembargadores do paço que chumbavam dados, marcavam cartas, passavam provisões falsas, eram assassinos, ladrões, e comciam estupros, sem deixarem de rezar o tétço e comungarem com tóda a devoção. Na loja de bebidas de Marcos Filipe onde se reüniam empregados públicos, sabia-se, por exemplo, que dos 17 da contadoria de Marialva só 3 ou 4 não eram ladrões. Não tinham conta as lojas onde se podia depositar dinheiro para obter empregos... No paço, os *canais* e *empenhos* vendiam tudo; mas nos tribunais era pior ainda. No Desembargo-do-Paço, na Mesa-da-Consciência-e-Ordens, no Conselho-da-Fazenda vendiam-se até os despachos mais triviais, e as consultas favoreciam quem melhor pagava. A sociedade estava tam perversa na moral como na inteligência... A polícia era uma malta de denunciadores pôr dinheiro, e sabia-se de um Pinet, de origem francesa, que dava graus maçónicos a quem os queria, à razão de meia-moeda, para receber depois outro preço da polícia, denunciando os novos pedreiros-livres...» (*Hist. de Port. T. 2.º*, pag. 231 e seg.)



\*

Ah! Os *pedreiros-livres*! anunciados pelo próprio Deus há dezoito séculos! Três apóstolos a profetizá-los, duma assentada, designando elaramente ser este século o do seu advento!

Interroga padre Casimiro com três admirações perfiladas: *Em que século dos passados e em que parte do mundo, apareceram homens, que prometeram liberdade ou se apelidassem liberais?!!!* E responde: *Por certo, que em nenhum, senão no actual, e por consequência é elaro como o sol que todos os três apóstolos se referiram aos homens que agora se apelidam o que hoje elhamamos mutções, ou pedreiros-livres ou liberais.*

¿ Pois nunca apareceram homens que promettessem a liberdade? Padre Casimiro esqueceu a vitória de Maratona, 500 anos antes dos seus apóstolos profetas — batalha resolutiva para a iniciação da democracia ateniense, de modo que, na frase de Heródoto, então se formaram os primeiros cidadãos livres. ¿ Como explica o suplício do cônsul Cássio que tentara libertar a terra para desoprimir o povo escravizado aos patricios? ¿ A morte de Caio e Tibério Graccho não lhe parece que fôsse uma luta malograda contra os *optimatas* a favor da liberdade da plebe? ¿ Que significação tem para s. reverência a guerra social de Mário à frente do povo, e Sylla na vanguarda dos nobres? ¿ Não seria a questão da liberdade? ¿ Também se esqueceu de Spartacus e da *guerra dos eseravos*? Nas pelejas da burguesia germânica para a formação das comunas, ¿ não vê a cada passo invocada a liberdade, e o povo enfim restituído aos seus direitos políticos? E todos quantos pereceram pro-



pugnando pela liberdade, ¿ que eram senão *liberais*?... Wolfgang Schuch, Pedro Ramus, Bockelson de Leide, Giordano Bruno, Pompeio Vanini e João Huss, com tôda a certeza foram assassinados como factores da infalibilidade do papa e do despotismo teocrático, ¿ não é verdade? ¿ E Lutero, e Calvino, e Rousseau, e Voltaire, e Montesquieu e 1789? Mas, se lhe parece, deixemos estas curiosidades aos caixeiros.

\*

Atido às profecias de Judas, Pedro e Paulo, crê o sr. padre Casimiro que o *Espiritismo*, ou o diabo, veio com os liberais à hora prefixa.

Os magnetizadores são diabos autênticos precursores do anti-Cristo, e tão irracionais que se gabam de parentes dos *animais rabudos*. Juntamente com os espiritistas vieram os *progressistas*, profetizados também, há dezoito séculos, nestas palavras de S. Paulo: *Sed ultra non proficient*. Este latim diz literalmente: *mas não irão por diante*; porém, como o padre António Pereira de Figueiredo traduziu: *não irão com o seu «progresso» a diante*, — afirma padre Casimiro que aquele «progresso» quer dizer «os apelidados *progressistas* da época actual.»

Os snrs. Anselmo Braamcamp, Emídio Navarro, Tomás Bastos, Mariano de Carvalho e os outros infelizes profetizados talvez desconheçam que o Espirito-Santo os tinha de olho há dezoito séculos.

Pois, se se consideram honrados com essa importância, agradeçam-o ao exegeta cabalista de Margaride, posto que êle lhes aplique o *cupidi* de S. Paulo, que traduz libérrimamente *ladrões*.



Agüentem-se. De mais a mais, affiança que o progresso destes *progressistas* não irá avante, *non proficient*. Efectivamente, ou o govêrno progressista cafu de vez, ou tem de voltar ao poder para realizar o vaticínio da queda em edição definitiva. Parece que os *regeneradores*, para que êle não se levante, intrigam incessantemente com o Espírito-Santo. São duas potências que auxiliadas pelos *constituintes* podem afinal despenhá-los no inferno onde há o ringir de dentes, *stridor dentium*, e nenhum orçamento.

Que o destino dos *regeneradores* não há-de ser mais refrigerante, saibam-no êles. Amargamente se queixa o padre de que o actual govêrno, em 1884, tributasse as missãs. Explica teológicamente que o tributo é imposto ao sacramento, onde o Redentor aparece pessoalmente sacrificado como no Calvário, de modo que Jesus-Cristo é tributado por aparecer, em pessoa, na hóstia. Quando appareceu a primeira vez, os judeus crucificaram-o; e agora, que reaparece transfigurado, os regeneradores lançam-lhe o imposto.

Ainda assim, há factos que denotam idéas religiosas no ministério-Fontes.—transacções ortodoxas com os prelados ultramontanos. *Semi-católicos* lhes chama padre Casimiro; mas êle mesmo lhes insinua que a sua posição não é agradável: *Sendo semi-católico não poderá entrar todo inteiro no céu, ... e ficará meio de dentro e meio de fora; e Deus, sendo perfeitoissimo, não pode consentir a cousa manchada. Nesta posição arrisca-se o miserável semi-católico a que, chegando o diabo às portas do céu, e vendo-o deste modo, o arraste pelas pernas ao inferno para o assar lá nas grelhas eternas.* Tal é a sorte assaz quente que espera o sr. Lopo Vaz e o sr. Hintze Ribeiro. Uma falsa posição, e dois falsos bifes perpétuos de grelha.

\*

¿Seria temeridade suspeitar do funcionalismo normal do cérebro que assoalha estas idéas ?

Padre Casimiro, medindo por si o alcance psíquico da clerezia lusitana, diz que há padres versados nos mais sérios estudos. Concede que o clero actualmente seja menos culto em sciências naturais — só nisso. E pergunta, num ímpeto irresponsável de justiça: *¿ Que importa, em suma, que tenham aparecido novos processos químicos, que se haja aumentado a nomenclatura botânica e aperfeiçoado o sistema mineralógico ? ¿ Que lhe importa ao povo isso ? Mas importa-lhe saber que existe um Deus que pune o crime e premeia a virtude: que há outra vida em que se fará justiça aos bons e se dará castigo aos maus.*

A vasta enciclopedia generalizada que lavrou nos cem anos decorridos desde Diderot até Spencer reduz-se a novos processos de química, ao aumento de nomes botânicos, e aperfeiçoamento do sistema mineralógico. Está neste sistema o snr. padre Casimiro. Recopila no desenvolvimento destes três ramos de sciências naturais toda a bagagem scientifica do século XIX. Desde Parmenides até Augusto Comte é tudo mineralogia química e botânica. Sim. Bacon e Descartes, Spinoza e Leibniz em botânica fizeram profundas investigações nas eueurbitáceas a criarem a fisiologia das abóboras. Berkeley e Hume descobriram a morfologia do tortulho; Rousseau e Voltaire levaram a penetrante análise até à embriologia do coentro. Charles Letourneau, Abel Hovelacque, Guyot, Véron, Topinard, extraíram das retortas da química a biologia, a antropologia, a linguística, a estética



e a ciência económica. No sistema mineralógico, Kant e Schelling deitaram prodígios, mostrando como o octaedro se transforma num cristal paralelepípedo; e Stuart Mill e Hartmann levaram o sistema das propriedades ópticas dos minerais a um ponto de perfeição pouco conhecido do clero português. Quanto à história, à filosofia, à sociologia, à ontologia e à ciência das religiões, isso estava tudo feito e aperfeiçoado por frei Bernardo de Brito, pelo filósofo Genuense, pelo abade de Salamondi e pelo padre Inácio da Companhia; pelo que respeita às Artes, acham-se no pé em que as deixou fr. João Pacheco no seu *Divertimento erudito*, e quanto às ciências físicas, cá nos vamos remediando e mantendo a nossa autonomia com as *Recreações filosóficas* do padre Teodoro de Almeida. Burnouf, Lenormant, Ernest Havel, Max Müller que romperam as trevas da história com sulcos de luz inextinguível até encontrarem os mitos religiosos, esses são dispensáveis num país onde temos o filósofo Vaz e o mitólogo padre Conceição Vieira. Ora o povo, esse o que precisa é saber que existe Deus, e padre Casimiro é homem legítimo para lho apresentar como quem o conhece, perfeitamente; e não será menos idóneo para o persuadir da justiça divina no outro mundo, visto que, neste, seria indiscrição querer demonstrar que Deus exerce alguma jurisprudência.

\*

O artigo *Matrimónio* tem um alcance que lhe daria foros a intitular-se, mais à moderna, *Fisiologia do casamento*. Impugna o snr. padre Casimiro a dissolubilidade do matrimónio, propagada pela maçonaria, e expende a sua doutrina mais con-



soante com a Escritura e com a igreja católica. Segundo êle, a antipatia entre casados é uma questão de sensualidade. Pois que o marido não acha na espôsa a felicidade perfeita, vira-se para outras. Nas mulheres, que se viram para outros, não fala. «Vemos muitos homens, diz o moralista, abandonarem as suas mulheres lindíssimas e mui prendadas de apreciáveis dotes do corpo e da alma, com quem estão casados, e procurarem cegamente, sem vergonha do mundo, nem temor algum de Deus, mulheres às vezes bem feias, da infima classe, e até esfarrapadas e nojentas para... etc.» O sr. padre Casimiro, em transgressões do 6.º mandamento, emprega imoderadamente a linguagem teológica de Busembau e Larraga. Faz muito bem. Pintar o vício de modo que êle faça nojo é mais eficaz que o melhor sermão sôbre as transgressões da castidade. Petrónio é um dos antigos mestres do realismo a nú. As orgias do Trimalchio revoltem as entranhas vomitivas do leitor, e por isso mesmo é que Burmann qualifica *Petronius* de varão santíssimo, *virum santissimum*. Igual santificação cabe ao marquês de Sade. Zola e os irmãos Goncourt entrarão no mesmo *Flos-sanctorum*; e eu, se tiver descendentes que zelem os interêsses agiológicos da minha memória, talvez concorra com *Eusébio Macário*, piorado pela *Corja*; e padre Casimiro com o seu *Matrimónio*.

Quanto, porém, à preferência que alguns donos de formosas damas dão a mulheres feias, isso, que parece um aleijão da natureza, é um acerto providencial. A não se dar essa perversão nervosa, que destino teriam as mulheres deserdadas de gentileza? Disse Molière:

*Vê-se uma formosura, e deixa-nos de gelo;  
aparece uma feia, e logra derretê-lo.*



Não obstante, autorizado por um texto dos livros sagrados, padre Casimiro chama bēstas aos tais maridos, *sicut equus et mulus*; e dessa bestialidade resulta pretenderem eles o *casamento civil ou o concubinato geral* para seduzirem e prostituírem várias mulheres. E de entre as prostituídas, cita *uma pequena de Braga chamada a Bona* que aos dezanove anos parecia ter cincoenta. Horrível espectáculo! Mas a natureza e a arte, às vezes, fazem que as mulheres de cincoenta pareçam ter dezanove. A Ninon de Lenclos e a Marion de Lorme, aos oitenta anos esbraseavam os peitos dos adolescentes, e não seriam mais castas que a *Bona*.

Penetrando na teoria das paixões, assenta o psicólogo que tōdas as nossas sensações estão dentro de nós, e que os objectos que as despertam estão fora de nós. Aristóteles encontra-se com Calino. Logo, da maior ou menor atenção que a nossa alma interior presta aos objectos externos resulta dor ou alegria, simpatia ou antipatia. Isto seria nebuloso como um postulado de Kant, se o filósofo prático nos não exhibisse três exemplos: 1.º, o *Bicho*, 2.º o *Trejeito dos beijos*, 3.º os *Olhos tortos*.

Quanto ao *Bicho*: Se, quando estamos a comer, encontramos um bicho envolto na iguaria que tanto nos regalava, passamos logo a detestá-la até ao vômito. Ora, se a iguaria nos deliciava tanto o paladar e já lá tinha o bicho, ¿ por que é que depois a aborrecemos? é por que vimos o bicho. Isto prova que o gōsto ou desgōsto é o resultado da maior ou menor atenção da alma sōbre os objectos.

Agora, o exemplo do *Trejeito dos beijos*. Conta de um seu condiscípulo que teve um *rendcz-vous* com uma menina de Braga; e que ela, nessa ocasião, ao passar por êle, fizera um trejeito esquisito com os beijos; e o estudante ficou tam aborrecido



da carêta que acabou com o namôro. *A mulher na realidade era a mesma*, assevera o snr. padre Casimiro; mas o trejeito desfigurou-a no espelho da alma do seu condiscípulo.

Pelo que respeita aos *Olhos tortos*, narra a história de um rapaz do Pôrto que fôra ao Brasil ganhar dinheiro para casar com certa menina. Quando voltou, achou-a casada com outro mais endinheirado. Acaso se encontraram, e êle, notando que a pérfida era vêsga, ¿ perguntou-lhe que diabo tivera nos olhos? Ela respondeu que sempre assim fôra. O rapaz ficou então aparvalhado por nunca lhe ter visto o defeito, falando com ela tantas vezes. Aqui pondera o padre: *é que nesse tempo olhava para ela com vidros de côr que a paixão lhe punha nos olhos*. Parece que os vidros não eram de côr: seriam vidros de desentortar.

Compulsando as causas mais eficientes da antipatia entre casados, espreita os mistérios genésiacos à porta das alcovas nupciais, e, metaforizando os pescansos que fez, diz: «Pode concluir-se com sobeja razão que a dormida, não sendo prevenida desde o princípio com a prudente e precisa separação, contém motivos bem conhecidos e assaz fortes para produzir o aborrecimento mútuo entre os cônjuges, e mesmo a ruína da saúde por diversas causas.» A saúde e a simpatia dependem por tanto da *dormida*. Quer dizer que durmam muito os cônjuges. No caso de espertinas, ao deitar, amendoadas, láudanuni, xarope de cloral; depois, de manhã, banho de canôa, alimentação vegetal, alguma gymnástica; e, não havendo *Lawn Tennis* ou *Cricket*, o que de-certo não há em Cabeceiras. Atei e Mondini, outros exercícios: o marido que roce um carro de mato; a espôsa que ensabôe um cêsto de roupa, estafando os braços sanguíneos



a bater o seu bragal na pedra puída do lavadouro. Porém, as mulheres capazes dêste regímen não devem procurar-se, adverte o dormitólogo, *nos teatros, nas assembleias, nos bailes, por alcovitices, por namoros*, etc. Procurem-as até poderem achá-las, inenos em Basto, já sabem porquê. Tenham-me sempre de olho aquelas *junções dos diversos sexos*.

\*

Insiste largamente no Espiritismo, ciência diabólica. Ajouja um rosário de plágios sandens, de acôrdo com um tal padre Conceição Vieira — umas anedotas copiadas do *Despertador, advogado das almas do purgatório*. Um desencadeamento de idiotices que ferem a nota da comiserção. Não conheço quem tam literalmente aceitasse o conselho do alucinado Pascát: «Para erer, é necessário *s'abê-tir* — afogar a razão em água-benta.

Compreende-se que um padre rústico da aldeia assoalhe ao seu auditório da lareira êstes apocalípSES parvoeirões; mas inprimi-los e atirá-los aos balcões das livrarias, entre os livros da vida da alma moderna — condensação luminosa de milhares de séculos — é um arrôjo que seria punível a não lhe sér desculpa a liberdade da imprensa. Que opróbrio, se um livro católico desta espécie passasse a França como de lá vem os livros religiosos de Veuillot, de Barbey d'Aurevilly, d'Ernest Hello, de Osanam e de Léon Bloy!

O diabo em pessoa é o motor do espiritismo — insta o padre — o diabo, um tipo em que pouca gente acredita, desde que êle, para fazer anóninamente das suas, usou o refinado ardil de fazer acreditar por via de Guerra Junqueiro, seu particular amigo, que tinha acabado. O padre Ventura de



Raulica afirma que *le chef d'œuvre de ce personnage e'est d'être parvenu à faire croire qu'il n'existe plus.*

E o sr. Guerra Junqueiro, se de-véras matasse o diabo, perpetraria um crime de lesa-literatura. *O diabo é magnífico se o encaramos esteticamente*, diz Alexandre Buchner, e acrescenta: *Em mãos de poetas o espirito mau volre-se um assunto inexaurível de belezas literárias; e eu me persuado que a poesia moderna, conquanto riquíssima e variada, nada inventou mais surpreendente que a figura umas vezes atroz, outras vezes sarcástica de Satanás.* O «Paraíso perdido» de Milton, a «Messiada» de Klopstock, a «Divina Comédia», a «Jerusalém libertada», o «Mago miraculoso» de Calderon, o «Fansto» de Goethe, o famoso romance de Lesage, o «Cain» de Byron, e o «D. João» de G. Junqueiro seriam obras banais e esquecidas sem a intervenção do Diabo, com os seus variados nomes de Lueifer, Metisto, *Mophostophilis*, segundo Marlow, Plutão, Satanás e Asmodeu, segundo outros, e mais modernamente *pedreiro-livre*, *progressista* e *republicano*, segundo o sr. padre Casimiro.

Estou cansado, cheio de tédio que é uma elorformização ansiada, a angústia da alma que proslituiu a sua atenção a cento e vinte páginas teológicas desta casta. E então hoje em dia que o fastio em literatura resiste ao perrechil de Zola, e livro que se releia com paciência é raro como os brilhantes pretos. Nessas cento e vinte páginas, sente-se a deliquescencia do cérebro, ofega-se em ânsias pantanosas no ar pútrido dos vélhos detritos; agoniza-se, à falla de ar, nesse labirinto de necesdades. Há aí páginas tam cruas de ignorância e ousadia, tam delirantes de visualidades freno-



4 páteas e absurdas em homem nado neste século, que, ao cabo da leitura, pesa-me a tristeza de quem sai de um hospital de insanos monomaníacos de declamação de mística misturada com injúrias. É bem certo aquilo de Edmond de Goncourt: *Ce qu'il y a à craindre pour l'homme de lettres ce n'est pas de le foudroiement, la mort complète de sa cervette, c'est la douce imbécillité, l'insensible ramollissement de son talent.* Amolecimento, é o que se está dando no talento do snr. padre Casimiro.

Não me dispenso pois de enviar estas e sómente estas palavras severas e tristes ao homem lendário da revolução do Minho, a ver se evito que a sua obra se faça acompanhar de outras que rebaixem a religião de Jesus até onde a tem abatido alguns sacerdotes que soluçam teatralmente aos pés da cruz como a vara dos cerdos grunhem à volta da cevadeira vazia. Declaro, porém, que esta censura não deslustra a honradez nem a moralidade do snr. padre Casimiro José Vieira. Disse Castilho:

*Se escreve mal ou bem, se tem ou não bom senso,  
que tem isso que vêr co'a sua probidade?  
pode um homem ser santo e cheio de asnidade.*

Ah! ; porque não me acompanhou até aqui a sorridente ironia que me alegrara o começo deste livro? É que do mesmo passo que as *Notas* me iam filtrando náuseas, sentia confranger-se-me a alma ao espectáculo de um tal livro heteroclitamente português, mas português, estampado no ano do Senhor de 1884.





## POST-SCRIPTUM

---

Se/alguma vez, neste meu trabalho anêmico, lampejam jovialidades, ironias, risos histéricos, destoantes da original produção literária do monógrafo da guerra civil de 1846, ofereço, como desculpa, ser para mim penosíssima tarefa escrever este livro nostálgico sem o desfôgo de umas eternas ligeirices e verduras que me suavizassem o assunto pesado de saúdades.

O snr. padre Casimiro Vieira e eu somos dois velhos perfilados na primeira companhia do infinito exército que vai trôpegamente avançando à conquista do mistério, e caindo no fôssco, na barbacã da Eternidade.

Vamos cair, os dois conquistadores.

O levita marcha mais serenamente do que eu, por que já sabe, por induções evidentes da sua Fé, que, na vala, o espera o leito onde dormirá um sono de milhares de bilhões de anos, até que a terra seja abrasada pela aproximação do



sol ou se desate no espaço em metralha encadeada de lavas. Depois, ao clangor da trombeta de Josaphat, o snr. padre Casiniro, que professa o Credo da ressurreição da carne, espera ressurgir com os seus ossos articulados, cheios de novas medulas, revestidos de carne lisamente rosada, e lá vai com o seu fígado regenerado pelo azul fora exercitar em outro planeta os seus actos psíquicos como alma, e os seus actos fisiológicos como corpo.

Eu vou também dormir; desgraçadamente, porém, nem a fé nem a filosofia me deram itinerário definido; por isso me afflige a desconfiança de que a encardida epiderme, que me veste a ossada como um velho raspado palimpsesto, não se embêba adiposamente de células esponjosas bastantes, de modo que eu, no *Dies iræ*, no dia das vinganças do Senhor, esteja capaz de aparecer, razoavelmente nutrido, à barra do supremo juiz.

Posto que marchemos ombro a ombro até ao beiral da voragem, uma cega ignorância nos distancia quanto às evidências de além da campaa; e, ao mesmo tempo, a uniformidade de um sentimento consolador nos aproxima — a Resignação. Padre Casiniro prelibou a sua no livrinho de Gerson; eu hauri o bálsamo refrigerante da minha alma calcinada pela dúvida em uma filosofia que não se revolta e transige com as irremediáveis misérias desta vida; por que não posso declinar sôbre as costas de Deus a responsabilidade das minhas desgraças, attribuir-lhe a invenção das paixões que dilaceram a espécie humana e menos ainda adorá-lo nesta natureza impassível que nos esmaga.

Abra o ascético levita a sua *Imitação de Cristo* e leia: «Viver sôbre a terra é verdadeiramente uma desgraça.» A filosofia pessimista soluça o mesmo



treno. Gerson vai com Spinosa até às fronteiras do mistério negro; depois, ambos conformados alé al. envolvem-se na treva, e deixam cada qual o seu rastilho de lágrimas, um no consolador sofisma da esperança, o outro na sincera filosofia da desesperação. Assim nós com os nossos livros imortais como a alma.

Todavia, ao despedir-me da sua obra vibrante de proféticas ameaças de «pulos no inferno», contra os maus costumes actuais, contra os reis ilegítimos, contra os cartistas, contra os republicanos, contra os progressistas, contra os funcionários regeneradores, contra os seus próprios correigionários, contra os impostos, contra as senhoras desonestas de Cabeceiras de Basto, contra os ladrões, contra os libertinos, contra os pedreiros-livres, contra Gambetta, contra Garibaldi e contra o insigne dramaturgo Eneas, perguntei ao snr. padre Casimiro: — Não lhe parece êste mundo execrável até ao extremo de ser blasfêmia dar-lhe como artilice um conjunto de perfeições chamado *Deus*?

Sei como S. Tomás de Aquino e o padre Graíña respondem a isto; o que não sei é como se possa racionalmente anatematizar esta misericórdiosa lamentação de Schopenhauer, o meu oráculo e mestre em paciência: *Se foi Deus que fez o mundo, eu não quereria ser o tal Deus. A miséria das minhas criaturas despedacar-me-ia o coração.*

Quando o snr. padre Casimiro puder hipnotizar as convulsões da sua mística epiléptica, e descer dessas ascèses tenebrosas até às claridades repulsivas da vida humana, ajoelhe e reze a súplica do desesperado Jorys-Karl Huysmans:

*Senhor! sêde piedoso com o cristão que duvida, com o incrédulo que deseja crer, com o forçado da vida que embarcou na sua galé pela escuridão da*



*noite, debaixo de um firmamento onde se apagaram os faróis consoladores da esperança!*

Deus não lhe responderá; mas as modernas angústias do homem que chama os deuses, à imitação do terror antigo que os criara, são sagradas e tamanhas que é pouco menos de infame afrontar com vitupérios o incrédulo atormentado pelo seu materialismo. É isso a esponja chegada aos lábios d'esses cristos que se dilaceram nas presas da sua dúvida para se resgatarem pela morte. Se não pode compadecer-se, padre, seja ao menos egoísta. Arranje o paraíso eterno da sua pessoa, e deixe os ateus, deixe-os padecer e morrer. Não lhes faça pressão cruelíssima nos espinhos da sua corôa, injuriando-os por que êles não podem crer que haja um Deus a contemplar, com a impassibilidade de um Nero divino, as suas cria-turas, estorcidas entre as lavaredas do incêndio que sua majestade suprema assoprou sem ter primeiramente consultado a vontade das vítimas. Cale-se, padre, por honra de Deus, se o acredita!

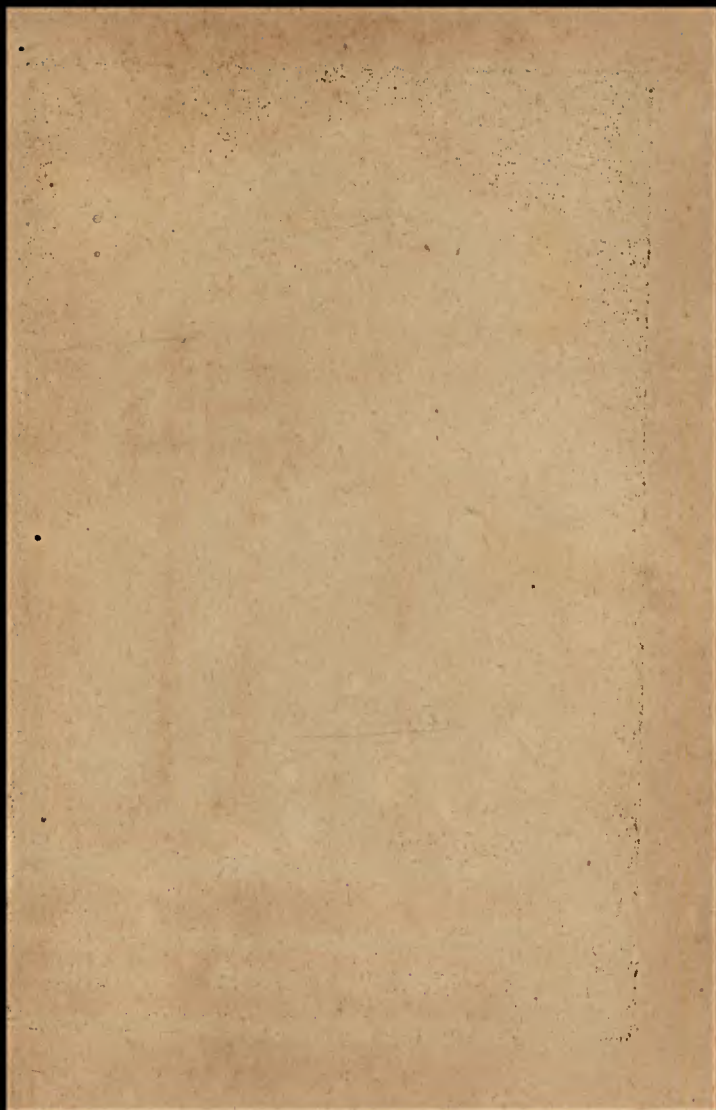
---

#### COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

---

... indo à frente Maria da Fonte com a cruz alçada. . .	25
... garotos esganiçavam-se a berrar «os vivos» . . .	78
As dez moedas que eu levava para Coimbra. . . . .	153
... o juramento que lhe foi insinuado. . . . .	213







FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS  
BIBLIOTECA CENTRAL  
REGISTRO DE EMPRÉSTIMO DE LIVRO

CTA-4-5-8

Tomos 2.698

Autor Branco, Camilo Castelo

Título Maria da Fonte

Classificação 869.08

8813a

N.º do Leitor

Data

TOMBO: 2.698

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS  
E LETRAS DE ASSIS

BIBLIOTECA CENTRAL

Se este livro não for devolvido dentro do prazo, o leitor perderá o direito a novos empréstimos.

O prazo poderá ser prorrogado se não houver pedido para este livro.

MOD. 88 63 - B - 15.000

